

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Wanessa Santana Afonso

Um estudo entre as teorias de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, a partir da obra *A Interpretação dos Sonhos*

Juiz de Fora

2020

Wanessa Santana Afonso

Um estudo entre as teorias de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, a partir da obra *A Interpretação dos Sonhos*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Walter Melo

Juiz de Fora

2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Afonso, Wanessa Santana.

Um estudo entre as teorias de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, a partir da obra A Interpretação dos Sonhos / Wanessa Santana Afonso. -- 2020.

132 f.

Orientador: Walter Melo

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2020.

1. Sigmund Freud. 2. Carl Gustav Jung. 3. Aproximação. I. Melo, Walter, orient. II. Título.

Wanessa Santana Afonso

Um estudo entre as teorias de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, a partir da obra *A Interpretação dos Sonhos*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 29 de julho de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Walter Melo – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Alinne Nogueira Silva Coppus
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Christina Cotta Mello
Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica

AGRADECIMENTOS

A Leandro, meu companheiro e amor, por sua devotada colaboração cotidiana às minhas intermináveis leituras e escritas, que sacrificou tantos finais de semanas para ficar junto comigo, dividindo esse sacrifício como incentivo à minha motivação e perseverança.

À minha família, em especial minha querida mãe, pelas orações e palavras eternas de incentivo; minha irmã Valquíria e meus amados sobrinhos Miguel e Cecília; e não menos familiar, Gilda e Chiquinho, sempre interessados aos acontecimentos envolvidos ao Mestrado.

Aos mortos, meu pai, tias Aparecida e Titina, que comparecem nas mais tênues sensações de minha vida e continuam a viver pelas lembranças que não se extinguem na psique, eterna saudades.

Aos colegas, Jéssica e Thiago Luiz, pessoas serenas e afetuosas na transmissão e repasse de seus saberes.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Walter Melo, pelas supervisões desta pesquisa.

Aos autores estudados nesta pesquisa, que nos mostram a importância do psíquico inconsciente na análise do tempo e da memória como registros atemporais que se inscrevem para além de sua passagem pela transitoriedade da vida, de outro tempo do 'só depois' que retranscreve, rearticula.

Ao conhecimento, que me ensina de forma despretensiosa a compreender que "se eu vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes".

A Deus e às experiências místicas da fé.

RESUMO

A proposta desta dissertação é de apresentar o estudo entre as teorias de Sigmund Freud (1856-1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961), a partir da obra **A Interpretação dos Sonhos** (1900), uma aproximação significativa nas pesquisas experimentais iniciais de Jung. A pesquisa traz como relevância um aprofundamento do entendimento e compreensão da psique a partir da realidade do inconsciente. Os efeitos da teoria freudiana podem ser verificados desde o primeiro trabalho de Jung, no artigo de sua tese de doutorado, intitulada **Sobre a psicologia e patologia dos fenômenos chamados ocultos** (1902), e, em especial, na obra **Sobre a psicologia da demência precoce** (1904-1910), no artigo “Psicogênese das doenças mentais” e da relevância na vinculação com **Fragmento de um caso de histeria**, de Freud, ao seu estudo **Psychoanalysis and Association Experiments**, publicado em 1906. A escolha deste percurso justifica-se através da necessidade de analisar as relações da obra de Freud, **A Interpretação dos Sonhos**, que ganha força na leitura e na aplicação das pesquisas de Jung em referência às verificações de seus estudos psiquiátricos e da aplicação do teste de associação de palavras no interesse da divagação da atenção dos pacientes com demência precoce, já que o fator psíquico de maior influência sobre o mecanismo no teste é a atenção, revelando, por conseguinte, a origem do complexo patogênico. A aproximação de suas teorias presentificam a dinâmica do psiquismo e, particularmente, o inconsciente. Jung comprova através da palavra-indutora que um conteúdo emocional é alcançado, demonstrando experimentalmente a existência do psiquismo inconsciente como tudo aquilo que Freud vinha demonstrando quanto ao modo de funcionamento do aparelho psíquico.

Palavras-chave: Sigmund Freud. Carl Gustav Jung. Aproximação.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to present the study between the theories of Sigmund Freud (1856-1939) and Carl Gustav Jung (1875-1961) from the study **The Interpretation of Dreams** (1900), a significant approximation in Jung's initial experimental research. The research brings as relevance a depth of understanding of the psyche from the reality of the unconscious. The effects of Freudian theory can be seen since Jung's first work in the article of his doctoral thesis entitled **On the psychology and pathology of so-called occult phenomena** (1902) and especially in the work **On the psychology of early dementia** (1904- 1910) in the article "Psychogenesis of mental illnesses in linking the Fragment" of a case of Freud's hysteria to his study **Psychoanalysis and Association Experiments** published in 1906. The choice of this path is justified by the need to analyze the relationships of Freud's work, **The Interpretation of Dreams** which gains strength in reading and applying Jung's research in reference to the checks of his psychiatric studies and the application of the word association test in the interest of wandering the attention of patients with early dementia, since the psychic factor with the greatest influence on the mechanism in the test is attention, thus revealing the origin of the pathogenic complex. The approximation of his theories presents the dynamics of the psyche and particularly the unconscious. Jung proves through the inducing word that an emotional content is reached, demonstrating experimentally the existence of the unconscious psyche as everything that Freud had been demonstrating regarding the way the psychic apparatus works.

Keywords: Sigmund Freud. Carl Gustav Jung. Approximation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	DE VIENA A ZURIQUE, FREUD E JUNG NO CAMINHO DO INCONSCIENTE	15
2.1	OS ESTUDOS DE FREUD NA CONSTRUÇÃO DO APARELHO PSÍQUICO.....	19
2.1.1	O sonho e sua fonte de material das experiências vivenciadas: seus registros e impressões	22
2.1.2	O sonho no campo do desejo: a experiência de satisfação como explicação ao esquema da construção do aparelho psíquico de Freud	25
2.2	JUNG E SUA ENTRADA NA PSIQUIATRIA	29
2.2.1	O Hospital Burghölzli e o associacionismo	31
2.2.2	O teste propriamente dito de associação de palavras de Jung	35
3	<i>A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS</i>	45
3.1	TEORIA DO PSÍQUICO: O CAMINHO DO INCONSCIENTE COMO REALIDADE PSÍQUICA NA TEORIA DOS SONHOS.....	47
3.1.1	Importância dos conteúdos afetivos no material do sonho, tendo como base no adoecimento psíquico – a resistência e o desejo	51
3.1.2	Os sonhos e sua relação com o desejo	53
3.1.3	A topografia do aparelho psíquico de Freud – Primeira tópica (Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente)	58
4	OS EFEITOS DA OBRA <i>A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS</i> SOBRE A TEORIA DE JUNG	64
4.1	A APROXIMAÇÃO DE JUNG A FREUD: DO TESTE DE ASSOCIAÇÃO DE PALAVRAS NOS ESTUDOS PSIQUIÁTRICOS DE JUNG À ASSOCIAÇÃO LIVRE EM FREUD.....	67
4.2	SOBRE A CRÍTICA OPOSITIVISTA DA VISÃO MATERIALISTA SOBRE OS ESTUDOS DA CONSTITUIÇÃO PSICOLÓGICA DO PROCESSO PSÍQUICO....	76
4.3	A APROXIMAÇÃO DO ENCONTRO PESSOAL ENTRE FREUD E JUNG.....	80
4.4	<i>A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS</i> E SUA QUESTÃO HISTÓRICA NA INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DE JUNG	82
5	É APROXIMADO O FIM	103

5.1	DA APROXIMAÇÃO DO FORTE LAÇO TEÓRICO E PESSOAL ENTRE S. FREUD E C.G. JUNG, O CAMINHO DE UM ROMPIMENTO DEFINITIVO ESTÁ POR VIR	103
5.2	DAS CORRESPONDÊNCIAS	106
5.3	JUNG VAI SE DESPEDINDO.....	109
5.4	FREUD SE DESPEDE DE JUNG E SINALIZA NOS TEXTOS “A HISTÓRIA DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO” (1914) E “SOBRE O NARCISISMO: UMA INTRODUÇÃO” (1914), QUE SE SEGUE SÓ.....	116
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	126

1 INTRODUÇÃO

Em tempos difíceis, quando uma pandemia de um vírus letal, denominado de Covid-19, nos atravessa, algo se impõe sobre o fim da vida. Vem à tona o prenúncio de um grande conflito no ponto limite da existência, a morte. Inconcebível e inimaginável, já que não traz em si a marca de um registro dessa autovivência no inconsciente. Segundo Freud: “O homem, embora possa ter provado a dor pela perda do ser amado, não pode experimentar-se a si mesmo morto” (FREUD, 1915, p. 306). O que então elaborar disso? Como, então, passar pelo desafio em fazer-se por cumprida, pela exigência entre o tempo cronológico e o tempo de elaboração, uma escrita de dissertação?

Foi justamente, nesse tempo inédito, que as leituras e escritas desta pesquisa precisaram também se sustentar, de um lugar em que somente leituras analíticas, como as de Sigmund Freud (1856-1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961), poderiam marcar como um “isso mostra” do improvável que se produza também pela escrita. A proposta alcançada no tema desta pesquisa de mestrado traz também um estatuto que não pode ser totalmente humano por não se reconhecer ali, nos sonhos: **Um estudo entre as teorias de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, a partir da obra *A Interpretação dos Sonhos***. A essa dificuldade fez-se a articulação aos supostos incômodos que outrora conjecturam terem feito parte da vida dos autores abordados, nesta pesquisa, e que, de alguma maneira, transmitiram suas histórias atravessadas em seus processos de elaboração, na transmissão por suas obras teóricas, por meio de suas escritas.

Sigmund Freud, após um longo período de insistências, estudos e pesquisas acompanhadas de frustrações, crises de depressão, descrenças à sua teoria e rejeição às suas descobertas científicas e da morte de seu pai, pôde, então, a partir de sua autoanálise com os sonhos, propor uma demarcação de todo o enlace da trama complexa e desconhecida da história de sua vida. Conforme o médico austríaco, “embaraçoso e inevitável, sujeitei-me a isso para não ter que desistir da demonstração dos meus resultados psicológicos” (FREUD, 2019, p. 16), pondo em diante, após essas experiências, a retomada de seu processo criativo.

Com Carl G. Jung não foi diferente. Houve também um período recluso, a separação e o rompimento definitivo de sua relação com Freud. Um tempo que conta aproximadamente três anos sem escrita, sem produção. Ao retomar, afirmou que a verdadeira produção apresentada sobre si só se deu por compreendida quando permitiu que sua vida fosse guiada pelo inconsciente. Sua vida era a história de um inconsciente que se realizou: “Só consigo

compreender-me a partir dos acontecimentos interiores, a minha vida é pobre em acontecimentos exteriores. Não posso contar muito sobre estes; ia parecer vazio ou inócuo” (JUNG, 1962).

Tomando como ponto de partida para introduzir nosso tema de pesquisa, ambos afirmaram em suas respostas a relevância do inconsciente no direcionamento de suas vidas e da importância do trabalho da escrita como uma reflexão da assunção do sujeito de um irreduzível real que se opera e resiste em ser capturado pela linguagem, sendo ela escrita, falada, por gestos, olhares, atitudes, etc., que conduzem a uma mensagem. Como disse Clarice Lispector (1920-1977): “Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu” (LISPECTOR, 1991, p. 3).

Sigmund Freud (1856-1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961) contribuíram para o progresso da ciência, principalmente, ao modo totalmente original de seus saberes, a partir de suas teorias que se diferem de outras formas de investigação da vida mental. A começar pelos métodos de investigação com base na terapêutica dos fenômenos das neuroses, nos atendimentos aos modelos clínico de Freud e à maneira inicial de Jung através do método experimental.

O ponto inicial de destaque da presente pesquisa é que ambos os autores, ainda tendo em vista a dimensão médica organicista, caminham no cuidado de pensarem o psíquico a partir do não neurológico e concomitante ao psicofísico, avançando numa viagem ao mundo interno do ser humano. Mesmo embasados na busca de um substrato científico, seguem para além das ciências cognitivas, em especial, o behaviorismo, indo a um substrato filosófico, permitindo-se conhecer alguma coisa “a mais” no entendimento da psique humana, seu modo particular de ação e sua maneira de lidar na vida.

As visões predominantemente materialistas, populares no final do século XIX, deixaram sua marca, como em todos os lugares, na teoria médica e, particularmente, na teoria psiquiátrica. Essa época, terminando com uma Guerra Mundial, colocou a fé no axioma: doenças mentais são doenças do cérebro. Além disso, pode-se, com impunidade, atribuir até mesmo as neuroses a toxinas metabólicas ou a distúrbios das secreções internas. Esse materialismo químico, ou, como podemos chamá-lo, “mitologia cerebral”, veio ao luto mais rapidamente no domínio da neurose do que na psiquiatria. Foram, acima de tudo, as experiências dos psicologistas franceses Pierre Janet (1859-1947) e da Escola de Nancy – uma escola centrada na hipnose de psicoterapia –, que, com o apoio de Auguste-Henri Forel (1848-1931), na Suíça, e S. Freud, na

Áustria, que a ideia da base orgânica da neurose acabara, pelo menos em teoria. Hoje, ninguém duvida que as neuroses sejam psicogênicas, que a causa essencial de uma neurose, ou a condição pela qual ela surge, é de natureza psíquica. Pode, por exemplo, ser um choque psíquico, um conflito cansativo, um tipo errado de adaptação psíquica, uma ilusão fatal e assim por diante (JUNG, 1960, p. 202).

A presente pesquisa tem o objetivo principal de transmitir, segundo os estudos Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, a descrição de um território fascinante, cujo campo envolve algumas das mais profundas e difíceis questões fundamentais que refutam a reverência à consciência como o lugar da verdade e do absoluto. Nesse mundo, cartesianamente concebido e conduzido, o ideal narcísico de uma consciência idêntica a si mesmo é plenamente atingido. Acontece, porém, que não há dominação que consiga ser total e não há controle que consiga ser absoluto (GARCIA-ROZA, 1988).

Através de uma pesquisa histórico-filosófica e de uma literatura analítica – a de uma interpretação da estrutura do humano para que a subjetividade possa se construir –, apresentaremos os estudos do inconsciente¹, uma das justificativas principais na construção e desenvolvimento das teorias elaborados por Freud e Jung, na interconexão sobre esse objeto de estudo e a relação afetiva e teórica entre eles no trabalho das elaborações das operações psíquicas, como grande contribuição para a história e filosofia da ciência. Destacaremos os trabalhos dos autores Sigmund Freud (1856-1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961), a partir da obra central de interesse nesta pesquisa, **A Interpretação dos Sonhos** (FREUD, 1900), que anuncia o ponto de contato entre eles. Embora sejam tão distintos em épocas, idades e locais geográficos, os dois fizeram trilhar um mesmo caminho numa investigação que tanto os aproximou, tendo em questão os estudos do inconsciente.

No entanto, a partir de uma época histórica na qual as publicações desses dois autores, cujo esforço intelectual não evitaram as dificuldades impostas aos questionamentos das chamadas ciências das escolas empiristas e exigências que comprovassem e justificassem de forma experimental o que se pesquisava, S. Freud e C. G. Jung marcaram a história da psicologia e demais ciências com suas contribuições de maneira inédita na compreensão dos processos psíquicos. Trata-se de um estudo que persiste no tempo, de um problema que resiste

¹ Segundo a concepção de Jung, o termo Inconsciente refere-se ao desconhecimento do mundo interno no qual exerce uma forte influência na vida de cada indivíduo e que escapa ao controle do campo da consciência. Possui ainda uma fonte de conteúdos de uma força criativa, podendo ser comparado a tais conceitos: alma; efeito compensador; atividade, animação; imagens primitivas; originário dos mitos e símbolos; escapando-se em palavras, como na poesia; tem como produto, a fantasia; et al. (JUNG, 2013, p. 593).

na busca pela compreensão da psique, nas mais diversas pesquisas e campos da ciência ao infundável questionamento e suas tentativas de explicações do campo mental.

O século XIX é marcado por um período de questionamentos e reflexões às diversas descobertas nomeadas como ciência natural e humana. Segundo o filósofo alemão Wilhem Dilthey (1833-1911), para se estudar a sociedade e a história, é preciso lançar mão das bases, essas bases, conforme o referido autor, está no estabelecimento da distinção entre as ciências naturais e as ciências humanas. Ambas ciências complexas com a qual a Psicologia tem de se encontrar enquanto ciência do mental (SHAMDASANI, 2003).

Existem diversos posicionamentos e interpretações sobre o campo psicológico em que a psicologia se fundamenta. Historicamente, constata-se que o conhecimento psicológico foi concebido ora como parte integrante das ciências naturais, ora como integrante das ciências humanas, uma diversidade de visões sobre o seu lugar, *status* e dicotomia enquanto ciência (STAATS, 1991). A questão apontada é que, diante de uma base substancial teórica que explicasse a vida da alma, os fenômenos da psique não se faziam tão simples às teorias dos processos da natureza. Era quase impossível derivar os processos da vida psíquica em processos elementares. Apesar das generalizações, não se podia obter êxito quanto ao reducionismo da psicologia explicativa como mera combinação de suas partes constitutivas, já que, a cada combinação dos processos psíquicos, novas propriedades qualitativas eram produzidas (SHAMDASANI, 2002, p. 95). Onde, então, incluir a vida da alma, os fenômenos da psique, o comportamento humano, as funções mentais, as emoções, os afetos e sua ampla variação de concepções? Foi justamente diante dessas complexidades que a psicologia deu-se por inserida.

Para tanto, os fatores social e histórico são fundamentais nas construções de qualquer teoria enquanto criação de uma ciência. Não seria diferente às teorias propostas pelos autores desta pesquisa acerca do inconsciente, que sob este cenário de complexidades firmaram seus estudos sobre a constituição psíquica, implicados com a força do positivismo lógico à época, persistindo no interesse às explorações do não visível, do incomum e dos aspectos não controláveis da mente humana.

Mesmo que a virada do século XIX possibilitasse as mais diversas maneiras de se estudar os processos psíquicos, a partir dos estudos dos sonhos de Freud – os pesquisadores à época consideravam sua proposta uma especulação ainda que o termo inconsciente tivesse sido incorporado desde as mais antigas especulações filosóficas que assumiam a existência de forças obscuras ao comportamento humano –, e também dos movimentos caracterizados por correntes literárias, ciência e procedimentos artísticos, apropriaram-se do inconsciente para melhor

compreenderem o funcionamento do pensamento em substituição à pesquisa experimental. Foram construídos novos sistemas de conhecimento, mas ainda se fazia insistir por elementos pertinentes que a Psicologia se mantivesse fiel ao que o positivismo lógico determinava – o verificacionismo, o princípio segundo o qual o sentido de um conceito ou de uma sentença esgotava-se em suas condições de verificação (ARAÚJO, 2003, p. 25).

As inquietações sobre o campo mental, herdadas de reflexões centenárias que antecedem os autores levantados aqui, foram trazidas pelo filósofo atual Ullin Thomas Place (1924-2000), no artigo “Is Consciousness a Brain Process”. Embora rejeitasse o envolvimento a processos cerebrais pelo dualismo mente-cérebro, também não defendia o materialismo. Place reconhece a impossibilidade lógica de uma tradução de sentenças sobre sensações e imagens mentais em sentenças sobre processos cerebrais. A consciência é um processo cerebral quanto ao mesmo objeto e estado das coisas, porém desconexas, e afirma que, no caso de conceitos cognitivos como “conhecer”, “acreditar”, “entender”, “lembrar”, e conceitos volitivos, como “querer” e “pretender”, considerava não ser possível haver muita dúvida de que uma análise em termos de disposições para o comportamento seria fundamentalmente plausível. Por outro lado, parece haver um resíduo conceitual intratável em torno das noções de consciência, experiência, sensação e imagética mental, em algum tipo de relato sobre processos internos é inevitável (PLACE, 1956, p. 44, *apud* ARAÚJO, 2003, p. 28). A fala de Place retoma o caminho percorrido por Freud no extenso trabalho de sua obra **Projeto para uma psicologia científica** (1950), na estrada da concepção dinâmica do psiquismo e, particularmente, do inconsciente, uma tentativa exaustiva de explicação sobre uma elaboração qualitativa do funcionamento do sistema nervoso.

Neste trabalho, delimitamos quatro capítulos em que a pesquisa se divide. O primeiro capítulo faz um breve relato dos contextos históricos, geográficos e sociais distintos, dos fundamentos teóricos de Freud, tendo em vista o retorno aos trabalhos metapsicológicos na questão do desejo² e de ideias investidas não se fazerem por referencial anatômico, mas por lugares metafóricos. Ainda tratou-se da estrutura anatômica do sistema nervoso em que as explicações vão se concretizando no campo psicológico dos fenômenos psíquicos, mas como núcleo central, até o momento seu registro na construção da primeira tópica do aparelho

² O desejo inconsciente tende a realizar-se restabelecendo, segundo as leis do processo primário, os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação; à imagem mnésica de certa percepção conservada associada ao traço mnésico da excitação resultante da necessidade; Freud não identifica a necessidade com o desejo, a necessidade nascida de um estado de tensão interna, encontra a sua satisfação pela ação específica que fornece o objeto adequado; o desejo está indissolúvelmente ligado a “traços mnésicos” e encontra a sua realização na reprodução alucinatória das percepções que se tornaram sinais dessa satisfação (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 113).

psíquico, os sistemas: consciente, o pré-consciente, e o inconsciente, a via da regressão. Um sistema orientado no sentido progressivo-regressivo. É nesse sentido regressivo que a concepção tópica se fixa na concepção dinâmica, próximo passo dado por Freud no capítulo sétimo de **A Interpretação dos Sonhos** (GARCIA-ROZA, 2009, p. 77).

Nessa continuidade, o primeiro capítulo traz ainda a relevância dos primeiros estudos experimentais de Jung e sua entrada na psiquiatria no Hospital Burghölzli, em Zurique, onde publicou o artigo “On the Psychology and Pathology of so-called Occult Phenomena” (1902), dando início a seus questionamentos com a psiquiatria e sua tendência futura de pesquisa, sobre a psicologia e a patologia dos fenômenos psíquicos. No decorrer da leitura, é possível acompanhar suas inquietações quanto aos estados sofridos na consciência por acontecimentos, tais como delírio, alucinação, sonambulismo e outros, que trazem após seus episódios um esquecimento sobre o ocorrido. Porém, através dos sonhos, da hipnose e da autossugestão, as lembranças esquecidas e estranhas durante o episódio dos fenômenos manifestam-se. Para Jung, há poucas observações referidas aos fenômenos chamados ocultos ou estados raros da consciência dos quais os autores ainda não chegaram a um acordo comum. Com isso, há uma maior dificuldade na busca por material científico suficiente para adentrar-se mais de perto no desenvolvimento psicológico dessas peculiaridades. “Estes estados raros da consciência são atribuídos em parte à epilepsia, à histeria, ao esgotamento do sistema nervoso e à neurastenia”; “os próprios pacientes passam às vezes por uma série de diagnósticos, desde a epilepsia, chegando à histeria e até à insanidade simulada (JUNG, 2011a, p. 13).

O segundo capítulo aborda em questão a teoria do sonho e seus desdobramentos na teoria freudiana quanto às funções do desejo e da resistência, relevantes no adoecimento psíquico, vistos a partir de uma teoria psicológica e da presença marcante do inconsciente e sua explicação dinâmica. O capítulo sétimo da obra **A Interpretação dos Sonhos** tem um valor importante nesse esclarecimento.

No terceiro capítulo, a teoria do sonho faz a interconexão com Jung, como um elo importante na compreensão da complexidade do psiquismo. Para Jung, a análise dos sonhos de Freud, desde a associação livre ao seu teste de associação de palavras, apesar de suas aplicações distintas, tiveram uma aproximação em seus resultados, principalmente, na confirmação da presença marcante do inconsciente comprovado por Jung no valor da carga emocional que se apresenta devido a uma série de conteúdos psíquicos de maior importância e tonalidade afetiva para o paciente. Ao definir o inconsciente baseado na estrutura nos sonhos, Jung o compreende como uma operação determinante na articulação do que vinha pesquisando com os efeitos

próximos nos estudos dos pacientes esquizofrênicos. Uma combinação entre os sonhos, os sintomas e as associações de palavras comuns, no caminho da história e evolução da psiquiatria dinâmica de Jung, dando sentido às suas descobertas.

Por fim, o quarto capítulo: “É aproximado o fim”. Nele, tratamos de Freud nos artigos “A história do movimento psicanalítico” (1914) e “Sobre o narcisismo” (1914), e Jung em **Símbolos da Transformação** (1911-12), que marcam o ponto de rompimento definitivo entre eles e assinala também um ponto de transição, importante na evolução de seus conceitos. Apresentamos também a questão do simbolismo, tão importante nas construções teóricas de Jung, mas só considerada para Freud na quarta edição de **A Interpretação dos Sonhos**, em 1914, dando uma nova seção sobre o simbolismo.

Com isso, em um sentido mais amplo, esta dissertação viabiliza aos possíveis leitores reflexões e questionamentos importantes em torno dos fundamentos do conhecimento da psique e seus processos psíquicos inconscientes.

2 DE VIENA A ZURIQUE, FREUD E JUNG NO CAMINHO DO INCONSCIENTE

A partir do ano de 1900, o caminho entre Freud e Jung se cruza, dando início a uma forte troca teórica e pessoal, uma aproximação atravessada pelas investigações psicológicas acerca das pesquisas sobre o inconsciente. Isso se dá a partir da obra de Freud, **A Interpretação dos Sonhos** (1900), na relação entre os estudos de Jung, realizados no Hospital Burghölzli, em Zurique, sobre o teste experimental de associação de palavras relacionados à divagação da atenção nos pacientes com demência precoce, então chamada de esquizofrenia.

A partir desse vínculo, atravessados pelas investigações psicológicas, marca-se o limite inicial do interesse no caminho de uma psicologia analítica e descritiva como necessidade para a compreensão do psiquismo. A técnica de Freud da livre associação e, em Jung, a associação de palavras, percorrem juntas na descoberta de que o simbolismo opera na linguagem e sua modalidade de expressões e características principais como uma das formações do inconsciente. O problema da determinação do fator associativo levou Jung à ação pesquisadora para o campo da psicologia dos sonhos de Freud, vendo nela forte possibilidade para o desenvolvimento de suas concepções e técnicas, bem como a comprovação da validade de seus resultados (JUNG, 1989).

Freud, neurologista que era, respeitava os paradigmas da ciência tradicional à sua época, considerando desde as funções do sistema nervoso e sua mecânica em justificativas fisicalistas. Jung, psiquiatra, seguia o caminho das pesquisas experimentais à psiquiatria dinâmica, relevante contribuição para uma prática humanizada da psiquiatria e da psicologia profunda, como uma perspectiva simbólica e hermenêutica das psicopatologias. Ambos estavam interessados na compreensão dos processos psíquicos e seus fenômenos. Buscavam, em suas pesquisas, discutir em argumentos psicológicos o entendimento da psique humana, já que os argumentos apresentados pelas teorias psico-físicas não traziam respostas satisfatórias à essência do psiquismo e seu funcionamento.

Sigmund Freud formou-se em 1881, em medicina, na Universidade de Viena, sua morada. Na Universidade, iniciou-se desde em pesquisas científicas experimentais de dissecação, inicialmente, pelo estudo dos órgãos sexuais de enguias, até entrar em contato com o professor Ernst Brücke (1819-1892), aproximando-se dos estudos da linha fisicalista da fisiologia, da anatomia, da histologia do cérebro humano, importante relação quanto à teoria localizacionista futura de Freud, pressuposto importante na compreensão do funcionamento mental.

Freud acabou por abandonar as pesquisas laboratoriais com Brucke, tendo que seguir como clínico no Hospital Geral de Viena por necessidade de melhores rendimentos financeiros. Em 1885, de posse a uma bolsa de estudos para o período de seis meses, viajou para Paris, a fim de estudar no Hospital Salpêtrière. O Salpêtrière era conhecido como o local onde Philippe Pinel (1745-1826) instituiu aos “alienados” tratamentos morais e seria onde Freud iria trabalhar com o importante médico neurologista e cientista Jean Martin-Charcot (1825-1893). Este aplicava o método da hipnose a fim de tratar as perturbações psíquicas, em especial, a histeria. Charcot, com seu trabalho, trouxera recursos inigualáveis às suas pesquisas neurológicas com ampla reputação e influência nos estudos sobre a histeria.

Freud, após regresso ao Hospital Geral, em Viena, passou a atender, na maior parte, pacientes com sintomas aparentemente neurológicos, como cegueira, perda do controle motor, dentre outros, que não poderiam ser diagnosticados com exames. O tratamento incluía massagem, terapia de repouso e hipnose, à época, considerado mais eficaz comparado a outros. Após tais observações, Freud procurou Josef Breuer (1842-1925), um colega mais velho da faculdade de medicina, reconhecido na investigação e prática sobre a hipnose. Conduzido por Breuer, Freud teve a oportunidade de participar das primeiras descobertas do método catártico em que, sob o uso da técnica da fala pela hipnose na investigação da histeria, o paciente viria a se lembrar e reproduzir suas experiências sob um estado de hipnose.

Breuer tinha uma grande clientela que exigia muito dele. E Freud, às voltas com sua decisão de especialização, estava assegurado de um forte motivo em ajudar as pessoas que sofriam de enfermidades nervosas ou, pelo menos, desejava compreender algo sobre o estado delas. No entanto, anteriormente, ao adotar a fisioterapia em suas pesquisas, sentiu-se desanimado com os resultados perante as expectativas fracassadas do seu estudo do **Elektrotherapie de Erb** (1882), que apresentava muitas indicações e recomendações, chegando, posteriormente, a concluir que os efeitos e ausência de êxitos do tratamento elétrico em doentes nervosos seriam efeitos de sugestão (FREUD, 1996r, p. 20).

Juntamente com Breuer, que já estava familiarizado na prática de investigar pacientes em estado de hipnose, Freud, quando de volta dos estudos com Charcot, sentiu-se mais atraente a ter que seguir no tratamento. Ainda que “forçado” pela sugestão, segundo ele, eram induções que criavam um obstáculo a qualquer pesquisa. A experiência em Paris deu a ele, além da posse de grande material escrito, uma importante e significativa tomada de decisão, levantando a possibilidade de desviar-se dos interesses científicos da neuropatologia que vinha

desenvolvendo para o problema da psicologia, como o da histeria e do hipnotismo (FREUD, 1996r, p. 20).

As técnicas de tratamento de Freud e Breuer, ao longo do trabalho, foram se desenvolvendo. Descobriram que, no processo de evolução, o conflito do momento em que o paciente trazia como queixa inicial e o fator desencadeante da doença deveriam ser trazidos para o primeiro plano de investigação. Isso porque haveria uma força mental que o indivíduo teria de lidar, “o maior risco de defrontar-se com o sentido original e sem disfarces dos complexos reinterpretados seria na tenra infância de cada indivíduo”. Ao longo desse trabalho, descobriu-se o processo mental característico das neuroses, que veio a chamar, posteriormente, de “regressão”, já que as associações do paciente retrocediam (FREUD, 1996, p. 20-70).

A descoberta da direção regressiva na condução do tratamento do paciente tornou-se uma característica importante da pesquisa de Freud, em referência aos estudos de 1895 cujos primeiros resultados sobre direção regressiva puderam ser construídos em **O Projeto de uma psicologia científica** (1950). Freud elabora um esquema do aparelho psíquico como modelo explicativo da constituição do psíquico. O médico austríaco, em 1895, contando seus 39 anos de idade, implicado com a técnica da hipnose, dos fenômenos clínicos e com a terapêutica das neuroses nas pesquisas do tratamento dos sintomas neuróticos resultantes de processos inconscientes em que as recordações mais resistentes e difíceis de chegar à consciência resultavam em sintomas físicos sem causa orgânica, juntamente com Breuer, publica um importante e significativo artigo, “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos”, mais conhecido pelo subtítulo “Comunicação preliminar”(1895), da obra integral **Estudos sobre a histeria**(1893-1895).

Freud, então, no caminho da descoberta sobre os processos inconscientes e aguardando soluções através de suas observações clínicas, a partir de 1896, tendo ele e Breuer se afastado, sentiu-se isolado. Conduziu-se, em 1897, para a autoanálise de seu próprio inconsciente, levando-o à composição de **A Interpretação dos Sonhos**, em 1900, um marco decisivo em sua vida e no desenvolvimento da teoria da psicanálise (FREUD, 1914; MCGUIRE, 1993):

Naquele período fiquei completamente isolado e, no emaranhado de problemas e acúmulo de dificuldades, muitas vezes tive medo de me desorientar e de perder a confiança em mim mesmo. A comprovação de minha hipótese de que uma neurose tinha de tornar-se inteligível através da análise se arrastava, em muitos pacientes, que poderiam ser considerados análogos aos seus sintomas, quase sempre confirmavam a hipótese. Foi o meu êxito nessa direção que me permitiu perseverar (FREUD, 1914, p. 30).

Entre 1887 e 1902, Freud mantém um forte laço com o amigo Wilhelm Fliess (1858-1928), um otorrinolaringologista de Berlim, cuja relação pôde ser conhecida através da troca de correspondências publicadas em **The Origins of Psychoanalysis**, considerada uma fonte histórica sobre a gênese da psicanálise. O intercâmbio entre eles prosseguiu, apoiando-se no interesse comum em produzir um saber sobre a sexualidade e a teoria da libido, um dos pontos de contato dos estudos de ambos.

Em 1901, Freud publica **Psicopatologia da vida cotidiana** e, em 1902, dois consideráveis acontecimentos o surpreende: o primeiro, ter sido nomeado professor-adjunto de doenças nervosas na Faculdade de Medicina, em Viena, já que até 1897 ele não se tornara um professor universitário, nem um pesquisador científico como desejara, mesmo que, em 1885, tivesse publicado com Breuer a importante obra **Estudos sobre a Histeria** (1895), apenas ministrou nessa época cursos na faculdade de Viena; e o segundo acontecimento, o rompimento do relacionamento com Fliess (MCGUIRE, 1993).

A partir do ano de 1902, Freud dá início ao chamado grupo de Estudos Psicológicos das Quartas-feiras, com apenas poucos convidados, certo número de jovens médicos residentes em Viena e um jovem secretário aprovado numa escola técnica – Otto Rank. Segundo Freud, Rank fora um auxiliar zeloso e colaborador dos mais fiéis. Todos os convidados eram interessados em aprender, praticar e difundir a psicanálise, um pequeno círculo que se expandia lentamente, restringindo-se apenas aos limites de Viena.

Freud estava satisfeito com o círculo, mesmo que em desenvolvimento e pequeno. No entanto, de um modo geral, dizia a si mesmo “que quase não era inferior, em riqueza e variedade de talento, à equipe de qualquer professor de clínica”, tinha convicções que mais tarde viria a desempenhar papel considerável, apesar de nem sempre aceitável, na história do movimento psicanalítico (FREUD, 1996, p. 37).

A expansão de fato de Freud e sua pesquisa começam a se concretizar a partir da publicação de **A Interpretação dos Sonhos**, de 1900, tendo como relevância, fora do círculo de estudos de Viena, o primeiro núcleo significativo interesse pela psicanálise. Este surgiu no Hospital Mental Burghölzli, em Zurique, fundado em 1860, na qualidade de hospício e que também servia como clínica psiquiátrica à Universidade de Zurique, com reputação internacional, desde a direção de Auguste Forel³ (1848-1931) a seu sucessor Eugen Bleuler (1857-1939). Este último Freud tivera contato, principalmente, por seus tratamentos avançados

³ Auguste-Henri Forel (1848-1931) foi um psiquiatra suíço, estudou o hipnotismo e seu livro sobre a sexualidade teve repercussão internacional.

e pesquisas nos estudos da psiquiatria e pelo interesse significativo de Bleuler nas teorias da psicanálise, uma aproximação mantida em contato esporádico por correspondências entre os anos de 1904 e 1929 (MCGUIRE, 1993, p.12).

A publicação de **A Interpretação dos Sonhos** (1900), aos poucos, chama a atenção de C. G. Jung, que havia assumido seu primeiro posto de trabalho como médico assistente no Hospital Burghölzli. A obra de Freud abre novas possibilidades e relevância para as descobertas e seguimento nos estudos experimentais de Jung. A forma explicativa que Freud adotara sobre a técnica da livre associação e sua relação com o desprazer⁴ resultava em novas vias facilitadoras na diminuição das resistências.

2.1 OS ESTUDOS DE FREUD NA CONSTRUÇÃO DO APARELHO PSÍQUICO

Os estudos de Freud da obra **A Interpretação dos Sonhos** (1900), a partir de suas pesquisas pré-psicanalíticas em **Estudos sobre a histeria** (1906) – hipnose e neurose histérica –, e o **Projeto de uma Psicologia Científica** (1926) tornam-se juntas a base da psicanálise freudiana. Embora não sejam todas as obras de interesse desta pesquisa, foram elas que ajudaram a prosseguir nas descobertas de Freud em busca de uma melhor resposta ao inconsciente.

Acompanhado da obra **Estudos sobre a Histeria** (1906), segue o esboço do **Projeto de uma Psicologia Científica**, considerado um documento neurológico e de difícil compreensão pela obscuridade de tentar explicar os processos psíquicos normais e patológicos em termos neurológicos, de forma a correlacionar o mecanismo psíquico básico de um distúrbio a atos semelhantes na área cerebral. Busca-se ter como êxito terapêutico compreender os mecanismos e as exigências que incidem sobre um quadro de neurose e suas funções psíquicas. Apesar de trazer em si grande parte das teorias psicológicas que Freud desenvolveria mais tarde, foi também motivo de frustração e desistência frente às dificuldades que sua escrita lhe causou, como dito por ele próprio em cartas à Wilhelm Fliess⁵ (1858-1928):

[...] [Carta 23] “essa ‘psicologia’”. “Vivo atormentado por duas intenções: descobrir que forma tomará a teoria do funcionamento psíquico se nela for

⁴ O modelo explicativo proposto por Freud do funcionamento do aparelho psíquico está fundamentado na teoria do evitamento do desprazer, melhor apresentado no esboço da obra **Projeto de uma Psicologia Científica** (1926[1895]).

⁵ Wilhelm Fliess foi um médico alemão especializado em otorrinolaringologista, formou fortes laços de amizade com Freud tornando-se um importante protagonista da pré-história da psicanálise.

introduzido um método de abordagem quantitativo, uma espécie de economia de força nervosa, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia tudo o que pode ser útil à psicologia normal”. [Carta 27] “A ‘Psicologia’ representa, positivamente, uma cruz para mim”. “Afim, eu queria apenas explicar a defesa, mas, quando dei por mim, estava tentando explicar algo que pertence ao próprio núcleo da natureza. Tive de elaborar os problemas da qualidade, do sono, da memória – em suma, a psicologia inteira. Agora não quero mais ouvir falar disso” (FREUD, 1996, p. 342).

Freud, então, exausto com o problema teórico fundamental da relação entre neurologia e psicologia, interrompe o longo trabalho dos documentos em correspondências de seus estudos dirigidos a Fliess. Mas o médico ainda se vê muito incomodado com as funções do psiquismo, persistindo na continuidade de seus estudos de neuropatologia, seguido da anatomia do sistema nervoso ainda não abordada pelos cientistas da Alemanha e da Áustria. Freud fundamentava a tese de que haveria partes, divisões no psiquismo entre os processos nervosos e os processos psíquicos, e não uma concomitância como havia suposto no início da obra o **Projeto de uma Psicologia Científica**. Essa importante e significativa conclusão o leva a elaborar uma questão para além das fronteiras da consciência, percebendo que esta se fazia lacunar e, justamente por essas lacunas não serem explicadas meramente como apenas uma diferença de intensidade, haveria de se estudar uma dinâmica psíquica desempenhada por outra divisão da mente, não mais a consciência, e sim o inconsciente (FREUD, 1886-1889, p. 39-59).

O material do mecanismo psíquico é o de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos, como rearranjos. Freud prossegue com uma explicação na Carta 52 a Fliess, na tentativa de dar explicações às percepções e aos neurônios da consciência, também chamados por ele de neurônios da percepção e, em si mesmos, destituídos de memória. Dessa maneira, segundo Freud, teria descrito uma nova psicologia:

W [Wahrnehmungen (percepções)] neurônios em que se originam as percepções, às quais são ligadas à consciência, mas elas mesmas não conservam nenhum traço do que aconteceu; Wz [Wahrnehmungszeichen (indicação da percepção)] por simultaneidade não se enerva da consciência sendo este o primeiro registro das percepções; Ub [Unbewusstsein (inconsciência)], é o segundo registro, disposto de acordo com outras relações causais, sem acesso à consciência; Vb [Vorbewusstsein (pré-consciente)] é a terceira inscrição, ligada às representações verbais e correspondendo ao ego como tal. Tornando-se consciente de acordo com algumas regras (FREUD, 1886-1889, p. 287).

As cartas de números 29 a 39 a Fliess, em elaboradas revisões de algumas das posições fundamentais adotadas na obra o **Projeto**, não transmitidas por Freud, foram abandonadas e

arquivadas, cessando seus esforços com a Psicologia. Apenas 50 anos⁶ mais tarde, são retomadas em 1950, quando publicadas por biógrafos e tradutores que a restauraram, permitindo-nos ter acesso a um importante trabalho que constitui o esboço de sua teoria, com ideias nele contida dos fundamentos que persistiram e floresceram nas teorias da psicanálise (FREUD, 1886-1889, p. 339-446; p. 344).

No período da construção do **Projeto**, ao tentar explicar as funções do aparelho psíquico de maneira a relacionar as funções psíquicas em localizações cerebrais e dando-se por fracassado a esta impossibilidade, deixa de lado a insistência de um paralelismo psicofísico, cedendo à tentação de determinar anatomicamente a localidade psíquica. Ao implicar-se à renúncia da anatomia do aparelho psíquico, segue para a formulação de uma pesquisa dinâmica dos processos psíquicos, uma metapsicologia⁷, vista como uma necessidade, já que Freud considerava que somente a descrição dos fatos não era suficiente para explicar como ocorrem os fenômenos psíquicos (FREUD, 2019, p. 587; GARCIA-ROZA, 1988).

As especulações metapsicológicas de Freud, a partir da hipótese da existência de processos anímicos inconscientes, considerava a parte empírica dos fatos clínicos psicológicos não serem suficientes na explicação de como ocorriam os fenômenos psíquicos da qual a consciência por si só não dava conta de responder sobre os fatores lacunares que a escapavam. Parecia ser mais legítimo completar as teorias, que são expressões direta da experiência, por hipóteses apropriadas ao controle do material e que se reportam aos fatos que podem se tornar objeto de observação imediata (*apud* FULGÊNCIO, 2003, p. 137).

Tais hipóteses resultam da observação de Freud à noção de aparelho psíquico que ele chamou de “ficções teóricas”, métodos especulativos, que ajudam a estabelecer as leis que regem os fenômenos psíquicos, a acompanhar, em longas séries, sem lacunas, seu objeto de estudos de um inconsciente psíquico, formulado posteriormente de maneira mais compreensível no texto “Nota sobre o Inconsciente”, de 1912. Nele, esclarece o aparelho psíquico como descritivo, dinâmico e sistemático com suas relações recíprocas e interdependências, não

⁶ Em 1938, um ano antes de sua morte, Freud e sua família foram obrigados a abandonar a Áustria. Por intermédio da princesa Marie Bonaparte, conseguiu ser levado para Londres. Parte de seus escritos havia sido queimado pelos nazistas, tendo Anna, sua filha, e a princesa, resgatado alguns, dentre eles o **Projeto**, já abandonado por Freud. A obra teve sua publicação em 1950, 50 anos desde o início de sua escrita.

⁷ O conceito metapsicologia foi mais bem esclarecido, em 1912, no texto de Freud “Nota sobre o Inconsciente”, buscando melhores explicações para a validação de sua teoria com a finalidade de cobrir as lacunas deixadas pelas teorias empíricas, de maneira a garantir com detalhes que a explicação da construção do aparelho psíquico e nele, o inconsciente, está baseado nas explicações em termos descritivo, dinâmico e sistemático, não ficando o cientista apenas restrito ao campo descritivo.

ficando o cientista restrito ao campo descritivo, buscando explicações que podem cobrir as lacunas deixadas pelas teorias empíricas, por isso a metapsicologia (FREUD, 1914-16/1996).

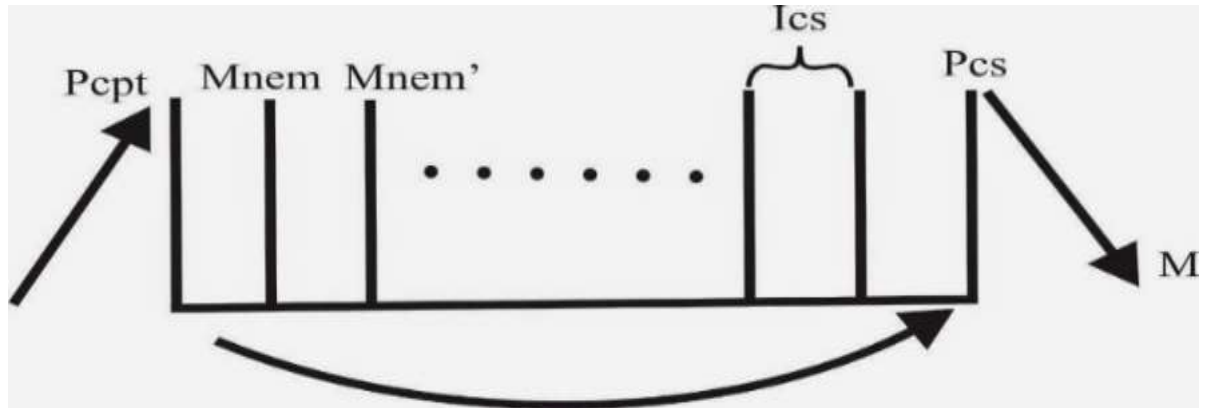
Outro esclarecimento importante do aparelho psíquico está no capítulo sétimo de **A Interpretação dos sonhos**, considerado um segundo passo na condução da teoria geral do funcionamento mental para fundamentar o inconsciente pelos fenômenos descritos pelo sonho. Através da descrição sistemática, em sua legitimação pela metapsicologia, seguido de sua inovação técnica e de seu êxito perseverado dos resultados importantes, **A Interpretação (...)** conduziu o relato da história do desenvolvimento da psicanálise (FREUD, 1996).

2.1.1 O sonho e sua fonte de material das experiências vivenciadas: seus registros e impressões

Freud tinha uma grande preocupação em formular uma teoria que explicasse os processos psíquicos normais e patológicos, a princípio sustentado no paralelismo psicofísico. Para garantir que sua teoria não viesse a ser refutada pelas exigências empiristas que se faziam à época, ele elabora uma certa organização para melhor esclarecimento quanto à operação psíquica como a formulação seguinte de um inconsciente dinâmico.

No esquema apresentado a seguir, Freud relata uma via de acesso por onde se percorre o caminho do processo psíquico, iniciando dos estímulos (internos ou externos) e terminando em inervações, em que o processo psíquico transcorre da extremidade sensível que recebe as percepções para a extremidade motora. A essa via ou caminho, Freud atribui o nome de instância ou sistema: “imaginemos o aparelho psíquico como um instrumento composto, cujos componentes chamaremos de instâncias ou, por amor da expressividade, sistemas” (FREUD, 1900/2019, p. 587). Vejamos na Figura 1, desenhada por Freud, o esquema mais geral da teoria do aparelho psíquico, em como as relações vão se encontrando nos caminhos seguintes dos sistemas mais a frente:

Figura 1 – Carta a Fliess de número 52



Fonte: FREUD, 2019, p. 588.

Essas inferências e experiências de Freud nos sistemas que governam o aparelho psíquico ele descreve como os dois dos três sistemas que funcionam. O sistema pré-consciente é considerado o último dos sistemas na extremidade motora e indica que os processos de excitação que nele ocorrem, se as condições forem satisfeitas e possuir a motilidade voluntária, podem chegar à consciência sem maior impedimento. O outro sistema por detrás dele não tem acesso à consciência, senão pelo pré-consciente, que é chamado de inconsciente. Ao passar pelo pré-consciente, submete-se a modificações e é, no sistema inconsciente, que é concebido o impulso para a formação do sonho (FREUD, 2019).

O esquema nos mostra dois sistemas, no qual o primeiro, chamado de estímulos perceptivos, tem-se os receptores da extremidade sensória (sistema perceptivo – Pcpt), mas que nada se conserva deles por não possuir memória. E há um segundo sistema, localizado na extremidade motora dando acesso à atividade motora (sistema motor – M), transformando a excitação momentânea recebida das percepções que chegam do primeiro sistema em traços duradouros. Um traço em nosso aparelho psíquico permanece, chamado de “traço mnêmico”. Uma função ligada a esse traço mnêmico é a memória (FREUD, 2019, p. 588).

As percepções mostram-se ligadas entre si também na memória, sobretudo após terem ocorrido simultaneamente. A esse fato Freud dá o nome de associação, as relações que podem ou não permanecerem nessa via de registros. “A associação consiste no fato de que, devido a diminuições na resistência e a novas vias facilitadas, a excitação se propaga de um dos elementos Mn mais prontamente para um segundo elemento Mn do que para um terceiro”. O trabalho do sonho traz as explicações dessas relações que não se encontram nos primeiros

sistemas mnêmicos, mas nos sistemas mais a frente, supondo que em cada caminho da excitação, produz-se mais um tipo de mudança (FREUD, 2019, p. 589).

Mas o que se estende à sua explicação é que esse esquema não dá conta da complexidade dos fenômenos psíquicos. O que fica mais claro a partir dele é que as percepções deixam traços de memória na extremidade sensória, consideradas modificações permanentes dos elementos do sistema. Por isso, na explicação de um inconsciente descritivo, Freud retoma ao estado mais regressivo da história do paciente,

[...] como o mesmo sistema não poderia reter modificações e continuar sempre aberto à percepção, isto é, como ele não poderia desempenhar simultaneamente as funções de percepção e de memória, impunha-se uma distinção entre a parte responsável pela recepção dos estímulos (Pcpt) e a parte responsável pelo armazenamento dos traços (Mnem) (GARCIA-ROZA, 1988, p.79).

Garcia-Roza continua:

Assim um sistema (Pcpt) situado na frente do aparelho psíquico, recebe os estímulos perceptivos mas não os registra nem os associa, isso porque ele necessita ficar permanentemente aberto aos novos estímulos, o que seria impossível se ele desempenhasse também as funções de armazenamento e de associação. Essas funções ficam reservadas aos vários sistemas mnêmicos que recebem as excitações do primeiro sistema e as transforma em traços permanentes. As associações entre os traços ocorrem apenas no interior dos sistemas mnêmicos. Uma associação ocorre tanto pela diminuição das resistências quanto pelo estabelecimento de caminhos facilitadores. Quando isso acontece, uma excitação é mais prontamente transmitida de um elemento Mnem a outro (GARCIA-ROZA, 1988, p.79).

Freud retoma esse preceito, já que se viu perseverar com êxito sua pesquisa em direção à análise da interpretação dos sonhos de seus pacientes, identificando que a essência da distorção dos sonhos seria uma consequência de um conflito interno, como explicado pela descrição sistemática, baseado na orientação da construção dos sistemas do funcionamento psíquico, progressivo-regressiva. Na posição regressiva, encontra-se o sistema inconsciente, sendo necessária a sua passagem pelo sistema pré-consciente para que seus conteúdos se submetam às exigências do último sistema, o consciente. O conteúdo do inconsciente só poderá ser conhecido se transcrito e, portanto, modificado e distorcido pela sintaxe do pré-consciente e consciente (GARCIA-ROZA, 1988, p.81).

O trabalho do sonho traz as explicações dessas relações que não se encontram nos primeiros sistemas mnêmicos, mas nos sistemas mais à frente, supondo que, em cada caminho

da excitação, produzem-se mais um tipo de mudança (FREUD, 2019, p. 589). Este conceito de regressão “é um movimento retrogressivo do aparelho psíquico, indo até as imagens mnêmicas não produzindo uma revivificação alucinatoria das imagens perceptuais”. Como num sonho, por exemplo, a regressão, que são fenômenos psíquicos, se dá quando “uma ideia é novamente transformada na imagem sensorial de que originalmente se derivou, reproduzindo então, alucinatoriamente a experiência original, uma volta atrás da excitação” (GARCIA-ROZA, 1988, p. 81).

O conceito de regressão passa a ser a resposta pelo qual o sonho manifesto se apresenta como uma história confusa, desconexa e contraditória. Como uma fórmula: excitação, regressão e sonho. Segundo Freud, as relações lógicas que comandam os processos conscientes não estão presentes nos primeiros sistemas mnêmicos, nem no inconsciente, e, sim, apenas no pré-consciente e consciente. Como num retorno à percepção, em que as marcas mnêmicas se inscrevem, o que se refere é uma cena real, “a cena infantil, em que a fantasia desempenha um papel secundário cujo traço é reinvestido”. A esse retorno no qual as marcas se inscrevem, encontra-se a teoria dos desejos que se realizam nos sonhos. Não havendo nada que detenha o processo regressivo, ele termina na ativação do sistema perceptivo, produzindo, de modo alucinatorio, a realização do desejo (GARCIA-ROZA, 1988, p.85).

2.1.2 O sonho no campo do desejo: a experiência de satisfação como explicação ao esquema da construção do aparelho psíquico de Freud

Após termos visto de maneira sistemática o processo que ocorre no campo psíquico em consequência de um conflito interno, Freud, a partir de uma explicação dinâmica do sistema inconsciente, vê-se como necessário aprofundar-se em dois conceitos: o desejo e a censura⁸. O primeiro seria uma ferramenta do inconsciente no sonho, em que o inconsciente adquire uma força que move o sonho. E o segundo é como, na noite, durante o sonho, a força da censura pela resistência consegue ter acesso a consciência, diminuindo a fronteira entre o inconsciente e o pré-consciente, formando assim, os sonhos (FREUD, 1900/2019).

⁸ Função que tende a interditar aos desejos inconscientes e às formações que deles derivam o acesso ao sistema pré-consciente-consciente; o termo “censura” encontra-se principalmente nos textos freudianos que se referem à “primeira tópica”; a noção de censura é desenvolvida em **A Interpretação dos Sonhos**, de 1900, onde é postulada para traduzir diferentes mecanismos de deformação do sonho (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 64).

Ao retorno em que as marcas se inscrevem, faz-se a localização da teoria dos desejos que se realizam através dos sonhos. Não havendo nada que detenha o processo regressivo, seu caminho só se conclui na ativação do sistema perceptivo, produzindo, de modo alucinatório, a realização do desejo. Os desejos podem supostamente estarem ligados a quatro diferentes maneiras de apresentação: primeiro, os restos diurnos não satisfeitos despertados durante o dia, mas, não satisfeitos, pertencem ao pré-consciente e a consciência; segundo, os restos diurnos recalçados, reprimidos como um sistema psicológico de defesa, que ao surgirem durante o dia e, ao invés de terem sido impedidos por causas externas, foram suprimidos, permanecendo nos sistemas pré-conscientes e conscientes e transferidos para o inconsciente; terceiro, desejos que nada têm a ver com a vida diurna, mas pertencem ao inconsciente e emergem durante o sono; quarto e por último, os impulsos, decorrentes de estímulos noturnos (fome, sede, sexo, etc.). (GARCIA-ROZA, 1988, p. 84-85).

Mas nem todos os desejos acima são capazes de produzir um sonho. Um desejo que ficar insatisfeito durante o dia pode, quando muito, contribuir para o induzimento de um sonho, porém será incapaz, ele apenas, de produzir um sonho. Os únicos desejos capazes de produzir um sonho são aqueles que pertencem ao inconsciente. Qualquer conteúdo do inconsciente é indestrutível, o passado, a nível inconsciente se conserva integralmente, e como o sonho é um fenômeno regressivo, são os desejos mais infantis permanentes em seu conteúdo (GARCIA-ROZA, 1988, p. 84).

Dessa forma, o processo ocorre devido às formações do sonho terem alcançado a extremidade motora do aparelho, como no caso do sonho alucinatório, a excitação avança rumo à extremidade sensorial e alcança, por fim, o sistema das percepções. Freud chama de *progressiva* a direção que o processo psíquico segue a partir do inconsciente na vigília, que não vai além das imagens mnêmicas, não produzindo o reavivamento alucinatório das imagens perceptuais; e *regressivo*, o caráter peculiar do sonho que favorece a intensidade de uma plena vivacidade sensorial (FREUD, 2019, p. 593).

Não se deve ignorar que os casos de transformação regressiva de uma lembrança, geralmente infantil, reprimida ou que permaneceu inconsciente, vê-se impedida pela censura de se expressar, arrastada pela lembrança para a regressão. Essa é a forma de representação na existência psíquica que, ao se tornarem conscientes, sejam por lembranças ou fantasias, são vistas de forma alucinatória e, mesmo não sendo lembranças visuais, as primeiras lembranças infantis preservam o caráter vivaz sensorial (FREUD, 2019).

Ao levar em consideração que somente os estímulos sensoriais externos, diante das variáveis formas de estímulos e dos órgãos internos e de toda a sua existência e consequência orgânica, não são ainda suficientemente capazes de explicar todas as imagens do sonho. Faz-se necessário investigar outras fontes do sonhar. Assim, as excitações internas dos órgãos sensoriais e as subjetivas, que não dependem do acaso externo, entram no caminho de descobertas quanto a fonte de estímulos para os sonhos (FREUD, 1900/2019, p. 55).

Freud enumera quatro tipos do sonho e os classifica: 1) excitação sensorial externa (objetiva), na qual o estímulo constatado ao despertar e uma parcela do conteúdo do sonho coincidem com o ponto de permitir a identificação do estímulo como fonte do sonho – são sonhos correspondentes ao estímulo, diversas tentativas de produzir sonhos de modo experimental em que o sonho absorve impressões do mundo sensorial, mas insuficientes na explicação total do sonho; 2) excitação sensorial interna (subjetiva), que não se confirma por meio da observação e do experimento; 3) estímulo somático interno (orgânico) – precisamos nos lembrar que a existência de quase todos os nossos órgãos internos passa despercebida em seu estado sadio e tornam-se em estado de alerta, ou durante doenças ou quando uma fonte de sensações costuma ser desagradável e precisa ser comparada aos agentes externos. Os órgãos adoecidos chegam a dar indícios característicos ao conteúdo do sonho, mas a questão não é somente a comprovação dos sonhos com indícios a doenças orgânicas, mas a fonte de estímulos para os sonhos comuns em pessoas normais; e, por último, 4) fontes de estímulos puramente psíquicas (FREUD, 2019).

O sonho não pode ser esclarecido por meio de estímulo sensorial objetivo descoberto após o despertar, já que o estímulo que age sobre os sentidos durante o sono não surge em sua forma verdadeira, e sim substituído por outra representação, que, de algum modo, se relacionam a uma afinidade qualquer, mas não única, nem exclusiva. A natureza das impressões sensoriais são indefinidas quando as condições de seu reconhecimento são insatisfatórias de acordo com um número maior ou menor de imagens mnésicas e através de suas impressões recebem seu valor psíquico (FREUD, 2019, p. 52).

[...] O sonho presta ao cérebro sobrecarregado os serviços de uma válvula de escape. Os sonhos possuem o poder de curar e aliviar. O sonho é uma reprodução não reconhecida, como lembrança inconsciente, um material de representações que provém de impressões que provavelmente tiveram um impacto maior das quais nossa atenção foi desviada logo após sua ocorrência. No sonho, [...] o conhecimento, a sensação, a vontade e a imaginação são alteradas, em troca, a atividade da psique chamada de fantasia ou imaginação,

após libertada de todo domínio da razão, desveste-se de todo controle rigoroso, ascendendo-se ao domínio ilimitado (FREUD, 2019, p. 109).

As características do sonho conferem a libertação das categorias inibidoras do pensamento que lhe concede maleabilidade, agilidade e alterabilidade maiores, compondo a vida interior em representação plástica externa.

Falta à fantasia onírica a linguagem conceitual; ela precisa representar de forma plástica o que pretende dizer, e dado que nisso o conceito não exerce efeito enfraquecedor, ela o retrata com a riqueza, força e grandeza de forma plástica. Por causa disso, sua linguagem por mais nítida que seja, se torna confusa, pesada, desajeitada (FREUD, 2019, p. 115).

É uma atividade simbolizadora da imaginação, já que a clareza da linguagem é obstruída por sua aversão a expressar um objeto, escolhendo uma imagem diferente à imagem real do objeto.

Garcia-Roza ajuda-nos a compreender o processo da concepção evolutiva do aparelho psíquico quando esclarece que a descrição e função de um desejo pelo sonho retornam às primeiras explicações teóricas de Freud sobre o desamparo. Tomando como exemplo o recém-nascido humano, que descarrega pela via motora suas demandas de necessidades por satisfação, inicialmente, chamado por Freud de princípio de inércia neurônica, substituído, posteriormente, por princípio de constância, que não postula uma descarga total da excitação propondo uma regulação (GARCIA-ROZA, 1988, p.87).

A experiência de satisfação só pode ser empreendida pelo auxílio externo, através da mãe ou da pessoa responsável pelo alimento. Gritar e espernear não eliminam o estado de tensão decorrente da necessidade e o bebê necessita desse auxílio externo, que atinge a “experiência de satisfação” e põe fim ao estímulo externo. A explicação do aparelho psíquico do recém-nascido organiza-se em manter-se o mais livre possível de estímulos e detalha sua forma mais simples e primitiva em que qualquer excitação sensorial que o atingisse seria prontamente descarregada via motora. Essa exigência, no exemplo do caso do recém-nascido, esbarra com o estado de desamparo essencial do ser humano em seu início do desenvolvimento (GARCIA-ROZA, 1988, p. 87).

Essa experiência de satisfação explica o esquema da construção do aparelho psíquico de Freud, já que ela é acompanhada de uma percepção. Daí por diante, o traço de memória produzido pela imagem perceptiva permanece associado à satisfação. Quando surge novamente o mesmo estado de tensão produzido pela mesma necessidade, surge um impulso psíquico que

procurará reinvestir a imagem do objeto e reevocar a própria percepção, numa tendência a reproduzir alucinatoriamente a experiência de satisfação.

Um impulso desta espécie é o que chamamos de desejo (*Wunsch*); o reaparecimento da percepção é a realização do desejo e o caminho mais curto a essa realização é uma via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo a uma completa catexia da percepção. Nada nos impede de presumir que houve um estado primitivo do aparelho psíquico em que este caminho era realmente percorrido, isto é, em que o desejo terminava em alucinação (GARCIA-ROZA, p. 87).

Essa atividade psíquica, obtida pelo caminho da regressão, Freud dá o nome de *identidade perceptiva*, cuja produção será a decepção, pois o objeto é alucinado e não real, persistindo, portanto, o estado de necessidade. O modelo explicativo proposto por Freud do funcionamento do aparelho psíquico está fundamentado no evitamento do desprazer (GARCIA-ROZA, 1988, p. 88-89).

A impressão mnêmica que fica é a passagem do investimento, demonstrado no desenho do esquema de Freud, dos sistemas *Pcs* para o *Cs* está ligada a uma censura, como entre o *Ics* e o *Pcs*, de modo que essa censura só age quando lhe escapam as formações de pensamento menos intensas, num compromisso a partir de certo limite quantitativo. Garcia-Roza resume a definição do conceito de impressão dizendo: “A impressão é considerada por Freud como o momento primário da elaboração mnêmica. Ela se distingue do estímulo e da sensação assim como também da representação”, considerada anterior a inscrição e posterior à sensação (FREUD, 2019, p. 674; GARCIA-ROZA, 1993).

2.2 JUNG E SUA ENTRADA NA PSIQUIATRIA

Em 1957, aos 82 anos de idade, Jung inicia a redação de sua autobiografia, publicada em 1961, com o título de **Memórias, Sonhos, Reflexões**, relacionando que sua vida é um relato da autorrealização inconsciente, na qual ele analisa e descreve a importância da vida subjetiva ou interior, a partir de um universo de sonhos, visões e experiências espirituais (HALL; NORDBY, 2014). Nascido na pequena aldeia de Kesswill, na região nordeste da Suíça, seu pai tinha como ofício o trabalho de pároco e, como responsável de igreja, era sempre transferido para atuar em paróquias religiosas. Um dado marcante na vida de Jung, que esteve sempre às voltas a despeito de suas preocupações frequentes de ordem teológica, percebia que a religião

constituía, além da barreira entre ele e o pai que resumia seus questionamentos a “deve-se acreditar e ter fé”, a não respostas para suas interrogações reflexivas sobre a vida.

Aos 16 anos, tornou-se o primeiro aluno da classe escolar. O dilema religioso foi sendo gradualmente substituído por outros interesses, atraído pela Filosofia, em especial Schopenhauer, a quem disse: “ali estava finalmente, um filósofo suficientemente corajoso para confessar que nem todos os fundamentos do universo são os melhores possíveis, não disfarçando os aspectos indesejáveis da humanidade” (HALL; NORDBY, 2014, p. 13).

Jung seguiu pela medicina e ainda conseguia tempo para continuar suas leituras em Filosofia. Às voltas com o terceiro ano de faculdade na indecisão quanto a sua especialização, restringiu-se àquela que melhor dispusesse de pouco dinheiro. No decorrer de sua caminhada universitária e em sua vida pessoal, diversas experiências misteriosas habitavam sua mente. Jung começara a dar importância aos seus sonhos, o que o levou a frequentar sessões espíritas no interesse aos fenômenos ocultos que lhe ocorriam (HALL; NORDBY, 2014).

O interesse a esses fenômenos levou Jung a investigar e escrever sobre o comportamento de uma médium, “uma garota de quinze anos que trabalhava nas sessões em casa dos parentes” e utilizou os escritos em sua tese de doutoramento. Seus estudos voltados para a Psicologia e para a Psicopatologia, aproximou-o da leitura “do manual de psiquiatria de Krafft-Ebing, a fim de se preparar para os exames finais. O primeiro capítulo atingiu-o como o fulgor de um raio; compreendeu imediatamente que a Psiquiatria era o campo que lhe estava destinado” (HALL; NORDBY, 2014, p. 15).

A 10 de dezembro de 1900, Jung, aos 25 anos, assume seu primeiro cargo profissional como assistente do Hospital Burghölzli de Doenças Mentais, em Zurique, uma instituição de referência que servia como clínica psiquiátrica à Universidade. O Hospital tinha como diretor o renomado médico Eugen Bleuler (1857-1939) e seu aclamado trabalho com pacientes diagnosticados com demência precoce, a quem deu o novo conceito da doença de esquizofrenia, já que não se contentava com a descrição dos sintomas das doenças mentais e queria dar à psiquiatria uma base psicológica. Bleuler foi o sucessor de Auguste Forel (1848-1931), cujo médico e pesquisador eram de reputação internacional. No Hospital, Jung realizou pesquisas experimentais e observações clínicas num período aproximado de três anos, buscando compreender a base psicológica individual da esquizofrenia sob os fundamentos de uma psiquiatria dinâmica (JUNG, 2011; MCGUIRE, 1993, p.12).

2.2.1 O Hospital Burghölzli e o associacionismo

A teoria do associacionismo⁹, que então domina a psicologia à época, em que “a vida psíquica explicar-se-ia pelas combinações e re-combinações dos elementos mentais, que entrariam em conexão segundo determinadas leis (leis de contiguidade, semelhança, contraste, etc.)”, levou Bleuler, preocupado com os processos psíquicos e sua definição a fim de conhecer o homem em sua totalidade, a aprofundar-se nas experiências de associações do presente a fim de saber da existência psíquica do passado. Ele estava aberto às recentes e discutidas ideias de Freud. Viu seu assistente Jung tornar-se “perito” na execução dessas experiências e o mais próximo colaborador de Bleuler na procura do distúrbio mais frequente na dissociação psíquica sempre presente nas diversas formas clínicas da “doença enigma”, então chamada demência precoce (SILVEIRA, 1968, p. 30-33).

Jung, em seus estudos psiquiátricos, ao analisar o caso de dois rapazes “débeis mentais”, no Hospital Burghölzli, enviados por determinação judicial a respeito de um estupro para avaliação médica, em sua análise, a partir de observações, entrevistas e aplicação do teste de associação de palavras¹⁰ – um teste que foi sendo desenvolvido por Jung desde 1902 no Hospital, um experimento de associações que trata em primeiro lugar a reação a uma palavra-estímulo que apresentada ao examinando sob o exame reage o mais rápido possível e a cada palavra sugerida a pessoa deve responder com a primeira palavra que lhe ocorra como associação –, constatou um estado de inibição, descrito por Jung de “embarço”. A atenção não se fazia concentrar, estando fixada em algum lugar, supostamente devido a uma ideia com carga emocional intensa. Os casos constatavam que o emprego insuficiente da atenção piorava a qualidade das associações em geral, aproximando-se, então, de um estado de certa demência. Talvez poderia essa questão indicar a razão da debilidade mental, aumentada pela emoção¹¹. Jung supõe não se tratar apenas da imbecilidade, mas de uma disposição mental, encontrada também em outros indivíduos degenerados, que coloca obstáculos anormais à assimilação interna das emoções e a novas impressões e, assim, produz um estado de constante perplexidade. “Até que ponto esta disposição de neutralizar as emoções de maneira deficiente

⁹ O termo associacionismo origina-se da concepção de que a aprendizagem se dá por um processo de associação de ideias, das mais simples às mais complexas.

¹⁰ O teste propriamente dito será melhor descrito nos próximos capítulos.

¹¹ Jung cita como emoção ou sentimentos aquilo que evoca no indivíduo um experimentar único e individual, seja em atitudes ou percepções das quais ele as conhece muito bem, tais como: medo; tipo emocional; semelhanças a estímulos perturbadores (JUNG, 2013, p. 585).

ou anormal coincide com a histeria, é difícil dizer; segundo a teoria de Freud sobre a histeria, as duas seriam idênticas” (JUNG, 2011e, p.178).

Jung ficou às voltas com a complexidade de um diagnóstico em que os sintomas apontam para improváveis reduções puramente funcionais, mas com difíceis explicações por motivos psicológicos, uma mistura impenetrável entre quadros complexos de simulação e histeria, que passam da consciência para o subconsciente, uma transposição que se afirma possível por influência anormal da emoção. Assim sendo, recorre à teoria da emoção de William James¹²(1842-1910), **Whats is na Emotion?**, inicialmente lançada em 1884, publicado em **Mind** (v. 9, n. 34, p.188-205). A obra foi uma tentativa de explicar aquilo que ainda não tinha palavras para ser explicado, já que os fisiologistas da época vinham durante os últimos anos limitando suas tentativas de explicação às funções do cérebro para as performances cognitivas e volitivas, uma divisão no cérebro entre os centros sensoriais e motores um paralelo exato da análise feita pela psicologia empírica (JAMES, 2013).

O processo emocional ora era tido em centros especiais e separados em lugares no cérebro, entre os centros motor e sensorial, já conhecidos, ora em outros lugares cerebrais que ainda não haviam sido mapeados, diversas complicações da fisiologia do cérebro. James tende a caminhar sobre a questão se o processo emocional no centro sensorial ou motor seria de todo peculiar, ou se ele se assemelha aos processos sensoriais usuais que nada mais são do que a combinação de tais processos de forma variada. As emoções são trazidas como expressão corporal distinta em que sentimentos de prazer e desprazer, de interesse e entusiasmo, ligados às operações mentais teriam certas disposições inerentes a certas formas de ação nervosa, ou seja, uma onda de perturbações corporais de algum tipo acompanha a percepção de imagens ou sons interessantes. Sendo assim, as manifestações corporais de várias emoções (medo, raiva, curiosidade, arrebatamentos e outros) são tidas como a manifestação dessas várias emoções, como a sua expressão ou linguagem (JAMES, 2013).

Jung cita alguns exemplos de experimentos conduzidos na busca pela descoberta de fenômenos cujas teorias iam de encontro a chamadas – dissociações da consciência; automatização no estado de distrabilidade; múltipla consciência –, cujas diversas perspectivas de autores na Alemanha e França, como Forel, Janet, Binet, Ganser, Raecke, também questionavam a influência das emoções, levando a considerar que todo e qualquer automatismo

¹² Foi um filósofo e psicólogo americano e o primeiro intelectual a oferecer um curso de psicologia nos Estados Unidos, considerado o pai da psicologia americana, criador do primeiro laboratório de psicologia experimental do continente.

fosse fomentado pela distração, pela fraqueza de atenção, desenvolvido principalmente pelo “lado sombrio da psique”.

É de se supor, portanto, que certas ideias, presentes na consciência juntamente com a emoção, mas que não precisam estar relacionadas com a emoção, no tocante ao conteúdo, ‘se tornem automatizadas. Esta suposição é amplamente confirmada pela experiência clínica, sobretudo pela anamnese de tique histéricos (JUNG, 2011e, p. 189-190).

Jung explica que um quadro de “simulação” é algo que “escorrega” para o subconsciente. Os distúrbios de simulação estão em sua dependência de processos externos, em geral, carregados de emoção. Por causa do comportamento clínico, assemelha-se à histeria; “estupidez”, segundo Jung. Outros autores deram o nome de “emocional”. “Freud demonstrou claramente que o papel etiológico principal nos distúrbios psicógenos (histéricos) cabe à emoção”; “a repetição de uma síndrome de Ganser¹³, por mim [Jung] observada, corresponde inclusive ao mecanismo freudiano de uma repressão emocional” (JUNG, 2011e, p.193).

No Hospital Burghölzli, Jung aplicava o teste de associação de palavras cujo objetivo era determinar a velocidade média das reações e das qualidades dos pacientes esquizofrênicos. No experimento, Jung confirmava, além da natureza autônoma do inconsciente, a hipótese dos complexos¹⁴ relacionados com a vida emotiva do paciente e sua carga emocional, variante em graus mais ou menos acentuados:

[...] originalmente a resposta à palavra-estímulo estava reduzida a uma só palavra; mas Jung achou que isto limitava o valor do teste e introduziu algumas modificações técnicas. Enquanto o teste prosseguia em sua antiga forma da medição do tempo de reação, foram feitos concomitantemente registros mecânicos que mostravam graficamente o efeito das emoções sobre os batimentos do pulso, sobre a respiração e sobre mudanças quantitativas na resistência elétrica da pele. Sua constatação de que corpo e psique reagiam como unidade fez de Jung o primeiro clínico que reconheceu a importância dos epifenômenos psicossomáticos (JUNG, 1998, p.19).

A partir dos resultados obtidos das informações do professor Bleuler, em decorrência do que ele já vinha estudando quanto às diferenciações das técnicas experimentais, Jung buscava saber se haveria diferença nos resultados dos estudos entres os tipos de pessoas doentes

¹³ Um transtorno dissociativo caracterizado para uma simulação, relacionado aos transtornos apresentados nos quadros de histeria.

¹⁴ Segundo Jung, complexo é um agrupamento de representações mentais mantidas juntas por emoção, que se organizam a partir de experiências emocionais significativas (de tonalidade afetiva/emoção) do indivíduo. “Os complexos são agrupamentos de conteúdos psíquicos carregados de afetividade” (SILVEIRA, 1968, p. 35).

(psicose) com as de pessoas sadias (normal), percebendo, inicialmente, que o fator psíquico de maior influência sobre o mecanismo no teste de experimento de associações de palavras, em suas observações, era a atenção, no caso do demente precoce. A desatenção era marcante por estar envolto ao seu quadro patológico. Assim, a partir do lugar especial da atenção, Jung busca compreender seus efeitos diretos sobre o processo associativo e se o distanciamento do foco visual da consciência diminuiria a validade do processo de associação (JUNG, 2012, p. 18).

O médico suíço indagava se não seria melhor, em vez de “associações”, falar-se em “reação linguística”, “pois a conexão externa entre a palavra-estímulo e a reação é grosseira demais para dar um quadro absolutamente preciso dos processos psíquicos extremamente complicados que são as associações”. Por saberem pouco sobre a conexão dos eventos psíquicos, reforça-se ser importante formular os princípios para uma classificação dos fenômenos externos a partir de dados psíquicos internos. Por isso, propõe-se uma classificação simples, pautada em princípio lógico, ou seja, voltada às condições especiais da experiência, em específico, à reação verbal (JUNG, 2012, p. 18).

Em seu livro **Psicogênese das doenças mentais** (1960), apesar de Jung relatar haver muito material empírico para comparação e estudo nos casos de demência precoce, a dificuldade no conhecimento da psique normal ainda se fazia muito presente. Em especial quanto às contribuições das concepções teóricas mais antigas, a respeito das formas de doenças que se aplicavam à demência precoce, era entendida como a essência do distúrbio psíquico na catatonia e nos atos automáticos como um estado de diminuição da consciência que perdeu o domínio sobre os processos psíquicos. Esse estado de enfraquecimento da consciência estaria relacionado ao distúrbio de atenção, uma comparação entre o estado catatônico e a dispersão normal da atenção (JUNG, 1960).

Sobre essa descrição, respaldavam-se as confirmações de vários trabalhos de diversos autores que abordaram a demência precoce, dos quais Jung se apoia e diz parecer como num jogo, aparentemente sem regras incapaz de saber sobre o que é positivo ou negativo, mas refletindo de forma clara nas associações verbais, cujos autores, a seguir mencionados, admitem como uma redução da atenção e expressam seus questionamentos através dos conceitos: embotamento aperceptivo (Weygandt); dissociação, *abaissement du niveau mental* (Janet, Masselon); cisão da consciência (Gross); desintegração da personalidade (Neisser e outros); tendência à fixação (Masselon, Neisser); ideias associativas (Freud e Gross). De acordo com as provas experimentais por esses autores alcançadas, há uma relação entre as associações e a redução da atenção, surgindo outras combinações: simbólica, motora e sonora, que

desempenham grande importância nas divagações dos pacientes com demência precoce, algumas dessas descobertas com reservas e outras com belos trabalhos experimentais (Jung, 2013a). Além disso, Jung se esforça por entender como se comportam as séries de associações verbais progressivas sob a influência da atenção descontraída. Segundo Stransky¹⁵, [...] “na distração, cria-se um certo vazio da consciência, no qual as ideias podem persistir mais facilmente do que numa atenção total” (JUNG, 2013a, p. 31).

Algumas leituras sobre a ideia de um “enfraquecimento” da consciência, segundo Pierre Janet (1859-1947), podem ser localizadas nas leituras mais antigas, como as de Kraepelin, Aschaffenburg, Ziehen e outros, que afirmaram estar relacionado ao distúrbio de atenção, com semelhanças entre o estado catatônico e a dispersão normal da atenção. Porém, as concepções anatômicas dos processos psíquicos, como aquém do limiar da consciência, reforçam nada saber sobre processos que não podem ser esclarecidos para a constituição de elementos psicológicos, tais como ideias, sensações, etc. Essas concepções requerem, portanto, o cuidado a reduções. “A concepção de Roller-Neisser, por exemplo, toma como base o pressuposto de que, fora da consciência, a psique deixa de existir”. O que não é o caso ao estudar sobre a psicologia francesa e a experiência da hipnose (JUNG, 1957, p. 14).

Apesar da complexidade da natureza do mental ser um grande desafio, importantes avanços nos resultados foram alcançados por meio dos dados empíricos na via de uma psiquiatria dinâmica, proposto por Jung. Mesmo que em sua obra **Estudos experimentais** (1907/2011f) ainda predomine uma linguagem psiquiátrica, os estudos sobre “A psicologia da demência precoce” e “Conteúdo da psicose”, ambos publicados no livro citado, trazem fortes contribuições para essa mudança: “Na psique, tudo se relaciona com alguma coisa: a psique existente é a resultante de milhares de constelações” (JUNG, 1960, p. 20).

2.2.2 O teste propriamente dito de associação de palavras de Jung

Sob o amparo do grande psiquiatra Eugen Bleuler, diretor da clínica de Burghölzli, em Zurique, e às voltas com a questão da dissociação nas pesquisas que chegam à esquizofrenia, Jung se propõe a transformar o laboratório anatomopatológico em um laboratório do trabalho de experimentos psicológicos a partir do método de associação de palavras, um estudo já praticado por Freud nos casos clínicos de histeria sob a técnica da associação livre. Embora

¹⁵ Stransky possuiu um grande material sobre as leis de associação seguidas pelo fluxo do pensamento, como semelhança, coexistência, combinações verbomotoras e consonâncias.

faça aproximação, o que tem em comum entre Freud e Jung é a ideia do associacionismo, não no sentido de experimento, pois, em Jung, há uma palavra indutora, já em Freud, a palavra se faz pela livre associação, em que o paciente fala o que lhe vier a cabeça, uma indução diferente com técnicas diferentes.

A partir do método, um estudo experimental tão significativo à época, considerado um avanço revolucionário no emprego de técnicas experimentais, Jung prossegue, então, na aplicação do método aos pacientes esquizofrênicos hospitalizados da clínica de Burghölzli aos quais Bleuler foi quem, pela primeira vez, nomeou a doença como esquizofrenia. Disse ser uma maneira mais delicada à superação do conceito de demência precoce – tendo Kreeplin a considerar a demência precoce como uma demência jovem. Bleuler discordava, criando uma outra categoria com base na dissociação.

O termo associações ao método abordado nas pesquisas de Bleuler e Jung, é mantido por Jung em seus trabalhos de publicação, desde os escritos **Estudos psiquiátricos** (1902) e **Estudos experimentais** (1904) até num trabalho posterior, **Considerações gerais sobre a teoria dos complexos** (1906-1907), expondo suas reflexões sobre o lugar que os estudos das associações ocupavam na concepção geral das estruturas e processos psíquicos. “Talvez a descrição mais viva da teoria das associações está nas **Tavistock Lectures**”¹⁶ (1936), volume XVIII (JUNG, 2011f, p. 7).

A iniciar seu trabalho, no teste de associação de palavras e incluindo a teoria de Freud a alguns de seus resultados nesse experimento, ao fornecer ao paciente uma série de palavras-estímulo, Jung percebe uma modificação quanto à reação do experimentado a determinadas palavras, seja no tempo de espera prolongado, seja pela atenção. A resposta dada em decorrência de “algum” efeito que determinada palavra lhe causava, uma reação era observada como uma repentina mudança de expressão do rosto. Este fenômeno relacionava-se com o complexo em questão, uma indicação de que o inconsciente associa palavras diretamente ligadas ao complexo, que ficam reprimidas, cuja pessoa experimental desconhece, conforme Freud já havia dito (JUNG, 2011f, p.135).

O experimento mostrou que, ao diminuir um número de associações, é dado um sinal de que aumentam as inibições, dando condições para o surgimento das associações indiretas. Estas últimas são vistas como um fenômeno de transição que alcança seu ponto ótimo num

¹⁶ Uma obra importante de Jung sobre as palestras de Tavistock, em 1936, **Analytical Psychology: Its Theory and Practice**, em que ele discorre sobre a não possibilidade de diferenciar igualmente todas as funções psicológicas. Caso acontecesse, estariam se aproximando da perfeição divina que, segundo ele, nunca aconteceria. As funções psicológicas são aprofundadas na obra **Tipos psicológicos** (1921).

certo grau de distração, tendo ultrapassado o ponto crítico. Isto é visto nos quadros de delírio alcoólico estudado por Bonhöffer, na mania epilética de Heilbronner, em certos estados catatônicos e histéricos, etc., em que se associam, por outro tipo de semelhança, um deslocamento, por exemplo, por via de imagem. Édouard Claparède (1873-1940) abordou de outro ângulo a questão das associações indiretas como sendo o “resultado do concurso de várias associações intermediárias, todas muito fracas para se tornarem conscientes”. Freud trouxe ainda a questão do método de associação espontânea, que são elos entre palavras da cadeia de ideias, em que o falante percebe que uma palavra espontaneamente falada não tem nada a ver com o conteúdo da consciência, voltando sua atenção para ela (JUNG, 2011f, p.197).

Para a realização do experimento, é necessária a utilização de um cronômetro para determinar a velocidade média como explicação ao funcionamento e arranjo do aparelho psíquico, em que a diferença de tempo supõe algo sobre a emoção, evocando palavras que escapam da média calculada no teste e reúnem um agrupamento de representações mentais que seria um complexo, cujo objetivo é determinar, a partir das reações fisiológicas e das qualidades dos pacientes esquizofrênicos o porquê de o método ser perturbado por um comportamento autônomo da psique, na qual ‘falhas’ tidas nos resultados como falhas de reação, estariam vinculadas a reações de ‘tonalidade afetiva’, da emoção. Jung chamou essa perturbação de “complexos”, e também de “constelação”, em que um fenômeno de uma situação exterior desencadeia um processo psíquico de maneira automática sem que se consiga deter por vontade própria. Apesar de, em certos casos, as associações procederem de uma forma normal, de repente, se viam interrompidas por um aparente desconexo, como uma estranha combinação “educada” de ideias (JUNG, 2011f, p. 15).

O experimentador organizava uma lista de palavras isoladas, desprovidas de qualquer relação significativa entre si. São as palavras *indutoras*. O indivíduo examinado é solicitado a reagir a cada palavra indutora pronunciando uma única palavra, a primeira que lhe ocorra esta palavra é denominada *palavra induzida*. O experimentador mede o tempo entre uma e outra com um cronômetro que indica quintos de segundo. O cronômetro é posto em movimento quando o experimentador pronuncia a última sílaba da palavra indutora e é detido logo que o examinando profere a primeira sílaba da palavra induzida. O tempo escoado entre uma palavra e outra é o *tempo de reação*. Em média provoca-se cinquenta reações, ou pouco mais. Será inconveniente prolongar excessivamente a experiência a fim de evitar cansaço. O experimentador permanece sempre atento aos vários incidentes que possam ocorrer no curso da experiência. Os tempos de reação variam muito, ora são breves, ora longos. O examinando em vez de responder por uma só palavra responde com uma frase, ou repete a palavra indutora, hesita, ri, reage pela

mesma palavra a diferentes palavras indutoras, enrubece, transpira, etc. (SILVEIRA, 1968, p. 30-31).

Essas diversas perturbações, desprezadas pelos experimentadores da psicologia clássica, sem maior importância, atraíram a atenção de Jung. O estímulo no sentido restrito é visto com interesse em sua pesquisa, ainda que abstendo-se de formular um julgamento acerca da natureza de um sintoma do processo psíquico. A conexão externa direta entre a palavra-estímulo e a reação “seria grosseira demais para dar um quadro absolutamente preciso dos processos psíquicos extremamente complicados que são as associações”, mas estava certo de que as perturbações indicavam que a palavra indutora havia atingido um conteúdo emocional (JUNG, 2011f, p. 18; SILVEIRA, p. 31).

Seu interesse principal era buscar compreender como se comportam séries de associações verbais progressivas sob a influência da atenção descontraída, de como o desempenho psíquico é perturbado nos catatônicos, assim como nos casos hipnóticos e histéricos. O trabalho experimental demonstrou que “os complexos perturbam os testes de associação em uma característica e forma regular (formas peculiares de reação, perseveração, prolongamento do tempo de reação, falta de reação, esquecimento de reações críticas ou pós-críticas, etc.)”. Essas observações, segundo Jung, dão dicas valiosas em relação à teoria dos complexos (JUNG, 2011f, p. 33, p. 44).

Ao selecionar as palavras de estímulo na aplicação dos testes de associação, Jung utilizava palavras comuns ao discurso cotidiano, a fim de evitar dificuldades intelectuais. Mas até mesmo nas palavras mais simples, ocorriam hesitações e também outros distúrbios, o que só se explicava ao fato de que a palavra de estímulo atingia um complexo. “Mas por que não pode uma ideia que está intimamente associada a um complexo ser reproduzida ‘sem problemas’?”. A razão principal era a obstrução por uma inibição emocional. “Os complexos estão principalmente em estado de repressão porque estão preocupados como regra com os segredos mais íntimos que são ansiosamente guardados e que o assunto não vai ou não pode divulgar” (JUNG, 2011f, p. 45).

Uma pessoa com forte “tonalidade de sentimento” de um complexo é menos capaz de reagir, não só para o teste de associação, mas para todos os estímulos da vida diária, já que ele é continuamente prejudicado e perturbado pelas influências incontrolláveis do complexo. Seu autocontrole (do humor, pensamentos, palavras e ações) sofre em proporção à força do complexo, o propósito de suas ações é cada vez mais substituído por erros não intencionais,

como lapsos imprevisíveis para os quais ele mesmo não pode dar nenhuma razão (JUNG, 2011f, p. 46).

O teste mostra que um grande número de estímulo-palavras, aparentemente inocentes, agita o complexo. Ao estimular os pacientes com uma palavra, suas associações a outras palavras em reação à primeira palavra apresentada sugerem um significado particular e simbolicamente que só diziam respeito ao paciente, como se o experimento de associação refletisse apenas um lado da vida psicológica diária, de eventos que estão de maneira mais sensíveis e complexos ao paciente (JUNG, 2011f).

Jung comprova o quanto a psique é influenciada pelos ganhos de complexos em maior intensidade e o fluxo de pensamento objetivo é constantemente interrompido por invasões do complexo, gerando longas lacunas no pensamento. Viu-se, nos experimentos, que a menor observação, mesmo remotamente tocando no complexo, desperta de imediato uma explosão violenta de raiva ou dor que pode assumir proporções patológicas, como no exemplo: “Em um caso de demência precoce uma nota: ao ser perguntado se ele era casado, o paciente quebrou em riso inadequado”, ou então, “o paciente começou a chorar e tornou-se completamente negativista”, ou “o paciente mostrou bloqueio”, etc. Se não tivéssemos meios de nos sentir no caminho para a psique de uma pessoa normal apaixonada, seu comportamento nos pareceria o de um histérico ou um catatônico (JUNG, 2011f, p. 48).

Jung afirma que “a demência precoce, furou buracos no teto da consciência, no funcionamento das associações mais claras e possivelmente dirigidas”. O que o paciente vê são apenas os produtos mal inteligíveis, distorcidos e desarticulados do complexo de pensamentos análogos aos sonhos, vendo apenas a imagem de sonho, mas não o complexo do pensamento escondido debaixo dela. Nessa doença, o paciente toma seus produtos de sonho como reais e afirma que eles são realidade, age exatamente como fazemos nos sonhos, quando não somos mais capazes de distinguir entre conexões lógicas e analógicas (JUNG, 2011f).

Os estudos de **Associação de palavras** esforçam-se em explicar e apontar como os pacientes falam sem emoção sobre as coisas que têm o mais íntimo significado para eles. Isto é especialmente impressionante, na análise, quando se descobre invariavelmente a razão para o comportamento inadequado. Enquanto o complexo que está em inibição especial não se torna consciente, os pacientes podem falar com segurança sobre isso, podem até mesmo falar de uma forma deliberadamente leve. “Este falar às vezes pode equivaler a ‘senti-lo longe’, para deslocá-lo por um humor contrastante. A razão psicológica para essa incongruência de conteúdo e afeto

ideacional parece ser que o complexo é autônomo e se permite ser reproduzido apenas quando quiser” (JUNG, 2011f, p. 66).

A psicologia experimental, após libertar-se dos vestígios filosóficos e das noções anatômicas rígidas, segue seu processo de desenvolvimento. A este feito, Jung cita Emil Kraepelin (1856-1926), discípulo de Wilhelm Wundt (1832-1920), considerado um dos fundadores da psicologia experimental. Como alienistas, tentaram aplanar os caminhos da teoria experimental da mente enferma. Kraepelin tinha como temas principais na orientação de suas pesquisas estudar sobre: “a capacidade de rendimento mental; influência da fadiga, remédios e álcool sobre funções psíquicas simples, fadiga e recuperação; capacidade de percepção etc.”. Os experimentos psicométricos e sistemáticos, desde muito tempo, constatavam que um determinado estímulo produz uma determinada reação (JUNG, 2011f, p.456).

Apesar das objeções, como as do determinismo, por exemplo, em que afirma “que a pessoa é capaz de fazer uma escolha adequada dentre os vários motivos do querer, antes que ocorra o ato da vontade”, a associação ganhou seriedade e segurança de qualquer outro experimento científico. O experimento de associação não está entregue ao acaso, uma vez que o acaso não se sujeita a nenhuma regra, já o acontecer, sim. Por isso, uma circunstância do acontecer deve admitir prova empírica (JUNG, 2011f, p.458).

O método das associações de palavras, já em prosseguimento nas pesquisas experimentalistas que vinham anteriormente sendo realizadas no século XIX, provou, ao longo das pesquisas, em especial deitas por Jung, que a palavra-estímulo atraída por uma carga emocional, terá sua indicação no prolongamento do tempo médio calculado de reação do paciente permite concluir que existe algum distúrbio, um complexo à base do distúrbio, que causa, para além de lapsos de memória, sintomas psicógenos. O procedimento do experimento do teste de palavras de Jung tinha o objetivo de reunir um material vasto sobre as associações de pessoas sadias e, ao mesmo tempo, estudar suas condições principais, juntamente com a equipe de residentes no hospital, que incluía Karl Abraham, Franz Riklin, Max Eitingonn e Herman Nngerg, que assinam a pesquisa como co-autores, seguindo com a pesquisa adiante (JUNG, 2011f).

Inicialmente, coletaram associações num número maior de pessoas sadias para examinar as reações e em especial, certos tipos de reação. Tendo em questão que o mecanismo de associações é um processo psíquico muito variável e sob influência de inúmeros eventos psíquicos que fogem ao controle objetivo, dentre eles, a atenção é o mecanismo que mais

interfere sobre o mecanismo das associações. Uma das dificuldades são os efeitos que a atenção causa no experimento. Ela é capaz de afetar os efeitos correspondentes de cada um dos eventos psíquicos. Segundo Jung, “a atenção é um mecanismo infundamente complicado que liga com inúmeros fios o processo associativo a todos os outros fenômenos representados na consciência, sejam de proveniência psíquica ou somática” (JUNG, 2011f, p. 12).

O procedimento consiste na participação das experiências um total de 38 pessoas: “nove homens cultos, catorze mulheres cultas, sete homens incultos e oito mulheres incultas, numa faixa etária entre 20 e 50 anos. Tomou-se o cuidado de selecionar, na medida do possível, pessoas normais”. Na anotação das associações, restringiram-se àquelas que foram produzidas em resposta a uma palavra-estímulo, num total aplicado de 400 palavras-estímulo diferentes. De forma gramatical, classificadas tais como: substantivos 231, adjetivos 69, verbos 82 e advérbios e numerais 18 (JUNG, 2011f, p. 13).

Jung afirma que o método teve sua importância, tanto na teoria, quanto na prática, apesar de ser um método em “voga” na psicologia bastante conhecido. Composto de 100 palavras escolhidas e ordenadas de tal forma a atingirem sem dificuldades todos os complexos que ocorrem na prática a instrução antes do experimento ao participante, é simples: “Responda o mais rápido possível, com a primeira palavra que lhe ocorrer” (JUNG, 2011f). Logo de início, a primeira coisa que chama a atenção no teste é que muitas pessoas têm tempos de reação bastante prolongados, o que se descarta a possibilidade de fazer inferências a dificuldades intelectuais, tratando-se muitas vezes de pessoas bem inteligentes e com perfeito domínio da língua. Jung afirma, que esta situação está na disposição do espírito.

É preciso ter em mente que o experimento de associações não examina apenas um componente da psique – como, aliás, nenhum experimento psicológico se ocupa apenas de uma função psíquica isolada – pois nenhum acontecimento psíquico é uma coisa em si, mas sempre a resultante de todo o passado psicológico (JUNG, 2011f, p. 495).

O experimento se dividiu em três etapas. Na primeira, foram adotadas 200 reações sem qualquer outra exigência, tendo o tempo de reação medido por um relógio que registrava “quintos de segundos e que acionávamos ao ser pronunciada a reação”. O intervalo medido entre a pronúncia da palavra-estímulo e a reação é chamado de tempo de reação. Após o número de 200 reações, elas eram classificadas com o auxílio das pessoas experimentais, as duas centenas anotadas separadamente. “Se, por qualquer razão, ocorresse uma fadiga fisiológica, a segunda série de experiências era adiada para o dia seguinte”. A segunda série consistia de 100

reações que foram anotadas sob condições de distração interna, pedindo que concentrassem sua atenção ao máximo e reagisse, o mais rápido possível. Uma terceira série era aplicada, às vezes realizada no dia seguinte, consistida de 100 reações sob a condição de distração externa: “a pessoa experimental tinha que traçar a lápis linhas de aproximadamente um centímetro de comprimento ouvindo as batidas de um metrônomo” (JUNG, 2011f, p. 16).

Por meio do experimento, foram obtidas de cada pessoa experimental uma média de 300 a 400 associações, chegando um número redondo de 12.400 associações, uma penosa e desagradável tarefa de classificar os resultados da experiência. Examinam-se “os resultados de toda uma série de processos psíquicos de percepção, apercepção, de associação intrapsíquica, compreensão verbal e de expressão motora. Cada um desses atos deixa seus rastros na reação” (JUNG, 2011f, p. 17).

O experimento de associações não é apenas um método de reprodução de pares separados de palavras, mas palavras como ações, situações e coisas resumidas. Ao apresentar a uma pessoa experimental uma palavra com significado de ação, apesar de não ser como estudar sua maneira de reagir que se teria o efeito muito mais completo, mas ainda que as possibilidades se limitem aos substitutos linguísticos da realidade, a palavra-estímulo evoca quase sempre a situação que lhe corresponde. Tudo dependerá da maneira como a pessoa experimental reage a situação (JUNG, 2011f).

A partir das observações, ficava claro para Jung o quanto as reações a determinadas palavras-estímulo compariavam em fortes cargas emocionais, influenciando muito a reação. Isso explicava o motivo de que a pessoa experimental nem sempre estava em condições de reagir de imediato a todas as palavras-estímulo. “Certas palavras-estímulo designam ações, situações ou coisas em que a pessoa experimental não conseguiria pensar e agir com segurança e presteza nem na vida real; o mesmo acontece no experimento de associações”, de alguma maneira a adaptação às palavras-estímulo foi prejudicada (JUNG, 2011f, p.498).

Um fator relevante no experimento é sobre a proporção quantitativa dos tempos de reação, apresentando uma indicação de que poucas pessoas conseguem perseguir seus próprios processos psicológicos, apresentando uma análise subjetiva. De posse aos resultados das amostras do experimento, seria possível “penetrar também objetivamente nos complexos escondidos nas associações e demonstrar que provavelmente as regras obtidas na análise subjetiva têm validade geral” (JUNG, 2011f, p.297).

Os tempos de reação relativamente longos demais estão, sem exceção, sob a influência de uma forte carga emocional. Via de regra, são complexos extensos e pessoalmente

importantes, interferindo na reação subsequente, sem que esteja necessariamente consciente. Segundo Jung, a constelação de uma associação é na maior parte das vezes inconsciente ou não-consciente, o complexo representa uma entidade quase autônoma, como uma segunda-consciência (JUNG, 2011f).

Os exemplos comprovados no experimento são muitos, não cabe aqui a ampliação do número de exemplos, devido sua extensão na explicação e descrição dos estudos experimentais, cuja análise se encontra no Volume 2 da **Obra Completa** de Jung, em 701 páginas, o que seria necessário uma pesquisa exclusiva ao teste deste experimento. O que essa pesquisa traz em colaboração ao experimento é que, na pessoa experimental, acontece uma marcação do predomínio do complexo em determinadas palavras, levando em conta o campo de constelações que o complexo atuará. Seja ele na palavra família, relacionamento, morte, amor, dentre outras palavras, cuja a pessoa experimental está particularmente submetida à influência do complexo. Os fenômenos dos complexos são os mesmos em todas as pessoas experimentais, que é o tempo de perseveração e reação às respostas. O que muda é a espécie do complexo que será diferente de acordo com a vivência e história de cada pessoa (JUNG, 2011f). Jung define que as características de um complexo inconscientemente constelador são:

[...] tempo de reação longo, reação incomum, falha, perseveração, repetição estereotipada de uma palavra-reação (“representante do complexo”), tradução para língua estrangeira, expressões linguísticas grosseiras, citações, erro de linguagem, assimilação da palavra-estímulo e eventualmente também compreensão errada da palavra-estímulo (JUNG, 2011f, p. 297).

O número estatístico aceitável ao tempo de resposta comum é de 1/5 segundos. Quando o tempo de reação é anormalmente longo, calculando os valores estimados quantitativos e compilados, Jung observa que, para além de palavras que apresentam dificuldade ou raridade, de palavras incomuns que não ocorrem muitas vezes na linguagem de todo dia, mas na média, as palavras-estímulo que provocaram tempos de reação prolongados com valor sentimental, eram produzidos por emoção. Tempos de reação longos demais foram aqueles que ultrapassaram a média provável individual (1,3 a 2,2). Num material de 26 de pessoas, mais de 4.000 medições são computadas individualmente com porcentagem de tempos muito longos: 40,9 a 49,2 (JUNG, 2011f, p.301).

O experimento sustenta que não há espaço por onde possam passar à livre escolha e à livre vontade, o que foi de suma importância para a pesquisa das doenças mentais. Apesar de ocorrerem grandes mudanças da personalidade, o experimento de associações fornece meios de

traçar o caminho da pesquisa experimental para chegar aos segredos da psique doentia (JUNG, 2011f, p. 468).

Os experimentos de associações puderam demonstrar o mesmo mecanismo nos casos de doenças mentais, a demência precoce. Também se trata de um complexo daquela “coisa insuportável em que o paciente se esforça por não pensar”, sepultado no fundo da psique, que parece causar muitos dos sintomas característicos dessa doença. A utilidade que representa para a psicopatologia o emprego do experimento de associações e de quanto é universal o significado do complexo com carga emocional:

Infelizmente a demência precoce faz parte de um grupo de doenças ainda não bem delimitado clinicamente; suas formas individuais e o quadro clínico podem ser muito diferentes. Nossas pesquisas (até agora não publicadas) revelam que, em grande número de casos, os sintomas dessa doença podem ser explicados como fenômenos de complexos (JUNG, 2011f, p. 472).

A questão observada nos dementes precoces (esquizofrênicos) era a de que o psiquismo já se encontrava com suas funções todas dissociadas. Jung passa então a empregar como palavras indutoras os neologismos e estereotípias verbais dos doentes. A partir dessa estratégia hábil e “infinitamente paciente” consegue descobrir nesses pacientes complexos semelhantes aos que são encontrados em neuróticos e mesmo em indivíduos normais:

Na demência precoce não há sintoma que seja desprovido de base psicológica e significação. Mesmo as mais absurdas de suas manifestações são símbolos¹⁷ de pensamentos que não só podem ser compreendidas em termos humanos mas que também existem dentro de cada homem. Estavam lançadas as bases da psiquiatria interpretativa (SILVEIRA, 1968, p. 33).

¹⁷ Segundo Jung, a essência do (s) símbolo (s) consiste em apresentar uma situação que não é totalmente compreensível em si e só aponta intuitivamente para seu possível significado. A criação de um símbolo não é um processo racional, pois este não poderia gerar uma imagem que apresentasse um conteúdo, no fundo, incompreensível. A compreensão do símbolo exige uma certa intuição que capta, aproximadamente, o sentido desse símbolo criado e o incorpora na consciência (JUNG, 2013, p. 118).

3 A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

De acordo com Freud, somente **A Interpretação dos Sonhos** (1900) trouxe um guia claro e esclarecedor na compreensão da força dos elementos psíquicos na história do ser humano:

Pouco preciso dizer sobre a interpretação dos sonhos. Surgiu como os prenúncios da inovação técnica que eu adotara, quando após um vago pressentimento, resolvi substituir a hipnose pela livre associação. Minha busca de acontecimentos não se dirigira, de início, para a compreensão dos sonhos. Não sei de nenhuma influência externa que tivesse atraído meu interesse para esse assunto ou que me tivesse inspirado qualquer expectativa valiosa. Antes de Breuer e eu nos separarmos, apenas tinha tido tempo de comunicar-lhe, e numa única frase, que eu, àquela altura, estava sabendo como conduzir os sonhos. [...] como tenho o hábito de estudar sempre as próprias coisas antes de procurar informações sobre elas em livros, pude chegar eu mesmo ao simbolismo dos sonhos antes de ser a ele levado pela obra de Scherner sobre o assunto [1861]. Só depois é que vim a apreciar em sua plena extensão essa modalidade de expressão dos sonhos (FREUD, 1996, p. 29).

A questão do sonho é um ponto chave para a teoria de Sigmund Freud, um tema que se desenvolveu após o domínio da técnica, dos fenômenos clínicos e da terapêutica das neuroses, longos anos que se fizeram de suporte na formulação desta teoria. Para ele, se pudesse ter feito o caminho contrário – proceder primeiramente do sonho e chegar à psicologia das neuroses – viria a facilitar o entendimento ao leitor (FREUD, 2019).

O interesse pela compreensão do sonho como uma das formações do inconsciente, acerca da realidade psíquica e de sua posição que se dá nas lacunas da consciência, apresentou-nos que o sonho se revela como o primeiro elo na sequência de formações psíquicas anormais, uma configuração definitiva de maneira esclarecedora ao levar em conta, a partir de uma teoria psicológica da presença marcante do processo inconsciente, a explicação dinâmica dos fenômenos psíquicos (2019).

[...] quem conhece meus outros trabalhos (sobre a etiologia e o mecanismo das psiconeuroses) sabe que jamais dei por pronto algo inacabado e que sempre me empenhei em mudar minhas declarações conforme o avanço de meus conhecimentos. No âmbito da vida onírica, pude manter minhas primeiras afirmações. Em meus longos anos com os problemas das neuroses, vacilei repetidamente e em algumas coisas me desorientei; nesses momentos, foi sempre a Interpretação dos Sonhos que me devolveu segurança (FREUD, 2019, p. 17).

O inconsciente marca uma diferença radical na psicologia da consciência e o trabalho dos sonhos confirmou isso quando levou Freud a tirar muitos elementos desse trabalho, ocasionando a uma modificação profunda das teorias psicológicas.

Ao expressar a afirmação de ter descoberto nos sonhos uma “via real” para o inconsciente, “como um processo de linguagem de informação”, Freud esclarece uma importante distinção entre os sonhos: a primeira sobre o conteúdo manifesto dos sonhos que se dá de acordo com os acontecimentos, situações, objetos e pessoas, a respeito dos quais sonhamos; e uma segunda, sobre o conteúdo latente do sonho que são os elementos subjacentes manifestados do sonho. Para Freud, o conteúdo latente representa os desejos reprimidos, uma linguagem especial, que pode ser compreendida a partir de sua apresentação dinâmica, tendo como a base fundamental: o trabalho da censura, da resistência e do desejo (FREUD, 1900; 1912; JONES, 1953, p.35).

Freud queria um outro texto que atestasse com a explicação sobre o psíquico inconsciente no sentido descritivo, além da possibilidade de as representações continuarem existindo, ainda que latentes na consciência, como visto pelas manifestações neuróticas e pelo fenômeno da sugestão pós-hipnótica, evidenciando a Freud que as representações inconscientes preservam também sua capacidade de ação na vida psíquica, sendo capazes, inclusive, de influenciar a atividade mental consciente, preservando a confirmação de um inconsciente psíquico e efetivo. Esse fato marca a necessidade de se avançar de uma concepção descritiva do inconsciente para uma concepção dinâmica (CAROPRESO; SIMANKE, 2008).

A análise dos sonhos teria mostrado que os processos mentais inconscientes e incapazes de se tornarem conscientes seriam governados por leis diferentes das que vigoram na consciência e estariam submetidos a outro regime de funcionamento mental. Possuíam, portanto, propriedades diversas daquela da mente acessível à consciência, pertencentes então a uma categoria psíquica à parte, levando Freud a introduzir em sua teoria a hipótese de um sistema inconsciente (*das Unbewusste*), com o objetivo de estabelecer quais são as características peculiares aos processos psíquicos que não se tornariam conscientes passando a constituir um grupo psíquico distinto (CAROPRESO; SIMANKE, 2008).

3.1 TEORIA DO PSÍQUICO: O CAMINHO DO INCONSCIENTE COMO REALIDADE PSÍQUICA NA TEORIA DOS SONHOS

“[...] a **Traumdeutung** não é uma obra de análises de sonhos, menos ainda um livro do sonho, mas uma obra que, pela mediação das leis do logos do sonho, descobre a de todo o discurso e funda a Psicanálise” (PONTALIS, 1977, p. 23-24).

Com o título original em alemão **Die Traumdeutung**, traduzido por **A Interpretação dos Sonhos**, publicado em 1900, tivera a obra repercussão negativa. Freud dizia haver certa negligência por parte dos leitores por verem nela uma ausência de valor e, principalmente, na comunidade científica alemã, forte rejeição. Para ele, a insistente crítica era justificada por ter em seu conteúdo a compreensão aprofundada da teoria das neuroses, uma relação necessária e elementar, mas muito questionada à época (FREUD, 2019).

Em sua quarta edição (1909), somou-se uma pequena venda. A obra levou mais de seis anos para que a primeira impressão de 600 cópias fosse vendida. Somente nos anos posteriores, as vendas foram boas e oito edições foram publicadas enquanto Freud ainda estava vivo. Segundo o autor, “a teoria da interpretação dos sonhos se desenvolveu numa direção que não havia sido enfatizada o bastante na primeira edição, reconhecendo de modo mais correto a extensão e o significado do simbolismo no sonho, (ou melhor, no pensamento inconsciente)” (FREUD, 2019, p. 18).

Freud concebe aos leitores um reconhecido valor aos seus esforços e investigações, já que as diversas tentativas de algumas teorias anteriores nas explicações sobre os sonhos apontavam como um problema científico em andamento, não sendo possível encontrar um fundamento que garantisse resultados consolidados para que um pesquisador posterior pudesse construir algo. Por isso, ressalta que uma concordância e um esclarecimento em assuntos tão obscuros só poderiam ser alcançados mediante uma série de investigações detalhadas como apresentado por ele (FREUD, 2019).

Numa explicação detalhada, destaca algumas importantes contribuições de outros autores que consideraram e discutiram os problemas do sonho. Apesar de deixarem muitas opiniões contraditórias, mostraram também que haviam descoberto algo pertinente, confirmando que o sonho, de modo geral, dava continuidade aos interesses da vida de vigília:

[...] o fisiólogo Burdach, em 1838: “mesmo quando toda a nossa alma estava repleta de algo, quando uma dor profunda dilacerou nosso íntimo ou uma tarefa exigiu toda a força do nosso espírito, o sonho ou nos oferece algo completamente estranho ou seleciona da realidade apenas elementos individuais para as suas combinações, ou adota apenas a tonalidade de nosso humor e simboliza a realidade” (FREUD, 2019, p. 29).

I. H. Fichte, em 1887: “no sonho, a recordação do conteúdo ordenado de consciência desperta e de seu comportamento normal se perde quase que completamente” (FREUD, 2019, p. 19).

Maury (1878, p. 51), “sonhamos com aquilo que vimos, dissemos, desejamos ou fizemos” (FREUD, 2019, p. 30).

Cícero (*De divinatione*, II, lxxvii, 140) já dizia o que Maury diria muito mais tarde: “E principalmente os resquícios de nossos atos e pensamentos em vigília se movimentam e se agitam dentro da alma” (FREUD, 2019, p. 32).

O filósofo J. G. E. Maass (1805) registrado por Winterstein, (1912): “todos os desejos e aversões sensuais adormecidos no coração podem, quando excitados por um motivo qualquer, fazer com que surja um sonho a partir das representações socializadas com estes ou que essas representações se introduzam num sonho já existente” (FREUD, 2019, p. 32).

Lucrécio, em seu poema didático *De rerum natura* (IV. V. 962): E qualquer que seja a busca à qual alguém se apegava com devoção, quaisquer que sejam as coisas de que nos ocupamos muito no passado, a mente estando mais voltada para este fim, geralmente são as mesmas coisas que costumamos encontrar nos sonhos; defensores a defender causas e comparar leis, gerais a lutar e travar batalhas, etc. (FREUD, 2019, p. 32),

F. W. Hildebrandt (1875, pp. 8 ss.): “[...] o sonho é algo distinto da realidade vivenciada em estado de vigília; é, somos tentados a dizer, uma existência hermeticamente encerrada em si mesma, separada da vida real por um abismo insuperável. [...] nos insere em outro mundo e numa biografia completamente diferente, que, no fundo, nada tem a ver com a nossa existência real. [...] ao adormecer, todo o nosso ser com suas formas de existência desaparece como que por trás de um alçapão invisível. No sonho, fazemos então, por exemplo, uma viagem marítima até Santa Helena para oferecer a Napoleão, que ali se encontra preso, um excelente vinho da região de Mosela. O ex-imperador nos recebe com a maior gentileza, quase lamentamos quando a ilusão interessante é interrompida pelo despertar” (FREUD, 2019, p. 42).

Haffner (1887): “uma observação minuciosa encontrará quase sempre um fio que liga o sonho às experiências do dia anterior” (FREUD, 2019, p. 245).

As colaborações dos autores acima, dentre muitas outras que não foram citadas por tomar um espaço extenso na leitura, relacionam-se com a questão colocada por Freud de que a experiência do sonho se apresenta como algo que se insere entre duas fases da vida contínuas e compatíveis, um caminhar junto entre o isolamento e separação:

[...] não importa o que o sonho ofereça, ele retira seu material na realidade e da vida do espírito, que se desenrola nessa realidade. Suas criações mais sublimes e também as mais grotescas precisam sempre emprestar sua matéria-prima daquilo que o mundo dos sentidos apresenta aos nossos olhos ou que, de alguma forma, já encontrou seu lugar no nosso pensamento desperto, em

outras palavras, daquilo que já vivenciamos externa ou internamente (FREUD, 2019, p. 33).

Embora tendo Freud encerrado seus estudos sobre a teoria do psíquico correlacionado ao paralelismo psicofísico, é possível perceber algumas elaborações à teoria do sonho com a teoria do **Projeto** (1950), ainda que de maneira oposta. Ao recuperar o quadro esquemático do aparelho psíquico em que a via de acesso do psíquico se dá através dos estímulos externos e internos terminando em inervações, desde uma extremidade sensível que recebe as percepções até uma extremidade motora, Freud a correlaciona com a via do sonho (FREUD, 2019, p. 587).

A questão apontada nesse caminho é buscar explicar de que maneira pensamentos que nada se distinguem dos pensamentos que ocorrem durante a vigília são transformados em conteúdos oníricos pelo trabalho do sonho. E sua resposta reafirma um dos princípios fundamentais de o **Projeto**, em que o princípio é tornar a energia catexial móvel capaz de descarga, já que os pensamentos que ocorrem durante a vigília nada possuem para serem impedidos de aceder à consciência, é a complexidade do conceito de energia psíquica estudado por Freud. A questão se dá na descoberta da possibilidade com que tais pensamentos sejam retornados à noite:

Cremos que, partindo de uma representação-meta, uma determinada quantidade de excitação, que denominamos de energia catexial, desloca-se pelas vias associativas selecionadas por aquela representação-meta. A cadeia de pensamentos desprezada é aquela que não recebeu essa catexia; a cadeia de pensamento suprimida ou repudiada é aquela da qual essa catexia foi retirada. Em ambos os casos elas ficam entregues às suas próprias excitações (FREUD, 2019, p. 539).

Freud chega à conclusão de que a função do sonho no psíquico segue o mesmo caminho do quadro esquemático da constituição do aparelho psíquico, passando dos estímulos recebidos desde a extremidade sensória do aparelho (sistema perceptivo – Pcpt) à extremidade motora (sistema motor – M). Das percepções que chegam ao indivíduo, permanece um traço no aparelho psíquico, “traço mnêmico” (Mn). A função ligada a esse traço mnêmico é chamado de “memória”. Sendo assim, a passagem dos estímulos perceptivos recebidos, mas que nada se conserva deles por não possuir memória ao segundo sistema, transforma a excitação momentânea recebida do primeiro sistema em traços duradouros (FREUD, 2019, p. 588).

Pelo fato de as percepções estarem ligadas entre si também na memória, poderá ocorrer relações no caminho do trabalho que o inconsciente faz, podendo ou não permanecer na via de

registros. A essas relações Freud deu o nome de associação: “a associação consiste no fato de que, devido a diminuições na resistência e a novas vias facilitadoras, a excitação se propaga de um dos elementos *Mn* mais prontamente para um segundo elemento *Mn* do que para um terceiro” (FREUD, 2019, p. 564).

A ligação associativa que uma segunda cadeia de pensamentos assume traz consigo um elemento que permaneceu indeterminado pela primeira vez, que servem para indicar o caminho, uma repetição na narrativa do sonho pelo sonhador. Faz com que raras vezes ele o faz com as mesmas palavras, sendo, neste ponto, uma importante expressão a ser marcada, a reconhecer o ponto fraco do disfarce do sonho, já que disfarça sob a proteção da pressão da resistência exercida, substituindo uma expressão reveladora por outra mais distante. Essa dúvida é uma censura do sonho (FREUD, 2019, p. 564).

Freud levanta nesse ponto um dos critérios essenciais da construção da teoria da psicanálise, quanto ao valor psíquico: “[...] pois essa dúvida não tem penhor intelectual; nossa memória não possui garantias; ainda assim, cedemos com frequência muito mais que o objetivamente justificável à pressão de confiar em suas informações”. A dúvida, posta como resistência, nem sempre se esgota nos deslocamentos e substituições que impõem. Ela também se apega, em forma de dúvida, àquilo que passou, já que ela não ataca os elementos mais intensos dos sonhos, apenas os mais fracos e indistintos, novamente a censura e resistência aos elementos mais intensos, nesse estudo, os sonhos (FREUD, 2019, p. 565).

Freud afirma que há, no sonho, uma transmutação completa de todos os valores psíquicos, uma subtração de valores. Na escala de avaliação da certeza de análise de um sonho, resta a dúvida e é justamente o efeito da dúvida quanto ao conteúdo que faz da análise um instrumento de trabalho da resistência psíquica. A resistência é o trabalho da psicanálise, em razão de sua desconfiança e censura psíquica (FREUD, 2019, p. 565).

São os sonhos que melhor se encaixam na explicação de todo o estudo de Freud na compreensão do processo psíquico, em consequência à oposição da realidade do material do funcionalismo psicofísico apresentada no início do projeto de 1895, em especial ao capítulo sétimo da obra **A Interpretação dos Sonhos**. Ele escreve:

[...] a intenção é prover uma Psicologia que seja ciência natural, isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando esses processos claros e livres de contradição [...] os neurônios devem ser encarados como partículas materiais (FREUD, 2019, p. 347).

O capítulo sétimo estabelece a grande diferença na definição clara sobre a realidade psicológica como uma forma especial de pensamento e acrescenta uma nota: “No fundo os sonhos nada mais são do que uma forma particular de pensamento, possibilitada pelas condições do sono. É o trabalho do sonho que cria essa forma, e só ele é a essência do sonho – a explicação de sua natureza peculiar”; “o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica” (FREUD, 2019, p. 446; p. 554).

3.1.1 Importância dos conteúdos afetivos no material do sonho, tendo como base no adoecimento psíquico – a resistência e o desejo

Freud afirma que a problemática do material do conteúdo do sonho decorre de experiências, que são reproduzidas e lembradas, supondo ser um resultado nada fácil da comparação feita entre o sonho e a vida de vigília, já que as peculiaridades exibidas pela faculdade de memória escapam de explicações e, numa série de casos, permanece oculta durante muito tempo. “No sonho o conteúdo apresentado não é reconhecido como pertencente à experiência e conhecimento do estado de vigília, o fato sonhado é lembrado, mas não do fato e do momento de ter-se vivenciado aquilo” (FREUD, 2019, p. 34).

O sonho dá testemunho de conhecimentos e lembranças que o homem desperto acredita não possuir. Ao escutar as narrativas dos sonhos de seus pacientes, Freud demonstra que algumas citações presentes no discurso de seus sonhos, apesar de não se lembrarem delas na vida de vigília, na verdade, as conhecem muito bem (FREUD, 2019).

Nós reconhecemos uma impressão sensorial, nós a interpretamos corretamente, nós, ou seja, ela é inserida naquele grupo de lembranças ao qual, de acordo com todas as nossas experiências anteriores, ela pertence – desde que a impressão seja forte, clara e duradoura o bastante e tenhamos o tempo necessário a nosso dispor para essa consideração. Quando essas condições não são satisfeitas, nos enganamos quanto ao objeto do qual provém a impressão; formamos uma ilusão com base neste. [...] de natureza semelhantemente indefinida são as impressões que a psique recebe no sono por estímulos externos; com base nestas ela forma ilusões: a impressão desperta um número maior ou menor de imagens mnésicas, e é por meio destas que a impressão recebe seu valor psíquico (FREUD, 2019, p. 53).

A partir do exemplo, o esquecimento que acontece ao despertar dos sonhos como apenas a lembrança de um sonho curto, que apesar de um grande esforço para lembrá-lo tem-se apenas suas lacunas, pode ser, muitas vezes, recuperada por meio da análise, [...] “a partir de um pedaço

que restou podemos encontrar não o sonho – esse não importa muito, afinal –, mas todos os pensamentos oníricos” (FREUD, 2019, p. 567).

O esquecimento do sonho depende muito mais da resistência do que da diferença entre os estados de vigília e de sono, como insistem os estudiosos. A psicanálise afirma que entre o trabalho de interpretação e o pensamento de vigília não há um abismo psíquico, já que os sonhos no campo do inconsciente não são esquecidos, como visto ao compará-los a outras funções psíquicas, como a retenção na memória, e reforça que até mesmo nos sonhos mais bem interpretados há um ponto que permanece obscuro, [...] “pois na interpretação percebemos que ali há um novelo de pensamentos oníricos que não é possível desembaraçar, mas que também não contribui muito para o conteúdo do sonho [...] o ponto que se assenta no desconhecido” (FREUD, 2019, p. 575).

Freud diz que é justamente na interpretação, geralmente inconclusa, que a ramificação se estende a direções emaranhadas na rede do mundo dos pensamentos, ponto em que o desejo¹⁸ surgiria, como o local mais denso desse tecido. Mas a questão do esquecimento do sonho em estado de vigília dificulta saber sobre o agente principal desta resistência do recordar, como se o estado de vigília apagasse o que se sonhou, ou recordasse apenas fragmentos. Mas, ainda assim, apesar da resistência, há algo que possibilita a formação do sonho, já que durante a noite a resistência é diminuída, possibilitando um “decréscimo” da resistência, permitindo a formação do sonho e reconstituindo sua força plena no despertar. Freud retoma a explicação de que a resistência como a base que reside no inconsciente, teria sua função, em grande parte, no esquecimento (FREUD, 2019, p. 576).

Em nota de rodapé (nota 9 do capítulo sétimo), acrescentada em 1914, Freud cita o filósofo alemão Eduard von Hartmann (1842-1906) que, em 1868, publicou a **Filosofia do Inconsciente**, editada inúmeras vezes e considerada pelo próprio autor como a base de seus trabalhos posteriores. Freud escreve que Hartmann tem a mesma concepção da representação¹⁹, esse importante tema da psicologia, e escreve:

Ao discutir o papel do inconsciente na criação artística, Eduard von Hartmann expressou com palavras claras a lei de associação de ideias orientada por representações com metas inconscientes, mas sem se dar conta da extensão

¹⁸ O conceito de desejo descrito por Freud está ligado ao retorno do vínculo estabelecido em que um impulso psíquico tenta investir novamente a imagem mnêmica da percepção e promover a própria percepção, de reproduzir a situação da primeira satisfação. A corrente que, no aparelho psíquico parte do desprazer visando ao prazer, é chamada de desejo (FREUD, 2019, p. 618; 652).

¹⁹ O conceito de representação em Freud se estende à sua relação com as pulsões e os afetos, um conceito complexo, um fenômeno cuja função está ligada à estruturação do aparelho psíquico.

dessa lei. Ele visa demonstrar que ‘cada combinação de representações sensoriais, quando não é deixada puramente ao acaso, deve levar a certo objetivo, requer a ajuda inconsciente’ e que o interesse consciente em determinada conexão de pensamentos é um incentivo para o inconsciente descobrir, entre as inúmeras representações possíveis, a mais adequada ao fim. É o inconsciente que seleciona conforme os fins do interesse: e isso vale para a associação de ideias à representação evocadora ou à representação evocada, no sentido da psicologia associativa pura, não pode ser sustentada (FREUD, 2019, p. 578-579).

As associações de representações ou imagens que surgem levam à afirmação de que não há ligação solta demais que não forme a ponte de um pensamento para outro. Sempre que um elemento psíquico é vinculado a outro por meio de uma associação, ainda que superficial e chocante, haverá também uma ligação importante, correta e profunda entre eles. Mesmo sujeita à resistência da censura, não há suspensão das representações com meta²⁰ (FREUD, 2019).

As associações são uma regra da técnica nos estudos da psicanálise e, ainda que possíveis associações superficiais ou profundas, todas estão sob a pressão da censura, de um deslocamento de uma associação normal e séria, para uma superficial, aparentemente absurda. Quando não é possível transitar por vias normais, a censura causa um bloqueio, fazendo com que o caminho percorrido seja realizado por vias mais difíceis, desconfortáveis e complexas, com representações diferentes das quais partem a ligação reprimida. Em consequência deste fato, os pensamentos são então modificados e substituídos (FREUD, 2019, p. 581).

Fica claro para Freud que, ao abandonar as representações com metas conscientes, esse domínio passa para as representações com metas ocultas e as de que as associações com representações superficiais apenas substituem, por deslocamento, as associações mais profundas e reprimidas (FREUD, 1900/2019).

3.1.2 Os sonhos e sua relação com o desejo

O autor avalia que o motivo do sonho está sob a influência do desejo e logo está sob o domínio das representações em condição de imagens sensoriais e as peculiaridades de absurdos psíquicos devido à influência da censura psíquica. Para a realização do desejo, é necessário que

²⁰ Para Freud não existiria qualquer associação entre representações sem sentido (puramente “mecânica”), uma vez que não existiria nenhuma associação entre representações sem uma representação-meta. Ocorre que nem todos os pensamentos estão subordinados a uma representação-meta consciente. No inconsciente essa representação-meta só pode ser determinada pela tendência última do aparelho psíquico, a satisfação (Freud, 1999, p. 533-534).

o processo de pensamento do sono seja transformado em sonho. Um pensamento de uma coisa desejada é objetivado no sonho, representado como cena ou, como se acredita, vivenciado (FREUD, 2019, p. 584).

A mesma convicção Freud observou nos casos de delírios, dos estados confusionais, tornando incompreensíveis por suas omissões, mas dotados de sentidos, tendo em si. Para o autor, [...] “obra de uma censura que já não se dá ao trabalho de ocultar sua ação, que, em vez de colaborar para uma nova versão que não mais seja escandalosa, apaga impiedosamente aquilo que desaprova, de maneira que o que resta se torna incoerente” (FREUD, 2019, p. 580).

Os sonhos têm a peculiaridade de transformar seu conteúdo de representações em imagens sensoriais, apontando para implicações desconhecidas e, por isso, sua caracterização com o termo *regressiva*: [...] “um efeito da resistência que se opõe ao avanço de um pensamento em direção à consciência pela via normal, e da atração simultânea que sobre ele exercem lembranças de grande vividez sensorial”. Não há como falar do sonho desvinculado da realização de desejo e derivado da esfera do inconsciente que parte das representações reprimidas, dados que Freud comprovou em seus estudos das neuroses; próprios das lembranças de origem infantil (FREUD, 2019, p.598-600).

Na psicologia do sonho, algo muda nos sistemas conscientes, pré-consciente e inconsciente. Ao dormir, nem sempre é possível encerrar temporariamente os investimentos de energia do pensamento desperto: problemas não resolvidos; preocupações que atormentam; algum impedimento casual que não se concluiu durante o dia; o que foi ativado no inconsciente pelo trabalho do pré-consciente ao longo do dia; as impressões indiferentes e, por isso, não resolvidas do dia; enfim, excessos de impressões prosseguem na atividade do pensamento durante o sono e alimenta processos psíquicos no sistema que Freud designou de pré-consciente, certamente essas excitações acima lutam por expressão também durante a noite (FREUD, 2019).

A excitação noturna no pré-consciente busca reforço nas excitações de desejo que vem do inconsciente. Porém, essa afirmação, quanto à teoria do sonho como desejo, requer uma investigação mais aprofundada. Freud alerta para esse entendimento, destacando a presença de dois grupos para tratar do desejo, chamados tanto satisfatórios quanto desprazerosos. São eles:

[...] “a) o trabalho do sonho consegue substituir todas as representações penosas por representações contrárias e reprimir os afetos desprazerosos correspondentes. Disso resulta então um puro sonho de satisfação, uma evidente “realização de desejo”, sobre a qual, ao que parece, nada mais precisa ser dito; b) as representações penosas, modificadas em grau maior ou menor,

mas bastante reconhecíveis, chegam ao conteúdo manifesto do sonho. Este é o caso que suscita dúvidas quanto à teoria do sonho como desejo e requer uma investigação mais aprofundada. Esses sonhos de conteúdo penoso podem ser sentidos de modo indiferente ou trazer todo o afeto penoso que seu conteúdo de representação parece justificar, ou até mesmo levar ao despertar pelo desenvolvimento da angústia” (FREUD, 2019, p. 608).

O que a análise mostrou a Freud é que até mesmo os sonhos desprazerosos são realizações de desejos, podendo ser chamados de sonhos de punição, com desejo proibido e reprimido. No caso *a* do exemplo acima, os desejos inconscientes e conscientes coincidem; no caso *b*, expõe-se a discórdia. Mas Freud complica ainda mais quando observa que os sonhos de punição também são um desejo inconsciente, mas não se atribui ao reprimido, refere-se ao ‘Eu’, em que os pensamentos dos resíduos diurnos são de natureza satisfatória e expressa satisfações proibidas. Essa condição se deve aos estudos das psiconeuroses, o que não se realiza nesta obra (FREUD, 2019, p. 610).

É necessário um agente, uma força motriz ao sonho providenciada por um desejo, ainda que haja toda uma incitação e preocupações, como Freud descreveu nos grupos anteriores, de modo predominante ou até exclusivo dos resíduos da vida diurna. Qualquer que seja um pensamento diurno é inevitável a presença de um desejo do inconsciente. Há de se reconhecer um centro com intensidade sensorial especial, em que o conteúdo do sonho é ordenado em torno de outros elementos como centro. Em geral, [...] “é a representação direta da realização do desejo, pois ao reverter os deslocamentos do trabalho do sonho encontramos a intensidade psíquica dos elementos dos pensamentos oníricos substituída pela intensidade sensorial dos elementos do conteúdo do sonho” (FREUD, 2019, p. 613).

A partir disso, há uma limitação às explicações totais quando a importância dos resíduos diurnos para o sonho, a aproximação do desejo, muitas vezes não tem relação nenhuma com o sentido desta, revela-se como derivados de pensamentos penosos que contrariam o desejo. O vínculo estabelecido é artificial com o elemento central, mas adquirem intensidade tornando-se aptos para a representação (FREUD, 2019).

Freud caminha a um fechamento quanto à psicologia dos sonhos, recorrendo a dois campos: o papel do desejo inconsciente, voltando-se à psicologia das neuroses, e a algumas definições encontradas na obra **O Projeto (...)**, em que a representação inconsciente seria incapaz de ingressar no sistema pré-consciente, sendo possível apenas atuar nele, unindo-se a uma representação inofensiva já pertencente ao pré-consciente, transferindo sua intensidade para encobri-la (FREUD, 2019). No âmbito psíquico, a situação de uma representação não pode

exercer sua função se não encontrar outro caminho que lhe sirva como fachada e cobertura. Para encobrir uma representação reprimida, é necessário atrair em medida suficiente a atenção das representações pré-conscientes ou conscientes. O inconsciente tece suas ligações preferencialmente ao redor das impressões e representações do pré-consciente, que não chamaram a atenção por serem indiferentes. Isso é descrito por Freud nos estudos da teoria da associação, [...] “confirmada por toda a experiência, é que representações que estabeleceram uma ligação bastante estreita com um lado se comportam como que de modo refratário com grupos inteiros de novas ligações” (FREUD, 2019, p. 615).

A teoria das neuroses ensinou a Freud elementos que também se fazem frequentes na teoria dos sonhos:

O ato de toda análise de um sonho é demonstrar que no seu tecido se acha uma impressão recente e de esse elemento recente ser muitas vezes do tipo mais irrelevante. Acrescentamos o que já vimos em outro lugar: que esses elementos recentes e indiferentes ingressam frequentemente no conteúdo do sonho, como substitutos dos mais antigos, porque são ao mesmo tempo, os que menos têm a temer da censura imposta pela resistência (FREUD, 2019, p. 615).

As impressões indiferentes também satisfazem a exigência por parte do reprimido, de material ainda livre de associações, por ainda não oferecerem motivo para ligações numerosas, e as recentes, porque ainda não tiveram tempo para formá-las. Formalizando os resíduos diurnos e também as impressões indiferentes, tomam algo do inconsciente e participam da formação do sonho. Está claro que o desejo do sonho vem das esferas do inconsciente, dissecando sua relação com os resíduos diurnos, que podem ser desejos, impulsos psíquicos ou apenas impressões recentes. Um jogo de excitações entre o pré-consciente e o inconsciente, concluindo que não são os resíduos diurnos os perturbadores do sono, mas o sonho (FREUD, 2019).

O capítulo sétimo de **A Interpretação dos Sonhos** mostra-nos a capacidade do aparelho psíquico, que anteriormente se esforçava por manter-se livre de estímulos e possuía em sua primeira disposição o mecanismo de um aparelho reflexo, como apresentado no **Projeto**, que afastava de imediato, por via motora alguma excitação que lhe chegasse. Foi uma explicação de uma função simples que não se sustentou.

A excitação trazida pela necessidade interior buscou desafogo na motilidade”, que Freud chamou de “modificação interna” ou “expressão da emoção”, como no exemplo de uma criança faminta que grita ou se agita desamparada, uma

necessidade interna que só se cessa quando, de algum modo, por meio da ajuda externa, a criança tem a “vivência da satisfação”, anulando o estímulo interior. “Um elemento essencial desta vivência é o aparecimento de certa percepção (do alimento, esse exemplo), cuja imagem mnêmica, a partir de então, fica associada ao traço mnêmico da excitação criada pela necessidade (FREUD, 2019, p. 617).

Essa necessidade tende a retornar, devido ao vínculo estabelecido, e um impulso psíquico procura investir novamente a imagem mnêmica da percepção e suscitar de novo a própria percepção, a de reproduzir a situação da primeira satisfação. Esse impulso é o que Freud chamou de desejo. “O reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o pleno investimento da percepção, a partir da excitação devida à necessidade, é o caminho mais curto para a realização do desejo”, um estado mais primitivo do aparelho psíquico em que realmente o caminho foi percorrido. É o estado de alucinação, em que desejar tenha resultado numa alucinação, em que o cerne dessa repetição encontra-se ligada à satisfação da necessidade (FREUD, 2019, p. 618).

A realização de desejo do inconsciente é um produto manifestado não somente pelos sonhos como a única manifestação deste sistema, mas, como vistos também nos sintomas psiconeuróticos, onde um sintoma tem de ligar a ele um desejo pré-consciente, de modo que o sintoma seja determinado no mínimo duas vezes, por cada um dos sistemas que se acham em conflito, o que no caso dos sonhos, não há limites para a sobreterminação: [...] “um sintoma histérico só aparece ali onde duas realizações de desejo contrárias, cada qual de um sistema psíquico diferente, são capazes de convergir numa mesma expressão” (FREUD, 2019, p. 622). Mas parece que o sistema pré-consciente é dominante e admite a realização de um desejo inconsciente após lhe impor certas deformações. Para o autor, “enquanto o sistema dominante recuou para o *desejo de dormir*, e realiza o desejo produzindo as alterações de investimento que lhe são possíveis no interior do aparelho psíquico, afinal persistindo nele por toda a duração do sono” (FREUD, 2019, p. 624).

O sonho elabora a partir de todos os lados o pensamento que ocupa naquele momento a psique, abandona uma imagem onírica se há o perigo de não se realizar o desejo, experimenta com outro tipo de solução, até que finalmente consegue criar numa realização de desejo que satisfaz, num compromisso, as duas instancias da psique (FREUD, 2019, p. 625).

3.1.3 A topografia do aparelho psíquico de Freud – Primeira tópica (Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente)

A concepção freudiana da estruturação do mental levou Freud a desenvolver, num primeiro momento, um modelo topográfico na explicação do psíquico, chamado por ele de *a primeira tópica*, em que o aparelho psíquico é dividido em três instâncias ou sistemas, sendo eles: o inconsciente (Ics), o pré-consciente (Pcs) e o consciente (Cs)²¹. Ainda que Freud renuncie em não atribuir um significado do aparelho psíquico ligado à localidade psíquica, atrelado a um lugar, ou regiões, mas o inconsciente como função simbólica, esclarece que utilizar o conceito lugar estaria ligado à difícil tarefa na função de o inconsciente ter sua função simbólica, já que lugar se assemelharia à difícil tarefa.

Diante da dinâmica das instâncias psíquicas da primeira tópica apresentada pelas várias possibilidades da função do sonho, é somente o desejo, vindo do inconsciente, que abre a compreensão de uma explicação dinâmica, avançando até a consciência através do pré-consciente, ao qual pertence em parte pela via normal dos processos de pensamento, deparando-se com a censura, ocasionando, assim, uma deformação em sua expressão (FREUD, 2019).

Freud ajuda-nos a compreender que o modo de funcionamento do sistema inconsciente reside na descarga direta do desprazer, que resulta no acúmulo de energia no interior deste sistema, retomando uma das noções mais básicas da psicanálise, o da experiência de satisfação. Segundo ele, o que coloca o aparelho psíquico em ação é o desprazer que visa repetir a experiência de satisfação que, anteriormente, diminuiu a excitação e, sentida como prazerosa, essa corrente no aparelho começando do desprazer e visando o prazer foi denominada por ele de *desejo*. Freud afirma que somente o desejo é capaz de colocar o aparelho em movimento, sendo, então, o primeiro desejo, uma catexia alucinatória da lembrança de satisfação. Porém, deixa claro também que esse tipo de lembrança alucinatória não pode produzir satisfação (GARCIA-ROZA, 1988, p. 89).

No estado do sono, o sistema pré-consciente não permite este avanço, já que o primeiro sistema avança de modo progressivo, das cenas ou fantasias inconscientes até o pré-consciente, protegendo-se da invasão diminuindo suas excitações. O processo onírico toma o caminho da regressão obedecendo a atração aos grupos de lembranças, como investimentos do tipo visual, nesta via de regressão adquire representabilidade, do simbolismo em relação ao mundo

²¹ Na expressão de topografia, *topos*, em grego, significa “lugar”.

representacional do indivíduo, já que ele não tem o domínio total sobre si ao ser surpreendido pelo inconsciente (GARCIA-ROZA, 1998, p. 42).

Há um ponto de impasse na fronteira da censura para as percepções. Freud vai dizer, mais tarde, que a consciência, um órgão de sentido para as percepções, é uma parte de nossos processos de pensamento pré-conscientes. Para o autor, “a consciência pode ser excitada de dois lados na vida de vigília: desde a periferia de todo o aparelho do sistema de percepção e depois pelas excitações prazer e desprazer (FREUD, 2019, p. 626-627).

Há duas partes do trabalho do sono: a primeira começa durante o dia ainda sob o domínio do pré-consciente; e a segunda parte, modificada pela censura da atração exercida pelas cenas inconscientes da penetração até a percepção, que prossegue durante toda a noite. Freud apresenta uma descrição da sequência deste trabalho: o desejo do sonho transferido, depois a deformação pela censura e, logo, a mudança regressiva de direção e, conseqüentemente, um resultado como evento perceptivo antes que o sonho atraia para si a consciência, após adquirir a intensidade suficiente e despertar o pré-consciente (FREUD, 2019).

Somente nos sonhos os desejos inconscientes estão sempre ativos, visto que, durante o dia, não são fortes o bastante para se fazer sentir. Mas, durante o estado de sono, o desejo inconsciente tem a força de formar um sonho e, com ele, despertar o pré-consciente. Os estudos das neuroses comprovam como que no inconsciente nada se esquece, sendo comprovada a sua descarga nos sintomas histéricos quando uma carga suficiente investida de excitações adquire acesso às fontes afetivas inconscientes que acha descarga via motora “O sonho, ou seja, ao desejo inconsciente, é dado o poder de perturbar o sono, à realização do desejo pré-consciente” (FREUD, 2019, p. 629).

Quando há a tentativa da realização de um desejo inconsciente, essa realização agita de tal forma que o sistema pré-consciente não consegue mais marcar sua tranquilidade, já que uma função normalmente adequada se mostra perturbadora e inadequada, como se o sonho rompesse o compromisso, sendo então substituído pelo despertar pleno. Segundo a explicação de Freud, “o desejo pertence a um sistema, o *Ics*, enquanto outro sistema, o *Pcs*, rejeitou e suprimiu esse desejo. A subjugação do *Ics* pelo *Pcs* não é completa nem mesmo quando há plena saúde psíquica” (FREUD, 2019, p. 633).

Os dois sistemas se acham em conflito e os resultados de compromisso os fazem cessar o conflito com o outro temporariamente. “Por um lado, proporcionam ao *Ics* uma saída para a descarga de sua excitação, servem-lhe como válvula de escape, e, por outro, dão ao *Pcs* a possibilidade de dominar o *Ics* em alguma medida”. Como no caso de um sintoma neurótico,

em que o sintoma foi constituído para evitar a irrupção da angústia, sendo necessária a supressão do Ics, tendo como objetivo e resultado ao desenvolvimento de desprazer (FREUD, 2019, p. 635).

O domínio do sistema Pcs faz com que as representações permaneçam sufocadas, inibidas quanto ao envio dos impulsos geradores de afetos. Mas, se o investimento por parte do Pcs se cessa, há o perigo de que as excitações inconscientes liberem um afeto que pode ser sentido como desprazer, angústia. É o perigo que surge quando o processo onírico tem plena liberdade, já que as representações que ocorreram e os impulsos com desejo suprimidos tornaram-se fortes o bastante. Freud não adentra nas questões sobre o conceito e o material da angústia, apenas a aborda como uma condição que remete, por meio da repressão, a um desejo obscuro, que encontrou uma expressão no conteúdo visual do sonho.

Mesmo os mais diversos e contraditórios de encontro aos estudos do sonho, Freud traz como diferencial em sua teoria – além de que o sonho interpreta o estímulo sensorial objetivo ao modo de uma ilusão –, o acréscimo de que a “interpretação ocorre de modo tal que o objeto percebido se torna incapaz de perturbar o sono e pode ser aproveitado na realização do desejo” e que as ligações associativas acabam sendo mais frouxas no sonho, sendo apenas o substituto inevitável de outras mais significativas (FREUD, 2019, p. 642).

Às ligações associativas dos pensamentos que vêm da vida diurna, possuem também uma ligação lógica, podendo vir do dia anterior e não sendo percebidos pela consciência, não que esses pensamentos oníricos não sejam capazes de chegar à consciência, já que não se tornaram conscientes durante o dia, podem ter eles diversas razões. Freud explica alguma delas: “Tornar-se consciente está ligado ao direcionamento de determinada função psíquica, a atenção, que, ao que parece, é dispensada apenas em certa quantidade, que pode ter sido desviada do curso de pensamentos em questão por outras metas”; “ao aplicar a atenção seguimos um caminho determinado. Se nesse caminho encontramos uma representação que não resiste à crítica, nós paramos; interrompemos o investimento da atenção” (FREUD, 2019, p. 646).

Por isso, o curso de pensamentos iniciados e abandonados pode continuar sem que a atenção se volte novamente para ele, contando que não atingirá uma intensidade alta que obrigue à atenção. Esse curso de pensamentos considerado perfeitamente correto, e que pode ter sido “negligenciado como interrompido, suprimido”, é o que Freud chama de sistema pré-consciente, em que um curso de pensamentos negligenciado não recebeu a energia de investimento, que é uma representação com meta, se deslocando ao longo das vias associativas escolhidas por essa representação com meta, e ao curso de pensamentos negligenciados que não

recebeu esse investimento, no caso suprimido ou rejeitado, foi então retirado, abandonados às suas próprias excitações (FREUD, 2019, p. 647).

O curso de pensamentos até então pré-conscientes é arrastado para o inconsciente, isso se dá quando as representações com meta à espreita, que provém dos desejos inconsciente e sempre alertas se apropriam dentro do círculo dos pensamentos entregues a si mesmos, estabelecem ligação entre ele e o desejo inconsciente e transferem para ele a energia própria do desejo inconsciente. A partir de então, o curso de pensamentos negligenciado ou reprimido se mantém, apesar desse fortalecimento, ainda não consegue entrar na consciência (Freud, 2019).

Freud descreve suas formulações quanto seu aprofundamento ao aparelho psíquico, a iniciar a de um aparelho psíquico primário, regulado pelo esforço de evitar acúmulos de excitação e manter-se livre ao máximo de excitações, em que a princípio, a motilidade, como um meio para a mudança interna do corpo, como via de descarga. O acúmulo de excitação é sentido como desprazer e o aparelho se coloca novamente a produzir o resultado de satisfação, em que a diminuição da excitação é sentida como prazer.

Essa corrente que no aparelho parte do desprazer, visando ao prazer, é chamada de desejo, e somente o desejo é capaz de colocar o aparelho em movimento, Freud fala que “o primeiro desejo deve ter tido um investimento alucinatório da lembrança da satisfação. Mas essa alucinação, se não devia ser mantida até o esgotamento, revelou-se incapaz de produzir a cessação da necessidade, ou seja, o prazer ligado à satisfação” (FREUD, 2019, p. 652).

Por isso, a necessidade de um segundo sistema, o pré-consciente, que conduz a excitação e provém da necessidade que, por meio da motilidade voluntária, altera o mundo externo, e não permite que o investimento da lembrança avance até a percepção. Para que haja uma modificação do mundo externo pela motilidade, deve haver o acúmulo de grande número de experiências nos sistemas mnêmicos. O *Pcs* envia e recolhe investimentos, mas precisa, por um lado, dispor livremente de todo o material mnêmico, de lembranças. Por outro lado, seria um dispêndio inútil se ela enviasse grandes quantidades de investimento pelas diversas vias de pensamento que acabariam por dispersar de forma inadequada e diminuiriam a quantidade necessária para a transformação do mundo externo.

Esse segundo sistema, o *Pcs* “consegue manter a maior parte dos investimentos de energia em repouso, utilizando uma parte menor para o deslocamento”. Por meio dos investimentos que partem dele, obtém-se uma inibição dessa descarga. O decurso da excitação é vinculado sob o domínio do primeiro sistema, em que a atividade do primeiro sistema é dirigida para a livre descarga das quantidades de excitação. Conforme o autor, “quando o

segundo sistema conclui seu trabalho de pensamento exploratório, ele cessa também a inibição e represamento das excitações e permite sua descarga na motilidade” (FREUD, 2019, p. 653).

O primeiro sistema, o *Ics*, só pode desejar. Ele é incapaz de introduzir algo desagradável no contexto de seus pensamentos. Mas isso não permanece assim, senão o trabalho de pensamento do segundo sistema não existiria, já que ele precisa de todas as lembranças depositadas na experiência. Freud então apresenta duas suposições: “ou o trabalho do segundo sistema se livra completamente do princípio do desprazer, continuando seu caminho sem se preocupar com o desprazer das lembranças”, ou então, “acha um meio de investir a lembrança desprazerosa de modo tal que a liberação do desprazer é evitada”. Porém, o princípio do desprazer funciona também como regulador do curso da excitação no segundo sistema, sendo então necessário aceitar a hipótese do segundo sistema, já que ele “representa simultaneamente uma inibição da descarga da excitação: da consideração pelo princípio do desprazer e do princípio do menor dispêndio de inervação” (FREUD, 2019, p. 655).

Fica, portanto, esclarecido como a chave da teoria da representação dos sistemas “que o segundo sistema só pode investir uma representação se for capaz de inibir o desenvolvimento de desprazer que parte dela”, o que se esquivasse dela, da inibição, permaneceria inacessível também ao segundo sistema e logo seria abandonado, conforme o princípio do desprazer. A inibição do desprazer não precisa ser total, já que um início de desprazer tem de ser permitido, informando ao segundo sistema a natureza da lembrança e sua eventual não disposição para o objetivo buscado pelo pensamento (FREUD, 2019).

Há um risco aos pensamentos reprimidos que são fortemente investidos pelo investimento da excitação de desejo inconsciente que, por um lado, é abandonado pelo investimento *Pcs* e, por outro, sujeitos ao processo psíquico primário, que visam apenas a descarga motora e se o caminho estiver livre, “ao reavivamento alucinatório da identidade de percepção desejada”, que se liberam de uma inibição (FREUD, 2019, p. 659).

A estrutura normal do instrumento do aparelho psíquico passa por dois sistemas psíquicos, “a censura na passagem de um para o outro, a inibição e a sobreposição de uma atividade pela outra, as relações dos dois com a consciência”, e o sonho é um dos caminhos que levam ao conhecimento dessa estrutura. “O sonho prova que o que é suprimido continua a existir também na pessoa normal e permanece capaz de desempenho psíquico. O próprio sonho é uma das manifestações desse material suprimido”, “o que na vida noturna e sob o domínio das formações de compromisso, meios e caminhos para se impor à consciência” (FREUD, 2019, p. 661-662).

Após as inferências e experiências de Freud aos sistemas que governam o aparelho psíquico, ele descreve como os dois dos três sistemas funcionam. O sistema pré-consciente é considerado o último dos sistemas na extremidade motora e indica que os processos de excitação que nele ocorrem. Se as condições forem satisfeitas e possuir a motilidade voluntária, podem chegar à consciência sem maior impedimento. O outro sistema por detrás dele não tem acesso à consciência, senão pelo pré-consciente, que é chamado de inconsciente, que ao passar pelo pré-consciente se submete a modificações. É no sistema inconsciente que é concebido o impulso para a formação do sonho (FREUD, 2019).

Importante sinalizar que o sonho não é o único fenômeno que permite fundamentar a psicopatologia na psicologia. Freud aponta essa questão também nas obras **Sobre o Mecanismo Psíquico do Esquecimento** (1898) e **Lembranças Encobridoras** (1899), e em outros ensaios sobre certo número de fenômenos psíquicos cotidianos encontrados no esquecimento, lapsos verbais, atos atrapalhados, etc., reafirmados na obra **Psicopatologia da Vida Cotidiana** (1901) (FREUD, 2019, p. 662-663).

4 OS EFEITOS DA OBRA *A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS* SOBRE A TEORIA DE JUNG

Para Jung, a análise dos sonhos de Freud enriqueceu o desenvolvimento da ciência quanto ao esclarecimento da complexidade de que o psíquico se apresenta ao mostrar a importância dos sonhos, mesmo tendo em sua fachada uma sequência de conteúdos desconexos e obscuros, confirma que nenhum fato psíquico (ou físico) é de natureza casual. O material do sonho corresponde à ideia oculta, tratando sempre do desejo e da resistência. Freud mostrou que os acontecimentos que não suscitam emoções fortes quase não influenciam nossas ideias ou ações. Somente as reações que provocam sentimento fortes serão de grande importância para nosso desenvolvimento psíquico posterior (JUNG, 1989, p. 27-29).

As pesquisas analíticas de Freud e de sua escola voltou a ganhar novo interesse com o material fornecido dos sonhos e afirma que a psicanálise não se compreende como um teorema matemático, já que qualquer pessoa de inteligência mediana saberia que uma demonstração no campo da psicologia é diferente de uma demonstração no campo da física.

O que mais apresentar aos críticos senão a demonstração dos fatos empíricos! As observações são apresentadas, então, o que mais se aguardaria e que tipo de comprovação os críticos espera? Que mais apresentar, se nossas observações reais são negadas de maneira mais ou menos clara? Excluindo a psicanálise, somos obrigados a esperar que nossos críticos estudem as neuroses e as psicoses com a *mesma profundidade* (JUNG, 1989, p. 85).

A interpretação dos sonhos fez uma aliança entre as escolas de Viena e Zurique. Bleuler já havia se interessado pelas pesquisas anteriores de Freud, mas foi, em especial a obra **A Interpretação dos Sonhos**, que, a partir das experiências de associação iniciadas pela Escola de Wundt, estariam agora sendo interpretadas por Bleuler num sentido psicanalítico, “a primeira ponte ligando a psicologia experimental à psicanálise fora levantada” (FREUD, 1996, p. 38).

Mais importante, contudo, foi a realização da Escola de Zurique, ou de seus líderes Bleuler e Jung. O primeiro mostrou que se poderia esclarecer grande número de casos, puramente psiquiátricos, reconhecendo neles os mesmos processos reconhecidos pela psicanálise como presentes nos sonhos e nas neuroses (mecanismos freudianos); e Jung (1907) aplicou com êxito o método analítico de interpretação às manifestações mais estranhas e obscuras da demência precoce (esquizofrenia), de modo a trazer à luz suas fontes presentes na história da vida e nos interesses do paciente. Depois disso, foi impossível aos psiquiatras ignorar por mais tempo a psicanálise. A grande obra de Bleuler sobre a esquizofrenia (1911), na qual o ponto de vista psicanalítico foi

colocado em pé de igualdade com o clínico-sistemático, completou esse sucesso (FREUD, 1996, p. 38).

Em nota de rodapé da primeira reedição de **A Interpretação dos Sonhos**, de 1900/2019, o tradutor comenta com a passagem acima uma referência de Freud à Jung, na qual fala da brilhante confirmação fornecida por C. G. Jung em seus estudos da **Demência precoce** (1907):

[...] “talvez o jogo livre das representações numa cadeia associativa casual se manifeste em processos orgânicos destrutivos do cérebro; mas o que é visto como tal nas psiconeuroses sempre pode ser explicado pela ação da censura sobre uma série de pensamentos, que é empurrada para primeiro plano pelas representações com meta que permanecem ocultas” (FREUD, 2019, p. 580).

Freud esclarece que o trabalho da associação livre realizada por ele deixa clara a informação de que houvera êxito nos estudos sobre o inconsciente em que as representações com metas conscientes tivesse sob o domínio do médico. Somente quando passa para as representações com metas ocultas e as associações com representações superficiais, é que substituem, por deslocamento, as associações mais profundas e reprimidas podem surgir. “As teses aqui apresentadas, que então pareciam improváveis, foram depois utilizadas e confirmadas experimentalmente nos “estudos diagnósticos de associação” de Jung e seus discípulos [1906]”. (FREUD, 2019, p. 582).

As relações com as obras de Freud ganham força na leitura e na aplicação nas pesquisas de Jung, como nas fases alucinatórias delirantes em que podem ser comparadas por aquelas em histeria, embora sempre deva ser mantido em mente as duas doenças diferentes. O conteúdo do delírio histérico, como pode ser facilmente visto ao empregar o método de análise de Freud, é sempre um complexo claro. Ou seja, o complexo patogênico aparece de forma autônoma e dá-se, geralmente, na forma de um desejo-realização. Nesse sentido, tanto as ilusões e alucinações, ambos os sintomas, ocorrem em todas as doenças mentais e também em histeria. Mais uma vez a histeria, a mais transparente das doenças mentais, pode sim, ajudar um pouco (JUNG, 1960, p. 74).

As afirmações delirantes da histeria são deslocamentos. O efeito que acompanha não pertence a eles, já que, pela defesa, foi transferido a uma outra coisa e é disfarçado por esta manobra. Uma obsessão insuperável apenas mostra que algo é reprimido, e o mesmo acontece com todos os outros sintomas histéricos obstinados. Jung diz ter bons motivos para supor baseados em dezenas de análises, que um processo fundamentalmente semelhante está em andamento nas ilusões da demência precoce (JUNG, 1960, p. 74).

Jung compara a alucinação na demência precoce como o que se passa nos sonhos. Ambos contêm fragmentos simbolicamente distorcidos do complexo, com projeções externas de elementos psíquicos. Isso também é verdade para a maioria das alucinações na demência precoce, embora, nessa doença, o simbolismo seja levado muito mais longe do sonho em sua distorção. As distorções da fala e nos moldes das parafasias dos sonhos que ocorrem, conforme Freud, Stransky, Kraepelin, são extraordinariamente comuns. A partir de diversos exemplos clínicos, Jung supõe que as vozes corregedoras podem talvez ser irrupções do remanescente normal reprimido do complexo do ego (JUNG, 1960, p.80). Jung cita um caso clínico sobre os paralelos entre histeria e demência precoce:

Uma paciente ao descrever seus sintomas, as esperanças e decepções de sua vida, os faz assim como um poeta poderia fazer movido por um impulso interior e criativo. Mas o poeta, mesmo em suas metáforas, fala a linguagem da mente normal, portanto a maioria das pessoas normais o entendem e reconhecem em seus produtos mentais os verdadeiros reflexos de suas alegrias e tristezas. No paciente, no entanto, fala como se estivesse em um sonho – não consigo pensar em melhor expressão. A analogia mais próxima ao seu pensamento é o sonho normal, que emprega os mesmos ou pelo menos mecanismos psicológicos muito semelhantes e não pode ser compreendido por quem não entende o método de análise de Freud. O poeta trabalha com mais poderosos meios de expressão e, na maior parte conscientemente, ele pensa ‘dirigivelmente’, enquanto nosso paciente mal-educado e mal dotado pensa em imagens vagas e oníricas sem qualquer ideia de direção e apenas com os meios de expressão mais fracos. Tudo isso ajudou a tornar seus processos de pensamento os mais impenetráveis possível. É banal dizer que todos são inconscientemente um poeta — em seus sonhos. Em sonhos, ele remolda seus complexos em formas simbólicas, de forma desconectada, aforística, e raramente as formações dos sonhos assumem uma estrutura mais ampla e coerente, pois isso requer complexos de intensidade poética — ou histérica. Mas nosso paciente criou um tecido de fantasias há muito desenhado e elaboradamente tecido, comparável por um lado a um poema épico e, por outro, aos romances e produções fantasiosas de sonambulismos. Em nosso paciente, como com o poeta, a teia de fantasia é tecida no estado acordado, enquanto em sonambulistas a extensão e elaboração do sistema são geralmente realizadas em um estado dissociado e "outro" de consciência (JUNG, 1960, p.130).

Jung relembra os casos de sonambulismos, que preferem traduzir tudo em formas fantásticas e, às vezes, místicas, nas quais os contornos afiados das imagens são muitas vezes borrados como nos sonhos. Por isso, a paciente acima se expressa em metáforas monstruosas, grotescas e distorcidas, que são mais como sonhos normais com seus absurdos característicos. A psique do paciente fica no meio do caminho entre o estado mental do sonhador normal e o

do sonambulista, com a diferença de que sonhar substituiu o estado acordado, e a “fonction du réel” (função do real), ou adaptação ao meio ambiente, é seriamente prejudicada.

4.1 A APROXIMAÇÃO DE JUNG A FREUD: DO TESTE DE ASSOCIAÇÃO DE PALAVRAS NOS ESTUDOS PSIQUIÁTRICOS DE JUNG À ASSOCIAÇÃO LIVRE EM FREUD

Como Jung apontou até 1907, a comparação com a mentalidade neurótica e sua psicologia específica, ao ponto de vista personalista, é válida apenas em uma medida limitada. Há elementos manifestos na psicologia dos esquizofrênicos, que não podem ser encaixados em um quadro de referência puramente personalista. Embora uma psicologia personalística (por exemplo, as hipóteses heurísticas de Freud e Adler) produza resultados satisfatórios até um ponto, é de valor duvidoso quando aplicada às formações mentais peculiares típicas de esquizofrenia paranoica, ou para a dissociação fundamental e específica que originalmente Bleuler caracterizou por seu termo “esquizofrenia”. Esse conceito ressalta a diferença entre dissociações neuróticas e psicóticas, sendo o primeiro uma dissociação “sistemática” da personalidade, e o último uma desintegração “fisiológica” e não sistemática dos elementos psíquicos, ou seja, do conteúdo ideacional. Mais uma vez, enquanto fenômenos neuróticos são mais análogos aos processos normais, como são observados principalmente em condições emocionais, os sintomas esquizofrênicos se assemelham a formações observáveis em sonhos e em estados tóxicos (JUNG, 1960).

Uma vez que os sonhos devem ser considerados como fenômenos do sono normal, suas analogias com desintegração esquizofrênica apontam para um denominador comum que consiste em um rebaixamento do nível mental como explicado por Pierre Janet (1859-1947). O rebaixamento, qualquer que seja sua causa, começa com um relaxamento de concentração ou atenção, à medida que o valor das associações diminui, elas se tornam superficiais (JUNG, 1960, p.225). Freud relata a seu colega Karl Abraham, que presenciou a marcha dos acontecimentos no Hospital Burghölzli, que a psicanálise havia despertado em Zurique interesse muito cedo, tendo o trabalho da tese de doutorado de Jung, **Psicologia e Patologia dos Chamados Fenômenos Ocultos** (1902), quando fez referência ao seu livro **A Interpretação dos Sonhos** (MCGUIRE, 1993, p. 18).

Ao estudar cada reação do paciente à palavra-estímulo, Jung calcula as análises do tempo cronometrando, e conclui que os predicados dados por seus pacientes, quando apoiados

sob algum complexo, está, por certo, sob forte carga emocional, referindo-se diretamente ao complexo e não às palavras-estímulo que o fizeram aflorar, “algo também acontece com a pessoa experimental quando a forma grosseira das reações revelou emoção”. Alguns predicados são tomados pela pessoa experimental de forma surpresa, já que não entende como chegou a tal associação que é vista por ele como incomum. Essa admiração em não saber responder, prontamente, o significado da palavra dita, é, por conseguinte se lembrar que a palavra dita está em conexão fazendo sentido de algo que faz parte do reprimido complexo (JUNG, 2011f, p.292).

O segundo volume de Jung **Estudos experimentais** (2011f), em que apresenta de maneira detalhada o experimento aplicado no Hospital Burghölzli, insere a Freud um certo fascínio ao ver na leitura a maneira explicativa e em dados quantitativos o que ele vinha pesquisando e apresentando através de seus casos clínicos, descritos de forma clara o quanto uma carga emocional interfere na associação de palavras e trazendo à memória do paciente lembranças que de alguma maneira deixaram marcas e foram trazidas à tona de forma que escapam a partir de uma palavra-estímulo. O que Freud vinha elaborando e contribuindo no avanço do conhecimento sobre o aparelho mental se fazia acerca da importância e presença tão marcantes do inconsciente que se expressava em diversas formas de tropeços, desde os sintomas das histéricas, aos atos falhos e sonhos.

Jung confirma essa proposição, já que o teste de associação de palavras comprova o valor da carga emocional ao se deparar com alguma palavra, que está conectada a um grupo de palavras que, por sua vez, representa o conjunto de uma série do experimento. O experimento é capaz de sentir uma reação da sensação devido a alguma assimilação da associação ao complexo, sentidas em situações pessoalmente importantes. Por isso, o tempo prolongado de reação acontece, podendo por vezes o paciente vir a fazer a conexão da série de palavras apresentadas somente mais tarde. “O experimento nos fornece dados sobre uma série de conteúdos psíquicos de maior importância da pessoa experimental: ele nos dá uma espécie de corte transversal na personalidade psicológica atual” (JUNG, 2011f, p.290).

O tempo prolongado de reação é atribuído por Jung à influência do complexo. Na obra de Freud, a influência do complexo é atribuído ao conceito de repressão, uma função com caráter ativo, muitas vezes por uma função da consciência. Jung diz do conceito de repressão – ao qual Bleuler em 1894 estava às voltas – em referência ao valor presente da carga emocional como papel importante na patologia do processo associativo:

Na esfera das pessoas normais poderia tratar-se mais de um passivo ‘resvalar para o pano de fundo’; no mínimo a repressão parece aqui ser algo inconsciente ao qual podemos atribuir apenas indiretamente o caráter de algo querido ou, ainda mais, de algo desejado. Se, apesar disso, falo de ‘reprimido’ ou ‘escolhido’. Isto pode ser tomado como metáfora. Da psicologia da consciência. Essencialmente dá no mesmo, pois objetivamente é indiferente se um processo é consciente ou inconsciente (JUNG, 2011f, p. 295).

Fica claro para Jung que uma resposta com tempos de reação longos demais, “são devidos, quase sem exceção, à interferência de uma forte carga emocional”, em que fortes cargas emocionais fazem parte de complexos extensos e importantes. A reação pode ser uma associação pertencente a um complexo, sem que este necessariamente seja consciente. A constelação dá-se a partir de uma interação, como já dito por Jung, de ligações transversais, deslizamentos das associações que uma palavra remete a outra, em que cada palavra em si é carregada de uma série de significados muito próprios para cada pessoa em particular. Cada palavra está associada a uma série de outras, encaixando-se para além dos eixos horizontais e verticais, mas transversal (JUNG, 2011f).

Freud, no trabalho de associações livres, trabalha com o paciente de maneira que ele fale aquilo que lhe vier à mente, permitindo, a partir de uma atenção não direcionada, o trabalho pelo inconsciente. Jung diz que um trabalho pela via do inconsciente é visto no teste de associação de palavras através da constelação, já que “o complexo constelador representa o papel de uma entidade quase autônoma, uma ‘segunda consciência’”, em que a reação do paciente ao teste é influenciada também, como nos estudos de Freud, pelo inconsciente, cuja reação é ainda uma associação que pertence ao grupo de imagens do complexo precedente (JUNG, 2011f, p. 296). As características de um complexo inconscientemente constelador foram citados por Jung no teste de palavras como: “tempo de reação longo, reação incomum, falha, perseveração, repetição estereotipada de uma palavra-reação” (representante do complexo), tradução para língua estrangeira, expressões linguísticas grosseiras, citações, erro de linguagem, assimilação da palavra-estímulo (eventualmente também compreensão errada da palavra-estímulo) (JUNG, 2011f, p. 297).

Jung cita um caso clínico de sonambulismo e, nele, os fenômenos automatismos ocorridos, cuja situação a paciente se apodera da figura do avô como uma dissociação da personalidade, apropriando-se da figura do médico, já que era o material mais próximo de associações referentes à pessoa presente dela. O caso remete a um possível paralelo aos resultados da pesquisa de Freud na interpretação sobre os sonhos e associações. “Este fato ocorrido do caso, lembra bem a maneira como o sonho se apresenta de repente à consciência,

num simbolismo mais ou menos transparente, aquilo que nunca admitimos para nós mesmos de modo claro e aberto”. O complicador é saber quando esta dissociação da nova personalidade ocorreu: se ela se preparou aos poucos no inconsciente ou se apareceu apenas naquela sessão (JUNG, 2011c, p. 69).

Nos estudos psiquiátricos de Jung, cada dado apresentado confirma os sintomas que colocam o indivíduo em estado de amnésia, estados de consciência a um segundo estado: “aos poucos, o segundo estado começou a prevalecer e, finalmente, reprimiu o primeiro estado a tal ponto que a paciente chamava o seu estado normal – que agora durava pouco tempo – de ‘crise’”. A importância dos casos está no campo da dissociação da consciência e da memória. O segundo estado está sempre separado do primeiro por uma cisão amnésica (JUNG, 2011c, p.76). Ao fazer um paralelo entre os sonhos e o delírio na esquizofrenia, Jung cita Behr (1899):

As representações oníricas e de coloração fortemente sensória para uma autêntica alucinação complexa é apenas um passo. [...] quanto mais se dissociar a consciência, maior se tornará também a parcela da mentira consciente e da consciência em geral. [...] a total entrega a uma ideia interessante explica também a naturalidade da performance pseudológica ou sonambúlica, inatingível ao ator consciente. Quanto menos a consciência acordada interferir com reflexões e cálculos, mais segura e convincente será a objetivação do sonho (JUNG, 2011c, p.80-81).

Jung retoma os **Estudos sobre Histeria** para expor uma citação importante colocada por Freud: “os sonhos que põem em descoberto a vegetação autônoma dos pensamentos reprimidos”, dizendo de uma paciente que transita em duas personalidades que se agrupam em torno de dois tipos de situações representando lados de seu passado causando à paciente, um contraste muitas vezes de modo doloroso. Dá, então, a chave da origem das duas personalidades subconscientes, somado de grande esforço da paciente em alcançar um equilíbrio entre esses extremos, que ao reprimir e alcançar um estado mais ideal, abre passagem para o sonho (JUNG, 2011d, p. 92; FREUD, 1895, p. 177).

Outra questão similar entre Jung a Freud, é quando o austríaco atribui valor ao “erro histórico de leitura” para demonstrar a separação das funções psíquicas do complexo do eu, demonstrando a forte tendência dos elementos psíquicos para a autonomia. Binet (1857-1911), em **As alterações da personalidade** (1892), mostrou em seu experimento que “o complexo da consciência, separado do complexo do eu, percebe as coisas corretamente, reproduzindo-as, porém, de forma modificada”. O complexo do eu forma um pequeno e autônomo complexo da consciência, que entende corretamente, mas reproduz de forma modificada, é obrigado por

outras representações a desviar-se do ato de ler; mas o ato continua automaticamente (JUNG, 2011e).

Jung, em seu trabalho **Sobre a psicologia e patologia dos fenômenos chamados ocultos** (publicado em 1904), considerou o fenômeno “erro histórico de leitura” como sendo de importância fundamental. Expôs seu ponto de vista em seus experimentos de associação ao aplicar os testes de leitura em doentes distraídos e incapazes de concentração (paralisia, mania, alcoolismo, demência senil, etc.). Com base nestas centenas de experiências, afirmou que apesar do tipo de erro de leitura ocorrido nestes pacientes ser diferente do tipo de erro de leitura específico em pessoas histéricas, é importante perceber como que o erro de leitura ou de escrita perturba a conexão significativa na qual, no lugar da palavra correta, entra outra que seja afim. “Todo erro de leitura cometido no estado de distração é um erro de leitura com base numa semelhança de som ou da forma de escrever a palavra”. Em pessoas normais, é, geralmente, causado por constelação momentânea. As palavras objeto da troca são, na maioria das vezes, aquelas que têm grande afinidade fonética, mas há de se admitir nessa troca um “algo a mais”, que é a disposição tipicamente histérica da paciente trazida como exemplo por Jung. “Enquanto a consciência se ocupa com outra coisa bem diferente, os processos psíquicos estimulados pela leitura continuam apagados e indistintos” (JUNG, 2011d, p.92).

Outro caso clínico apresentado por Jung foi de uma paciente histérica cujo trauma principal era de que pai a espancara de forma brutal. Ao apanhar seu casaco e batendo nele com a bengala para tirar a poeira, a paciente voou para cima de Jung com gestos violentos de defesa tomando-lhe de volta o casaco. Jung reforça, a partir da teoria de Freud, que a histeria é uma caricatura dos mecanismos psicológicos normais, em que as ações sintomáticas, como Freud as chama, são frequentes, pois, em um complexo de memória com carga emocional, e que momentaneamente não está na consciência, causam certas ações a partir de seu lugar invisível, exatamente como se estivesse presente na consciência:

Pode-se dizer que nossa consciência está cheia desses intrusos quase estranhos cuja identidade é difícil de provar. Cada dia entram centenas de associações no círculo iluminado da consciência; e nós perguntaremos em vão por maiores informações sobre sua origem. Devemos lembrar-nos sempre de que a consciência só é uma parte da psique. Talvez a maior parte dos elementos psíquicos seja inconsciente. A consciência encontra-se, portanto, numa posição bastante precária diante dos movimentos automáticos do inconsciente, independentes de nossa vontade (JUNG, 2011e, p. 111).

O inconsciente pode perceber e associar automaticamente, mas a qualidade de serem conhecidas só a possuem aquelas associações que uma vez passaram pela consciência e, mesmo essas, muitas podem cair de tal modo no esquecimento que perdem aquela qualidade. Por isso, nosso inconsciente deve albergar grande número de complexos psíquicos que nos surpreenderiam pelo seu caráter estranho. As inibições que partem da consciência vigilante são, às vezes, defesa contra invasões desse tipo. No sonho, porém, quando as inibições providas da consciência são eliminadas, o inconsciente pode realizar as brincadeiras mais estúpidas. “O inconsciente premedita todos os novos pensamentos e combinações. E quando a consciência se aproxima do inconsciente com um desejo, foi o inconsciente que previamente lhe inspirou este desejo” (JUNG, 2011e, p. 111). Diversos casos clínicos constataram que o método do teste de associação de palavras de Jung se aproximava dos trabalhos apresentados por Freud, em que o emprego insuficiente da atenção piora a qualidade das associações em geral, um indicador da razão da debilidade mental, aumentada pela emoção.

Com o auxílio da associação de palavras e subsequente análise, encontra-se em tais casos, além de outras manifestações anormais, certos complexos de ideias ligados a fortes cargas emocionais. Seus sintomas “(desilusões, alucinações, ideias doentes) estão intimamente relacionados a estes antecedentes psicológicos”. Eles determinam os sintomas, vistos na demência precoce, em que há distúrbios marcantes na atenção, os objetos não excitam no cérebro doente a reação efetiva uma reação deficiente aos estímulos do meio ambiente. Algo parecido é demonstrado por Freud nos estudos sobre a histeria, na qual “constelações conscientes ou inconscientes com forte carga emocional podem dominar o indivíduo por anos, ou, mesmo, pela vida toda devido à força que exercem sobre as associações”, como se o complexo roubasse do ego luz e vitalidade (JUNG, 2011f, p. 568).

Jung diz que seus pontos de vista não são artifícios de uma fantasia itinerante, mas pensamentos que amadureceram em conversas quase diárias com seu respeitado chefe, professor Bleuler, a quem também deve agradecimentos especiais ao seu amigo Dr. Riklin, de Rheinau, por acrescentar material empírico de forma considerável em sua pesquisa, e do quanto foi grato às brilhantes descobertas de Freud. Jung ainda relata que, no início da leitura de **A Interpretação dos Sonhos**, em 1900 – ano também da publicação da obra –, desviou sua atenção. Na ocasião, punha o livro de lado por ainda não entrar em sintonia com ele e teve as objeções que são habitualmente feitas contra Freud na literatura. Em 1903, por insistência de Bleuler, que já havia tido contato com as obras de Freud, e por pedir-lhe para apresentar um parecer sobre **A Interpretação dos Sonhos**, retoma a leitura e descobre que tudo se ligava às

suas próprias ideias. Desde então, Jung passou, em suas obras posteriores, a fazer citações do trabalho de Freud (MCGUIRE, 1993).

Jung foi atraído por Freud através de **A Interpretação dos Sonhos** (1900), mas sabia da forte oposição que Freud enfrentava principalmente por suas teorias da sexualidade. Mas isso não retirava o mérito de Freud para Jung que se fazia expandir seu comentário de que o médico austríaco só poderia ser refutado por alguém que fizesse uso repetido do método psicanalítico e que realmente investigasse como ele fez; por alguém que fizesse um longo e paciente estudo da vida cotidiana, histeria e sonhos do ponto de vista como o próprio Freud. “Aquele que não faz ou não pode fazer isso não deve pronunciar julgamento sobre Freud, senão, age como aqueles homens notórios da ciência que desdenhou ao olhar através do telescópio de Galileu” (JUNG, 1960, p. 12).

A justiça a Freud, no entanto, não implica, como muitos temem, submissão não qualificada a um dogma; pode-se muito bem manter um julgamento independente. Eu, por exemplo, reconhecendo os complexos mecanismos de sonhos e histeria, não significa que eu atribuo ao trauma sexual infantil a exclusiva importância que Freud aparentemente faz. Ainda menos significa que eu coloque a sexualidade tão predominantemente em primeiro plano, ou que eu concedo a ela a universalidade psicológica que Freud, ao que parece, postula diante do papel reconhecidamente enorme que a sexualidade desempenha na psique. Quanto a terapia freudiana, é na melhor das hipóteses, um dos vários métodos possíveis, mas talvez nem sempre ofereça na prática o que se espera dela em teoria. No entanto, todas essas coisas são as ninharias mais míseras em comparação com os princípios psicológicos cuja descoberta é o maior mérito de Freud; e a eles os críticos prestam pouca atenção” (JUNG, 1960, p. 12).

Para Jung, desde as primeiras leituras que fez de **Estudos sobre Histeria** (1895) e de **A Interpretação dos Sonhos** (1900), foram valiosos incentivos em suas pesquisas do teste de associações de palavras, como também, as observações feitas por Freud em **A Psicopatologia da vida cotidiana** (1901), que o ajudou a não atribuir as falhas linguísticas somente à debilidade mental do epilético, como ocorre na imbecilidade, já que outras fontes de lapsos de linguagem foram apresentadas por Freud devido a uma forte carga emocional de um complexo. Jung valida a teoria de Freud através do experimento palavra-estímulo, na qual a reação é influenciada por lapsos de linguagem aparentemente casuais, que a pessoa experimental nem percebe. “Portanto, antes de atribuir os deslizos linguísticos à debilidade mental, é melhor averiguar se não é aquele mecanismo, descoberto também nas pessoas normais, o responsável pela construção falha de frases ou palavras” (JUNG, 2011f, p.242).

Quando Freud, ao afirmar que a consciência é tida como uma pequena parte do mental, traz a evidência ao processo de associação:

Todo nosso pensar e agir, que se nos apresentam como sendo conscientes em sua grande maioria, compõem-se na verdade daquelas pequenas partes, refinada e infundamente determinadas por inúmeros impulsos totalmente fora da consciência. À nossa consciência do eu parece que o processo de associação é obra sua, sujeito a seu julgamento, à sua livre vontade e à sua atenção. Na verdade, porém, conforme indica perfeitamente nosso experimento, a consciência do eu é apenas o fantoche que dança no palco, movido por um mecanismo automático e oculto”. O oculto é a psique num todo e não uma identificação da psique com a consciência, que é uma parte do todo (JUNG, 2011f, p.277).

Uma visão analítica da série de experimentos percebe a influência de um complexo sobre o processo associativo. Ainda que a pessoa esteja livre para dizer o que quiser, ela não diz o que quer, mas é forçada a revelar o que deseja manter o mais oculto possível. Suas reações, conforme Freud, não são impressões livres, mas atos sintomáticos, conduzidos por um fator psíquico que se comporta como ser independente.

O complexo com carga emocional, momentaneamente separado da consciência, exerce uma influência que concorre sempre e com êxito com as intenções do complexo do eu; apesar da atitude rejeitadora e repressora do complexo do eu, ele produz traiçoeiramente reações subjetivas e faz surgir associações cujo significado o complexo do eu não tem a menor noção (JUNG, 2011f, p.277).

Jung não aprofunda quanto ao conceito de repressão, utilizado por Freud como algo próximo de uma função ativa, muitas vezes uma função da consciência. Para ele, a repressão, a partir dos experimentados pelo teste, “parece como algo inconsciente ao qual se atribui apenas indiretamente o caráter de algo querido ou, ainda mais, de algo desejado. Se, apesar disso, falo de ‘reprimido’ ou ‘escolhido’, isto pode ser tomado como metáfora da psicologia da consciência” (JUNG, 2011f, p.295).

Os bloqueios amnésicos, os fenômenos das reações graduais de diminuição, o tempo de reação encontrados ocorridos nos pacientes com demência precoce, estão intimamente relacionados à doutrina de Freud, “cuja profundidade e fertilidade psicológicas ainda não foram suficientemente valorizadas em geral e especialmente por parte dos psiquiatras”. Como Freud, o esquecimento é muitas vezes causado pelo sentimento de desprazer associado à imagem esquecida, “a gente esquece de preferência o desagradável e também o que a ele está associado.

O processo subjacente a este esquecimento é a repressão da sensação de desprazer; isto podemos observar constantemente nos histéricos”. Jung continua utilizando da teoria de Freud ao dizer que o que se esquece é de fato o essencial, o complexo reprimido com carga de desprazer, deparando-se com a amnésia (“não sei”, “esqueci”, etc.), quando estamos atingindo o mais importante. “Os bloqueios amnésicos de nosso experimento nada mais são do que amnésias histéricas *in nuance*” (JUNG, 2011f, p. 327).

As palavras-reação nos testes de associação são subterfúgios, semelhantes aos “disfarces” de que Freud falou, naturalmente simulações (inconsciente) e se assemelha aos “disfarces” com os quais os histéricos escondem eventos de importância causal; ou ainda a superficialidade, das quais as palavras podem ser substituídas por uma série de outras com a mesma superficialidade (típico do enganador, em que muitas vezes o complexo escondido está longe da consciência). A reprodução da palavra errada tem valor como característica de complexo, pois apresenta uma segunda associação para a palavra-estímulo e para o complexo reprimido. O método psicanalítico trouxe-nos o conhecimento do material de ideias reprimidas e tornadas inconsciente, de que ideias que não se encontram na consciência por afastamento de fortes inibições, são ideias críticas que possuem carga de desprazer tão grande a ponto de se tornarem incompatíveis com a consciência do eu (JUNG, 2011f, p. 335).

O método de Freud em que os doentes dizem tudo o que lhes vêm à mente, chamado por ele de “associação livre”, tem sua exposição detalhada em **A Interpretação dos Sonhos**, como também nas recomendações quando a este emprego do método. “Faz parte da psicanálise uma orientação típica do pensar que visa à reprodução de simbolismos. Só se pode conseguir esta atitude por meio de treino constante”. Pensar em simbolismos é uma exigência de uma atitude nova, como se devêssemos começar a pensar com fuga de ideias (JUNG, 2011f, p.330).

Apesar de a psicanálise freudiana ser ainda uma arte difícil, o experimento de associação de Freud ajudou muito Jung em relação às primeiras e importantes dificuldades, demonstrado, sobretudo em seu artigo “O tempo de reação no experimento de associações”, que aparecem no experimento, sob distúrbios característicos, os chamados complexos de ideias com carga emocional. Este fato constitui a base do “diagnóstico psicológico da ocorrência”, inaugurado por Wertheimer, Klein, Hans Gross e Alfred Gross, que parece ser um método promissor de diagnóstico a partir de associações do complexo subjacente. O pano de fundo de nossa consciência – o inconsciente – é constituído de complexos, todo o material da memória está constituído em torno deles, eles constelam o nosso pensar e agir e, por isso, também as

associações. O complexo é a causa da doença, por isso ele possui cargas emocionais extraordinariamente fortes (JUNG, 2011f, p.330).

4.2 SOBRE A CRÍTICA OPOSITIVISTA DA VISÃO MATERIALISTA SOBRE OS ESTUDOS DA CONSTITUIÇÃO PSICOLÓGICA DO PROCESSO PSÍQUICO

Segundo Jung, a concepção de Ulrich Neisser (1861-1940), considerado o “pai da psicologia cognitiva”, sobre os processos celulares no córtex, é uma hipótese que vai longe demais e de forma muito generalizada. Neisser afirma que os processos psíquicos são correlacionados a processos celulares, tanto de acordo com a visão materialista, quanto do paralelismo psicofísico. Portanto, não é nada fora do comum se os processos psíquicos nos estados catatônicos forem correlacionados também a uma série física. Uma série psíquica normal se desenvolve sob a influência constante de inúmeras constelações psicológicas das quais somos, tendo como regra, o inconsciente. Neisser questiona o porquê dessa lei psicológica fundamental. Deveria deixar de ser aplicada na catatonia? Seria porque o conteúdo ideacional do catatônico é estranho à sua consciência? Mas não seria o mesmo nos sonhos? (JUNG, 2011f).

Jung esclarece que não é possível afirmar que os sonhos se originam diretamente das células sem constelações psicológicas. Qualquer um que tenha analisado os sonhos de acordo com o método de Freud sabe a enorme influência que as constelações psicológicas exercem. O aparecimento de ideias estranhas na consciência que não têm conexão demonstrativa com conteúdos conscientes anteriores não é inédito nem na psicologia normal, nem na histeria. Segundo o autor:

As “ideias patológicas” da catatonia têm muitas analogias no normal, bem como em pessoas histéricas, o que nos falta não é tanto material factual comparativo como a chave para a psicologia do automatismo catatônico. Para o resto, sempre me parece bastante arriscado assumir algo absolutamente novo e estranho na ciência (JUNG, 1960, p.15).

Jung reforça que o curso de associação em demência precoce é muito superficial, prosseguindo quase sempre por meio de inúmeras associações de gírias. A desintegração no esquizofrênico é tão marcada que não se pode mais compará-la com o sonhar acordado normal, mas sim diretamente a um sonho. As conversas que se tem nos sonhos soam dessa forma, como inúmeros exemplos dados por Freud na **Interpretação dos Sonhos** (JUNG, 1960).

Desde Sommer, em 1894, Jung diz ter encontrado pela primeira vez um trabalho de psicologia experimental sobre a catatonia, publicado como **Doutrina da inibição de processos mentais**, no qual explica a questão do enfraquecimento do processo de ideação e da atenção aos bloqueios frequentes quanto ao estado de dispersão em pessoas normais como espanto, olhar fixo, muitas vezes, semelhantes aos fenômenos do estado catatônico nos esquizofrênicos, uma comparação pela redução da atenção, mas algo a ser condicionado pela psique em que o mecanismo lógico não se aciona pela atividade psíquica consciente aperceptiva ou associativa, mas por estímulos patológicos aquém da consciência (JUNG, 1960, p. 234).

A essa concepção, Neisser, em 1898, opõe-se diretamente, em seus estudos sobre a paranoia, com base em observações clínicas. Ele observou que as novas formações de palavras, como regra, as raízes verbais em si, não são nem verbos, nem substantivos, nem são realmente palavras, mas representam frases, uma vez que sempre servem para ilustrar um processo inteiro, uma dica sobre a ideia de condensação. Neisser vai ainda mais longe e fala diretamente da ilustração de todo um processo, o que vale lembrar que Freud, em **A Interpretação dos Sonhos**, mostrou de maneira clara que um sonho é uma condensação (JUNG, 1960, p.29).

Jung não discute detalhadamente o material psicológico abrangente acima, mas reforça sua importância, apesar de Neisser ser ainda muito pouco apreciado como investigador e isso levaria a muitos estudos. Mas é considerável ter um conhecimento deste livro. Até onde Jung sabe, foi a única refutação real das opiniões de Freud já feita. Por isso, Jung limitou-se afirmar que os sonhos, de qualquer forma, possuem inúmeras analogias com os distúrbios associativos na demência precoce. Também mostram as condensações especiais de fala-condensação que consistem na contaminação de sentenças e situações inteiras. Jung lembra bem a posição de Kraepelin (1856-1926), que também se impressionou com a semelhança entre a linguagem dos sonhos e a demência precoce, observado em seus próprios sonhos e nos sonhos de outras pessoas, uma condensação e um neologismo ao mesmo tempo (JUNG, 1960, p.29).

Novas visões independentes sobre a psicologia da demência precoce são frequentemente expressas, como as de Otto Gross (1877-1920), inspirador da teoria bleueriana da esquizofrenia, que propõe os conceitos de demência disjuntiva, desintegração ou “disjunção”, este último tirado de Wernicke (1848-1905) ao falar dos estudos da consciência, como nomes para a doença na psiquiatria (JUNG, 1960, p.31).

Por dissociação, a escola francesa significou um enfraquecimento da consciência devido à divisão de uma ou mais seqüências de ideias; eles se separam da hierarquia da consciência do ego e começam a liderar uma

existência mais ou menos independente. A teoria de Breuer e Freud sobre a histeria cresceu com base nisso. De acordo com as formulações mais recentes de Janet, a dissociação é o resultado do rebaixamento mental, que destrói a hierarquia e promove, ou realmente causa, a formação de automatismos. Breuer e Freud mostraram muito bem que tipo de automatismos são então lançados. A aplicação de Gross desta teoria à demência precoce é nova e importante. Escrevendo sua ideia básica, o autor diz: “A desintegração da consciência no meu sentido da palavra significa a ocorrência simultânea de cadeias de associação funcionalmente discretas. Para mim, o ponto principal está na visão de que a atividade consciente do momento é o resultado de muitos processos psicofísicos que ocorrem sincronicamente” (JUNG, 1960, p. 31).

Desde 1893, Freud, um tempo antes de Gross escrever qualquer coisa sobre o quadro “dissociativo da consciência”, já havia respondido muito bem a essa questão ao mostrar como um delírio alucinatório surge de um efeito que é intolerável à consciência, sendo ele uma compensação por desejos insatisfeitos, e de como o indivíduo se refugia, na psicose, a fim de encontrar na doença o que lhe é negado na realidade. Em 1896, Freud analisa uma doença paranoica, uma das formas paranoicas de Kraepelin de demência precoce, e mostra exatamente como os sintomas são determinados de acordo com os mecanismos de transformação na histeria. À época, o médico austríaco diz que a paranoia, ou o grupo de doenças incluindo a paranoia, também é uma neuropsicose de defesa; surge, como na histeria e nas ideias obsessivas, a partir da repressão de lembranças dolorosas, tendo seus sintomas determinados pelo conteúdo da repressão, um significado de longo alcance. Como descrito no caso abaixo:

Freud analisou este caso. Ele descobriu que a paciente se comportou como numa histeria; ou seja, ela mostrou as mesmas resistências, etc. O que parecia incomum era que os pensamentos reprimidos não apareciam, como em histeria, na forma de fantasias vagamente conectadas, mas na forma de alucinações internas; comparou-os com suas vozes. (Mais tarde terei outra ocasião para fornecer provas experimentais desta observação.) As alucinações começaram depois que a paciente viu várias pacientes do sexo feminino nuas na sala de banho. "Era de supor que [essa impressão] tinha sido repetida apenas porque grande interesse havia sido tomado nele. Ela então disse que tinha na época sentido vergonha para essas mulheres. Essa vergonha um tanto compulsiva e altruísta foi impressionante, e apontou para algo reprimido. A paciente então reproduziu "uma série de cenas desde seu décimo sétimo ano de volta ao seu oitavo ano em que ela tinha vergonha de sua nudez na presença de sua mãe enquanto tomava banho, de sua irmã ou o do médico da família; a série terminou em uma cena em seu sexto ano, em que ela despiu no berçário e foi para a cama sem sentir vergonha sobre a presença de seu irmão. "Finalmente descobriu-se que "o irmão e a irmã tinham por anos o hábito de se mostrarem nus antes de irem para a cama." Naquelas ocasiões, ela não tinha vergonha. “Ela estava agora compensando a vergonha que ela não tinha sentido quando criança” (JUNG, 1960, p. 20).

Freud, na explicação acima, mostra sua atenção para a análise das vozes. “Em primeiro lugar, foi preciso explicar por que um conteúdo tão indiferente como ‘Aí vem *Frau P.*’, ‘Ela está procurando uma casa agora’, e afins, poderia ser tão angustiante para ela”. A paciente ouviu as vozes pela primeira vez depois de ter lido um romance de O. Ludwig, chamado **Die Heiterethei**. Após lê-lo, ela foi dar uma volta em uma estrada rural e, de repente, ao passar pela casa de um camponês, as vozes lhe diziam:

Era assim que a casa de Heiterethei era! Há a primavera e há o arbusto! Como ela estava feliz, apesar de toda a sua pobreza! Em seguida, as vozes se repetiram para seus parágrafos inteiros do livro que ela tinha acabado de ler, embora o conteúdo não fosse de nenhuma importância (JUNG, 1960, p.20).

O que se tem é uma conexão entre as frases particulares sendo disfarçada por um tom estranho de voz, formas incomuns de fala, e as características semelhantes – comuns às alucinações auditivas de paranoia com traços da distorção de compromisso. Freud, o autor desta primeira análise da paranoia, que é tão importante para a psicopatologia, atribui as informações tidas da fala da paciente às supostas dissociações de Gross: elas não são nada além de complexos reprimidos como encontrado em histeria e, por último, mas não menos importante, em pessoas normais. O segredo das ideias reprimidas acaba por ser um mecanismo psicológico de significância geral, e uma ocorrência bastante comum (JUNG, 1960, p.36).

O psiquiatra vienense Stransky (1877-1962), ao discutir a questão da incongruência entre o conteúdo da consciência e o tom de sentimento, permite a Freud lançar mão de uma nova luz de como ideias indiferentes e bastante triviais podem ser acompanhadas por um intenso tom de sentimento, que, no entanto, foi tomado de uma ideia reprimida. Para Jung, essas contribuições abrem caminho para entender o inadequado tom de sentimento em demência precoce. Os resultados das investigações de Freud resumem-se da seguinte maneira:

[...] tanto em sua forma quanto em conteúdo, os sintomas da demência paranoica precoce expressam pensamentos que, em consequência de seu doloroso tom de sentimento, tornaram-se incompatíveis com a consciência do ego e, portanto, foram reprimidos (JUNG, 1960, p.36).

A literatura tem mostrado a Jung, de forma clara, embora aparentemente tendo quase nenhuma conexão entre si, que os estudos de Freud e os seus convergem para o mesmo objetivo: a existência de ideias divididas em que suas premissas teóricas para uma compreensão da

psicologia da demência precoce estão – de forma extensa –, nas obras do médico austríaco sobre histeria, neurose obsessiva e sonhos. No entanto, apenas os conceitos trabalhados em uma base experimental diferem um pouco de Freud, podendo ser que o conceito do complexo de sentimentos vá um pouco além do escopo das opiniões de Freud. Isso porque ele não abrange de forma suficiente para explicar por que a demência precoce surge e não a histeria. Portanto, Jung postula a demência precoce um concomitante específico do afeto.

4.3 A APROXIMAÇÃO DO ENCONTRO PESSOAL ENTRE FREUD E JUNG

Ambos se conhecem pessoalmente em 1906, quando Jung viaja para Viena à casa de Freud. Já no primeiro encontro, Jung fala de seu interesse às questões místicas e enquanto conversavam escutam um estalo na estante de Freud, que leva um susto. Jung diz a ele que o estalo se repetiria e isso acontece. Freud, incomodado, pede a Jung que não continue a falar sobre os assuntos místicos. A este fato, conta-se que, tão logo Jung despede-se, Freud escreve a Ferenczi e o solicita investigar sobre o fenômeno (FREUD, 1982).

Outro fator interessante da intimidade entre os dois, mas também de forte discordância, foi o episódio da viagem a navio para os Estados Unidos para a Conferência na Universidade Clark (1909), em que Freud analisa os sonhos de Jung e Jung os de Freud. No entanto, Freud ao contar seu sonho, Jung levanta perguntas pessoais e o austríaco não compartilha, supondo perder a hierarquia. Nesse ponto, Jung sente-se incomodado pela não confiança. Freud incomodado com a misticidade de Jung e Jung com a dúvida de Freud em relação à sua confidencialidade. Surgem, a partir disso, diversos abalos teóricos e pessoais, mas ainda persistem juntos. Jung escreve sobre a pequena Ana Agathly, sua filha, baseado na obra **O Pequeno Hans** (1909), de Freud; posteriormente se incomoda com a forma que Freud diminuiu a psicanálise quando lançou o artigo sobre “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua história” (JUNG, 1961).

A viagem de Freud e Jung à Clark University, Worcester, Massachusetts – nos Estados Unidos, em setembro de 1909, a convite do Departamento de Psicologia, foi a de palestrar sobre as análises do método das associações. Segundo Jung, Freud fizera o pedido para que ele palestrasse no lugar dele, talvez se sentira mais seguro devido “à abordagem aparentemente indelicada dos segredos mais íntimos da sexualidade, o destino das pesquisas de Freud foi até agora quase sempre de repulsa por parte de muitas pessoas que, por isso, condenavam tudo de antemão, sem qualquer exame mais profundo” (JUNG, 2011f, p.515).

Ambos receberam o título de *Doctor of Laws* quanto ao método das associações, tão em alta na psicologia e em sua história, suficientemente conhecidos. Mas o método em questão de Jung tratava-se de um experimento de associações que não examinava apenas um componente da psique e nem uma função psíquica isolada. Jung sente-se satisfeito ter dado um panorama geral do essencial das possibilidades de uso prático do experimento de associações, embora fosse impossível expor todas as possibilidades encontradas. Ele descreve, na palestra, partes importantes dos estudos de Freud sobre a importância dos processos emocionais da infância para a vida adulta com base na análise de uma menina de quatro anos (Ana, a filha de Jung), reforçando o quanto seria interessante se todos que ali estavam o assistindo tivessem lido a análise do **Pequeno Hans**, com semelhanças surpreendentes entre as duas crianças (JUNG, 2011f, p. 515).

O caso apresentado no texto **Análise da fobia de um menino de cinco anos**: o pequeno Hans (1909), de Freud, ilustra, segundo Jung, a primeira e única contribuição dada à questão tão difícil e complicada referente à pedagogia: “a questão de como libertar a criança da vinculação inconsciente à influência de seu meio ambiente infantil, de modo a conservar dele apenas o conveniente e rejeitar o inconveniente. Parece-me de antemão impossível resolver essa difícil questão a partir da criança”. Um caminho distante de prescrições e regras de valor geral, encontrado ainda no campo da casuística (JUNG, 2011f, p. 528).

Jung reforça que os conhecimentos a respeito dos processos mais sutis da mente infantil são ainda muito escassos, não tendo condições de dizer onde está o maior erro: nos pais, na criança ou nas concepções do meio ambiente. “Somente a psicanálise como a que o professor Freud publicada no jornal do grupo de estudos em psicanálise de Viena, o *Jahrbuch* (1909), ajudariam a sair dessa dificuldade”. Jung diz que essas observações profundas e básicas deveriam constituir um sério alerta a todos os pedagogos de se interessarem pela psicologia de Freud, nela há muito mais subsídios para a prática pedagógica do que na psicologia filosófica corrente (JUNG, 2011f, p. 528).

Em 1909, o suíço já era o “príncipe herdeiro” de Freud, coordenando duas revistas, sendo o presidente da Sociedade Psicanalítica Internacional, uma figura de destaque. Após o Congresso em Clark (1900), Freud transfere seu movimento psicanalítico para Zurique e adota como chefe Jung para que assumisse os cuidados futuros da psicanálise, encontrando muita oposição entre os partidários da psicanálise, já que fora em Zurique, no coração da Europa, onde Bleuler um professor universitário que havia aberto as portas de sua instituição para a psicanálise, seria promissor para Freud e para sua teoria, pois, em sua morada, Viena, levava

desvantagem de sua própria pessoa devido às manifestações de admiração e ódio provenientes de diferentes abordagens, comparando-o a Colombo, Darwin e Kleper ou taxado de PGP (paralisia geral progressiva). Isso gerava dificuldades em Freud em tomadas de posição (FREUD, 1914, p. 51).

4.4 A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS E SUA QUESTÃO HISTÓRICA NA INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DE JUNG

Contrário à afirmação de que o trabalho do sonho não se trata de explicações dos sonhos, que, até então, a antiguidade trazia como algo relacionado aos seres sobre-humanos, a revelações por parte dos deuses e demônios, anunciação do futuro, sonhos verídicos, valiosos, vãos, enganosos e fúteis, as pessoas, de modo geral, esperavam receber esclarecimentos importantes dos sonhos, mas verificava-se que não conseguiam entender imediatamente todos os sonhos não tendo a certeza se determinado sonho incompreensível anunciava algo significativo. Freud deixa claro que suas investigações psíquicas nesse campo são verificar a essência do sonho e seus enigmas no seguimento daquilo que a imagem se deflagra ao abrir-se supostamente a uma cadeia de associações e significantes que nela circulam, caminhando para uma definição de que a distorção dos sonhos é consequência de um conflito interno.

O médico austríaco retifica a afirmação, mais adiante, em **A História do Movimento Psicanalítico** (1996), retomando a fala de que haveria sim uma “estreita ligação entre a interpretação dos sonhos e a arte de interpretá-los segundo a prática tida em tão alta conta na antiguidade”, tornando clara para ele muito depois (FREUD, 1996, p. 30). Segundo ele, não há como se esquecer da “[...] evolução do gênero humano, da qual o indivíduo é verdadeiramente uma repetição abreviada, influenciada pelas circunstâncias casuais da vida”. E continua: “[...] parece que o sonho e a neurose conservaram mais antiguidades psíquicas do que era possível imaginar” (FREUD, 2019, p. 598-600).

Em **O Conteúdo das Psicoses** (1908), de Jung, da série **Schriften zur angewandten Seelenkunde**, publicado pela editoria de Freud, o suíço trazia ao público leigo uma visão do ponto de vista psicológico dos modernos psiquiatras, como a exemplo da doença mental conhecida como demência precoce, que Bleuler chama de esquizofrenia. Estatisticamente, esse grupo de doenças contém de longe o maior número de casos de psicose. Jung queria apresentar aos muitos psiquiatras, que prefeririam limitar seu escopo e, conseqüentemente, faziam uso de outras nomenclaturas e classificações, que o ponto de vista psicológico é importante para uma

psiquiatria mais dinâmica, já que a mudança de nome não era a questão mais relevante, sendo de menor valor saber como uma coisa é chamada do que saber o que ela é (JUNG, 1960, p.183).

Jung questiona o quão inadequado é a formação psicológica do psiquiatra, sendo, naturalmente, impossível apreciar a importância da psicologia comparativa para a teoria das ilusões sem um conhecimento detalhado de símbolos históricos e étnicos. Ao iniciarem com a análise qualitativa da esquizofrenia na Clínica Psiquiátrica, em Zurique, percebeu-se a necessidade de tais informações adicionais, apesar de terem iniciado com uma psicologia médica totalmente personalista, especialmente apresentada por Freud. Logo se depararam com o fato de que, em sua estrutura básica, a psique humana é tão pouco personalista quanto o corpo, sendo algo herdado e universal.

A lógica do intelecto, o direito do coração, as emoções, os instintos, as imagens básicas e as formas de imaginação, têm de forma mais semelhança com as categorias de Kant ou, *a priori*, com o *eida* de Platão do que às circunstanciais, caprichos e truques de nossas mentes pessoais. A esquizofrenia, em particular, produz uma imensa colheita de símbolos coletivos. As neuroses produzem muito menos, pois, com poucas exceções, eles mostram uma psicologia predominantemente pessoal. O fato de a esquizofrenia perturbar os fundamentos da psique explica a abundância de símbolos coletivos, pois é o último material que constitui a estrutura básica da personalidade (JUNG, 1960, p.218).

Sobre o tom de sentimento, constantemente mantido por estímulos ativos, Jung diz conter os melhores exemplos de constelações complexas em que um olhar para as lendas dos santos ou o sonho, fornecerá inúmeros exemplos disso. “No entanto, as constelações nem sempre são tão cruas e óbvias, muitas vezes são influências mais sutis, mascaradas por simbolismos, que influenciam nossos pensamentos e ações”. Aqui devo encaminhar o leitor aos inúmeros e instrutivos exemplos dados por Freud (JUNG, 1960, p.44).

Jung também cita, nos estudos de seus pacientes experimentais, que as linhas dos pensamentos tomam rumo que escapam à atenção consciente. Como se toda associação surgida na consciência evocasse como que um eco de semelhanças e analogias, passando por todos os estágios da semelhança de sentido, de imagens e de som, sendo os sonhos, os melhores exemplos (JUNG, 2011f, p. 285).

Jung, desde o seu artigo “Sobre Ocultismo” (1905), que já continha evidências para sua teoria, levantava interesses no simbólico²² e suas formas de apresentação. Os sonhos traziam uma capacidade de apresentar-se simbolicamente, tendo relevância em seus estudos, e permaneciam como enigmas psicológicos não resolvidos, uma questão na qual os aspectos psicológicos poderiam trazer muitas das descrições de suas leituras, dando-lhe estímulo para suas pesquisas e avaliar os fenômenos mais controversos (JUNG, 2019).

O volume cinco de Jung, **Símbolos da Transformação** (1911-1912), é dividido em dois momentos: o primeiro, composto de cinco capítulos, em 1911; e o segundo, em nove capítulos, em 1912, que traz a indicação aos estudos dos “conhecimentos psicológicos”²³ como facilitadores na compreensão de acontecimentos históricos, um fator importante que faz uma inversão na leitura. Jung coloca que, a partir dessa consideração, os fatos históricos tornam-se importantes para lançar luz às conjunturas psicológicas individuais, dirigindo sua atenção para o lado mais histórico, na esperança de obter novos conhecimentos sobre os fundamentos da psicologia (JUNG, 2019, p.26).

Apesar da obra **Símbolos da Transformação** (1911-1912) estar 11 anos à frente da obra central estudada nesta pesquisa, **A Interpretação dos Sonhos**, ela se faz relevante justamente por apontar que, desde cedo, havia chamado a atenção de Jung para a psicologia e filosofia de Freud quanto aos conteúdos anímicos apresentados na obra, trazendo ainda uma questão histórica para além do capítulo sétimo: “A Psicologia dos processos oníricos”. Nele, Freud abandona os conceitos fisiológicos e materiais e passa a apresentar a realidade psíquica como uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade material, não é um lugar anatômico (JUNG, 2019, p.26).

Um dos princípios da psicologia analítica de Jung é que os sonhos devem ser interpretados de modo simbólico e não ao pé da letra, buscando neles um sentido. Apesar de fortes críticas e oposições quanto ao trabalho de pesquisa científica do sonho, sabemos que sua interpretação é prevalente na história e isto confirma uma verdade milenar, haja visto as leituras bíblicas, contos mitológicos, imagens expressas em quadros exprimindo paradoxos. Assim sendo, “se um conceito tão antigo e tão geralmente aceito, ele também deve ser de algum modo

²² Simbólico, segundo o filósofo Schiller, está vinulado ao caráter dualista do símbolo, entre o real e irreal. O simbólico é aquilo que está no um e no outro, como também aquilo que encerra no um também no outro (JUNG, 2013, p. 124).

²³ Jung escreve: “conhecimentos psicológicos, em defesa da não unificação de um único saber capaz de dar conta do grau de dificuldade nos estudos psíquicos”. Essa defesa já vinha sendo exposta pelos psicólogos americanos William James (1842-1910), em seus estudos do mental, e por Sigmund Koch (1917-1996), sobre o *status* da psicologia e sua ciência psicológica, definindo-a em psicologias.

verdadeiro, isto é, psicologicamente verdadeiro”, traduzindo-o para uma linguagem psicológica. O antigo conceito tornara-se mais compreensível: “o sonho origina-se em alguma parte desconhecida da alma e se ocupa com o preparo do dia seguinte e seus eventos” (JUNG, 2019, p.27).

Para Jung, é necessário saber sobre a simbologia dos sonhos a fim de conseguir a seriedade para admirar o fato. Ele cita como exemplo a atividade espiritual consciente que insinua uma figura mental que, aparentemente, obedece a leis e propósitos que se diferem de maneira total da atividade psíquica consciente, uma apresentação simbólica que não se percebe no pensar consciente. O pensar enquanto uma ideia inicial ou percepção antecipada, tomada por um problema intenso, subitamente o pensamos em palavras, falando sozinho ou até mesmo escrevendo ou desenhando. O problema, então, dirige-se para fora, já que o pensamento se dirige para fora, imitando a sucessão de coisas objetivas, reais. Como a linguagem – a matéria com eu pensamos – um objeto que é lado externo já que é ponte com sua única finalidade, a da comunicação (JUNG, 2019).

Dessa forma, os acontecimentos fora da mente têm relação causal, assim como as imagens em nossa mente acontecem da mesma maneira que os fatos acontecem fora dela – pensamento com atenção dirigida. Assim, também a língua, em sua origem e essência, nada mais é senão um sistema de sinais ou “‘símbolos’ que indicam acontecimentos reais ou seu eco na alma humana”.

A linguagem originalmente é um sistema de sons emotivos e imitativos que exprimem susto, medo, raiva, amor, etc., que imitam os ruídos dos elementos, o borbulhar e marulhar da água, o rolar do travão, o farfalhar e sussurrar do vento, as vozes dos animais, etc., e, finalmente, os que resultam da combinação de percepção e reação afetiva (JUNG, 2019, p. 32).

Por mais abstrato que seja, Jung diz que um sistema de filosofia, em seus meios e fins, representa apenas uma artística combinação de primitivos sons naturais, já que dificilmente pode-se avaliar a forte influência que os sentidos primitivos exercem sobre o pensamento. Diz Hermann Paul: “[...] tudo aquilo que alguma vez esteve no consciente, permanece como elemento ativo no inconsciente” (JUNG, 2019, p. 33).

A linguagem tem ainda seu sentido mais amplo que o simples falar, já que o falar é apenas a exteriorização da ideia formulada; como a linguagem para a comunicação, em que a linguagem, mesmo sem o poder da fala, não se faz limitada em sua capacidade de pensar, isto é, a questão da linguagem é mais ampla que a fala. Sobre essa colocação, Jung vem acrescentar

que o pensar está ligado ao “ato voluntário interior”, e não ao pensamento dirigido, que nos obriga a seguir uma determinada linha. Assim, o autor brinca: “deixamo-los flutuar, cair e elevar-se de acordo com seu próprio peso” (JUNG, 2019, p.37).

Em contrapartida, William James (1842-1910) afirma que o pensamento que não seja dirigido ou que seja apenas associativo, é um pensamento comum, pois o conteúdo de um pensamento que não se forma em linguagem e não colocam as coisas como elas são, mas como gostaria que fossem, alheio à realidade e associado ao passado com “suas mil recordações”, só pode ter como linguagem corrente a este pensar: o sonhar.

Nosso pensamento consiste em grande parte de séries de imagens das quais uma acarreta a outra, de uma espécie de quimera passiva, de que os animais superiores provavelmente também são capazes, não obstante, esse tipo de pensamento leva a conclusões racionais, tanto de ordem prática quanto teórica [...] nesse tipo de pensamento irresponsável, os elementos ligados entre si por mero acaso, são em geral fatos empíricos concretos e não abstratos (JUNG, 2019, p.38).

Jung completa a citação de James e afirma que este pensamento não requer esforço, afastando-se da realidade para fantasias do passado e do futuro. Sua forma de expressão em linguagem termina manifestando-se por imagem que segue imagem, e de sensação a sensação. Como em James, o raciocínio tem significado produtivo, mas o pensamento puramente associativo é apenas reprodutivo. Para Jung, ainda que o fantasiar de início e imediato seja improdutivo sob o ponto de vista da aplicação prática, a longo prazo, é justamente a fantasia despreocupada que revela forças e conteúdos criativos, só podendo ser reconhecido justamente através do pensamento associativo, passivo, fantástico, exatamente como os sonhos (Jung, 2019, p. 39).

Como nos experimentos que Jung pode observar ao aplicar o teste de associação de palavras, observando muitas vezes as pessoas que se faziam o teste, as quais ele deixou abandonar-se a seus devaneios, a princípio sem intenção e sem instruí-las de maneira antecipada, apresentavam manifestações afetivas experimentalmente registráveis, cujas bases racionais pouco conseguiam dizer ou nada. Como nos doentes em que Jung viu de forma repetida ser extremamente difícil formularem suas fantasias em palavras humanas, diziam saber perfeitamente do que se tratava, via e sentia tudo, mas era impossível encontrar palavras correspondentes (JUNG, 2019, p.38).

Jung traça uma importante contribuição histórica sobre o sonho em relação ao pensamento e seu grande avanço no conhecimento da ciência. Segundo ele, temos duas formas

de pensar: o pensar dirigido e o sonhar ou fantasiar. O primeiro preocupa-se com a comunicação, com elementos linguísticos. É cansativo e trabalhoso, pois produz aquisições novas, adaptação, imita a realidade e busca agir sobre ela. Já o segundo trabalha sem esforço, espontaneamente, com conteúdos encontrados prontos dirigido por causas inconscientes, afastando-se da realidade e libertando tendências subjetivas.

A evolução da ciência e de suas técnicas devem-se à história do pensamento dirigido. Jung relembra os estudos da Escolástica, como uma ginástica dialética que auxiliou o símbolo da linguagem, a palavra, a adquirir um significado absoluto daquele que os antigos atribuíam seu significado a seu *logos*, apenas através de valorização mística. Wundt descreve sobre a Escolástica, de forma breve, em **Über naiven und kritischen Realismus**, como um método que consistia como tarefa principal científica, o encontro de mecanismos de conceitos bem determinados e aplicados coincidentemente aos mais diversos problemas e valor às palavras a determinados conceitos gerais e palavras simbólicas que designavam esse conceito. A retórica era o trunfo do pensador, não uma modificação visível da realidade (JUNG, 2019, p. 40).

Segundo Jung, “aquilo que hoje chamamos ciência se dilui em névoa indefinida”, já que toda essa força criadora que o homem moderno aplica na ciência e na técnica, o antigo dedicou à sua mitologia, e que “recebemos na escola uma ideia muito precária da riqueza e da enorme expressividade da mitologia grega”.

Seria de nossa parte arrogância ridícula e injustificada se afirmássemos que somos mais enérgicos ou mais inteligentes que os homens da Antiguidade – nosso cabedal de conhecimentos aumentou, mas não a inteligência. Por isso mostramo-nos tão pasmos e incapazes diante de novas ideias quanto os homens nos mais obscuros tempos da Antiguidade. Tornamo-nos mais ricos em conhecimentos, mas não em sabedoria. O eixo de nosso interesse deslocou-se inteiramente para o lado da realidade material; a Antiguidade preferia o pensamento que se aproximasse mais do tipo fantástico. No espírito antigo tudo ainda está impregnado de mitologia, embora a filosofia e os primórdios das ciências naturais já realizassem um inegável “trabalho de elucidação” (JUNG, 2019, p.41).

Jung nos esclarece o quanto o interesse estava em adaptar esteticamente a fantasias e esperanças subjetivas e não como compreender o mundo real com a objetividade e exatidão possíveis. As coisas se davam em representações, de modo antropomorfo ou teriomorfo, como homem ou animal, imagens do universo, longe da realidade, mas fortemente ligada às fantasias subjetivas, como as representações semelhantes nos sonhos, em que, sem preocupação com a

situação real das coisas, reúnem nele os fatos mais heterogêneos num mundo de impossibilidades que na realidade não ocuparia (JUNG, 2019).

Como no esquema do modelo de aparelho psíquico construído por Freud, em que considera a progressão como característica do pensamento desperto, o progresso do estímulo do pensar, desde o sistema de percepção interna ou externa até o final motor, no sonho, o que acontece é o contrário. A regressão, em que o pensar se faz a partir do pré-consciente ou do inconsciente para o sistema da percepção da qual o sonho adquire plasticidade sensorial, ele retrocede em relação às matérias-primas da memória, “a trama dos pensamentos do sonho na regressão se dissolve em sua matéria-prima” (JUNG, 2019, p.42).

O sonho, segundo Freud, trabalha uma reminiscência, que, para Jung, é a reanimação de percepções antigas, um lado da regressão, já que o outro lado da regressão são recordações infantis. Mas, ainda assim, a vida anímica da criança não pode negar seu caráter arcaico. Na citação a seguir, Jung reforça o quanto a teoria de Freud sobre o sonho trouxe grande contribuição nos estudos da psicose:

Nas psicoses, os tipos de funcionamento do aparelho psíquico reprimido no indivíduo desperto tentarão impor-se novamente, revelando então sua incapacidade de satisfazer nossas necessidades em relação ao mundo exterior. A importância desta afirmação é acentuada pelos conceitos de Pierre Janet, independentes de Freud, e que merecem ser aqui transcritos porque os confirmam, a partir de um ângulo totalmente diverso, o biológico. Janet distingue na função uma parte “inferior”, firmemente organizada, e uma parte “superior”, que está em transformação constante: “É justamente sobre esta parte superior das funções, sobre sua adaptação às circunstâncias presentes que se baseiam as neuroses [...]” (p.386). “[...] as neuroses são perturbações ou paradas na evolução das funções” (p.388). “[...] as neuroses são doenças originárias de diversas funções do organismo, caracterizadas por uma alteração das partes superiores destas funções, retidas em sua evolução, em sua adaptação ao momento presente, ao estado presente do mundo exterior e do indivíduo e pela ausência de deterioração das partes antigas destas mesmas funções [...]”. (p.392). As “partes antigas” são justamente as “partes inferiores” das funções, e estas substituem a adaptação fracassada. Também Claparède manifesta ideias semelhantes sobre a natureza do sintoma neurótico. Ele considera o mecanismo histogênico como uma “tendência à reversão”, como uma espécie de atavismo do modo de reação (JUNG, 2019, p.43).

A partir dessa citação, Jung nos sugere traçar uma paralela entre o pensamento mitológico da Antiguidade e o pensamento das crianças, dos povos primitivos e do sonho, em que o pensamento infantil, como o do sonho, seria uma repetição de fases mais antigas da evolução. Nietzsche, em **Menschliches, Allzumenschliches**, traz uma nota importante: “[...] no sono e no sonho tornamos a atravessar o pensamento da humanidade antiga. Quero dizer:

como o homem ainda hoje raciocina no sonho, a humanidade, raciocinava também no estado acordado durante muitos milênios”, como se sonho uma parcela antiquíssima da humanidade continuasse a agir, seria sobre a qual a razão superior se desenvolveu e continua a se desenvolver no ser humano. O pensamento em forma de sonho tornou-se algo comum à explicações fantástica e cômoda, a partir da primeira ideia que viesse à tona, nesse sentido, o sonho tornou-se um descanso para o cérebro, que durante o dia precisa atender às exigências mais rigorosas que a cultura superior faz ao pensamento (JUNG, 2019, p. 44).

Freud, em sua análise dos sonhos, aproxima-se do conceito semelhante do sonho sobre o pensamento arcaico, como a interpretação dos mitos, cujo ele próprio concluiu sendo o mito, estruturas psicológicas populares, um estudo não concluído, mas muito provável que os mitos venham a corresponder “aos restos desfigurados de fantasias correspondentes a desejos de nações inteiras, aos sonhos seculares da jovem humanidade” (JUNG, 2019, p. 45). Jung cita Rank, Riklin e Abraham, que reforçaram a importância do mito como um sonho coletivo do povo. Reforça ainda o comentário de Abraham ao dizer que o mito seria uma parte superior da vida espiritual infantil do povo e, assim por diante, diversos nomes que contribuem para a evolução e conhecimento histórico sobre esse tema. Mas quanto à descrição de Abraham, Jung levanta uma interrogação a essa afirmação, já que o mito é o que há de mais adulto na produção da humanidade primitiva, sendo o pensamento arcaico uma característica da criança e dos povos primitivos.

Mesmo no homem contemporâneo, o pensamento arcaico também incide. Tão logo o pensamento dirigido cessa num enfraquecimento do interesse, um leve cansaço, seria suficiente para anular a adaptação psicológica exata ao mundo real que se manifesta pelo pensamento dirigido e substituído por fantasias. Se a desatenção aumenta, perde-se pouco a pouco a consciência do presente e a fantasia prevalece. As fantasias são tão bem conhecidas pelos poetas, como Jung coloca, mas pouco por parte da ciência (JUNG, 2019).

As fantasias fazem com que o homem se compense através delas, ou ainda desloque suas inseguranças ou outras dificuldades e desejos como saídas. Mas a fantasia outrora era tida como verdadeira. O que no momento atual se dá em sonhos e fantasia, antigamente, era um hábito consciente e de forte convicção. Jung questiona: como que algo que fora tão forte e em outros tempos constituía a esfera espiritual de um povo altamente desenvolvido, desapareceu totalmente da alma humana no decorrer de poucas gerações? E comenta o texto marcante do historiador Guillaume Ferrero:

[...] O homem não muda tão depressa; sua psicologia no fundo permanece a mesma; e se sua cultura varia muito de uma época para outra, não é isso que modificará o funcionamento de seu espírito. As leis fundamentais do espírito continuam as mesmas, ao mesmo pelos períodos históricos tão curtos de que temos conhecimento; e quase todos os fenômenos, mesmos os mais estranhos, devem ser explicáveis através daquelas leis comuns do espírito que podemos constatar em nós mesmos (JUNG, 2019, p. 48).

A questão sobre a origem da tendência e da capacidade do espírito manifestar-se simbolicamente remete à argumentação sobre a distinção de dois tipos de pensamento: o dirigido e adaptado, e o pensamento subjetivo, movido por razões interiores. Esse último, desde que não seja corrigido de maneira constante pela adaptação, irá produzir uma imagem do mundo subjetivamente alterada. Bleuler considerou esse estado de espírito, inicialmente, como autístico, ou infantil e autoerótico, sobre a imagem subjetiva do mundo, julgada sob o ponto de vista da adaptação, como inferior ao pensamento dirigido. O modelo ideal de autismo, representado pela esquizofrenia, e o autoerotismo infantil pelas neuroses, seguindo esse conceito, um processo em si totalmente normal como o pensamento-fantasia não dirigido, se aproxima da patologia, uma afirmação problemática tendo sido levada adiante pelos próprios médicos, considerando os primeiros a darem valor a esta forma de pensamento (JUNG, 2019).

Jung retoma a questão de que as bases inconscientes dos sonhos e fantasias são aparentemente reminiscências infantis, que nada mais são do que pensamento primitivos ou arcaicos, que aparecem de maneira natural na infância do que mais tarde, mas não são infantis, nem patológicos. Embora alguns mitos sejam baseados em fantasias inconscientes, de modo algum é infantil, autoerótico ou autista, ainda que forneçam imagens do mundo que, de modo difícil, possa ser comprado com nossa percepção racional e objetiva (JUNG, 2019, p.50).

A base instinto-arcaica de nosso espírito é um fato objetivo, preexistente, que não depende de experiência pessoal nem de qualquer arbitrariedade subjetiva pessoal, tampouco quanto a estrutura hereditária e a disposição funcional do cérebro ou de qualquer outro órgão. Assim como o corpo tem a sua evolução, de cujas diferentes etapas ainda traz vestígios nítidos, assim também a psique (JUNG, 2019, p.50).

Apesar do pensamento dirigido ser um fenômeno completamente consciente, “com exceção do fato de que os conteúdos entram no consciente já prontos e altamente complexos, o que já foi mencionado por Wundt”, o mesmo não pode ser dito pelo pensamento-fantasia, já que esse faz a ligação do pensamento dirigido com as camadas mais antigas do espírito humano, segundo Jung, estão abaixo do limiar do consciente. Já as fantasias que ocupam diretamente o

consciente são os sonhos acordados, dos quais Freud, Flournoy, Pick e outros se ocuparam dando maior atenção (JUNG, 2019 p.50).

Na obra **Símbolos da Transformação** (1911), Jung toma emprestado a publicação de Flournoy, sob o título “Quelques faits d’imagination créatrice subconsciente”, que tornou acessível ao público em forma poética, a fim de prestar um valor e interesse científico, os fatos íntimos de algumas fantasias de sua paciente – a autora Miss Frank Miller. Ela foi informada dos riscos que teria de suportar, tanto das compreensões mais profundas como das objeções da crítica, na qual se sabe que, quando alguém conta suas fantasias ou seus sonhos, muitas vezes não se trata apenas de um problema imediato a ser resolvido, e sim de experiências múltiplas dos mais penosos de seus problemas íntimos. A paciente acolheu a demanda e concordou com a publicação (JUNG, 1911-1912/2019).

Os relatos de Miss Miller são exemplos narrados sob o ponto de vista psicológico, tornando-se valiosos ao oferecer uma certa perspectiva da problemática da autora, ao deixar falar seu inconsciente. Este sempre conta as coisas mais íntimas, em que, sob esse aspecto, os menores detalhes tornam-se significativos. Alguns relatos da autora trazem a partir de algumas percepções que se impõem de forma violenta a uma impressão e sua exterioridade, uma submersão ao seu mundo interior com intencional alheamento ao meio ambiente, a ponto das coisas perderem sua realidade e os sonhos se transformarem em verdade.

A psicopatologia conhece um distúrbio mental em que os doentes se fecham cada vez mais contra a realidade e submergem em sua fantasia e, à medida que a realidade perde sua influência, o mundo interior aumenta em força determinadora. Este processo leva a um auge, onde os doentes, muitas vezes, subitamente tomam consciência de seu alheamento da realidade: o que acontece então é uma espécie de pânico, em que os pacientes começam a dirigir-se ao mundo exterior com tentativas doentias. Estas tentativas provêm do desejo compensador de novo relacionamento. Esta parece ser uma regra psicológica válida para os doentes e, em menor grau, também para pessoas normais (JUNG, 2019, p. 61).

Jung, na citação acima, mesmo contrariado, ainda faz referência ao conceito “distúrbio mental”, um conceito dado por Kraepelin à demência precoce, já que não se tinha uma denominação bem adequada. Somente depois, Bleuler nomeia de esquizofrenia. Um progresso ruim que os psiquiatras deram ao encontro a essa doença, aparentemente mau, “pois *Dementia Precoce* significa falta de esperança terapêutica. Que impressão teríamos da histeria se a julgássemos sob o ponto de vista da psiquiatria!”. O psiquiatra, em sua clínica, apresenta-se, na

maioria, de forma pessimista, já que se encontra terapeuticamente impedido, o que numa psiquiatra dinâmica ocupa-se de outras tentativas (JUNG, 2019, p. 61).

As descobertas de Miss Miller narra em forma de poema seus relatos a partir de uma análise profunda de seus sentimentos, dos quais os sonhos acrescentaram muita coisa, tendo como peculiaridade a disposição dada pelo inconsciente, baseado em sua estratificação histórica que se apodera de uma forma de relação antiga de reavivamento regressivo na hierarquia psíquica da qual sua impressão é negada ao reconhecimento consciente.

Miss Miller tentou compreender a criação do inconsciente, um processo que, em princípio, assemelha-se com o da análise psicológica, mas, como em geral acontecem com os leigos e principiante, ela para nas ideias que expõem o complexo subjacente, de forma a abordá-los indiretamente. O contexto da forte energia psíquica apresentado pela própria autora no conto, foi tão convincente que supõe ela ter percebido a intensidade deles. Por isso, realizou algumas modificações da situação por meio de um ato de repressão em torno da consciência. Os deslocamentos, os objetos simbólicos, as impressões sentidas e sua intensidade, o conflito, as reminiscências, as analogias significativas; a direção certa é uma tentativa, em que colisões, conflitos e enganos são inevitáveis. A rigor, basta um simples processo de conclusão que a autora caminhou para encontrar o sentido, o que pela técnica da análise psicológica, dá-se mais um passo (JUNG, 2019).

No entanto, parece, então, que um conflito reprimido ocorreu e a pessoa se ilude sobre a inexistência dele e o conflito reprimido continua existindo, ainda que a pessoa não tenha consciência disso: “a regressão anima regressivamente uma antiga relação ou tipo de relacionamento”. “[...] Conteúdos inconscientes ‘constelados’ (ativados) ao que sabemos sempre são ao mesmo tempo projetados, isto é, ou são descobertos em objetos externos ou se afirmam que existem fora da própria psique”, reaparecendo em alguma parte um conflito reprimido e sua conotação afetiva (JUNG, 2019, p.81).

Miss Miller, em sua projeção para a divindade, relaciona de maneira histórica com os símbolos, tendo em vista que os complexos que a afligiam foram “transferidos” conscientemente para a religião, um ato inverso da repressão. Jung mostra, a partir deste caso, a importância do inconsciente e suas formas de manifestação que visam a conscientização dos conflitos, indispensável na psicoterapia (JUNG, 2019, p.83).

Como na religião, a figura de Deus seria “essencialmente uma imagem psíquica, como um complexo de representações de natureza arquetípica, que a fé considera como idêntico a um *ens* (para nós) metafísico. A ciência não tem competência para julgar essa colocação”. Teriam

de buscar uma explicação sem essa hipótese. A limitação imposta pela ciência faz com que a figura religiosa se apresente como um fator psíquico, que se separa da psique apenas de forma teórica. A experiência íntima provém do inconsciente, sobre o qual não se tem controle, “ao prescindir de conceitos metafísicos por basear-se apenas na experiência demonstrável, o raciocínio científico leva diretamente àquela incerteza causada pela variabilidade dos fatores psíquicos” (JUNG, 2019, p. 85).

À medida que a consciência moderna se ocupa apaixonadamente de coisas totalmente alheias à religião, ficam sumidas em grande parte no inconsciente a religião e seu objeto, a propensão elementar ao pecado. Por isso hoje não se acredita nem na religião nem no pecado. A psicologia é tachada de fantasia suja, quando seria fácil convencer-nos dos demônios que a alma humana abriga se lançássemos um rápido olhar através da história das religiões e dos costumes. A esta descrença na brutalidade de natureza humana associa-se a incompreensão da importância da religião. A transformação inconsciente de um instinto em atividade religiosa não tem valor ético e frequentemente não passa de poder histérico, ainda que seu produto tenha valor estético. A deliberação ética só existe onde o conflito é consciente em todos os seus aspectos. O mesmo vale para o posicionamento religioso: deve ter consciência de si mesmo e de suas motivações para ser algo mais do que simples imitação inconsciente (JUNG, 2019, p.95).

Em contrapartida, Jung cita Santo Agostinho que argumenta sobre a atitude cristã do afastamento do mundo, em que o mundo e sua beleza precisava ser evitado, não somente por sua vaidade e inconsistência, mas por amor à criação. Logo, transformou o homem em seu escravo, por serem dominados às coisas perdem sua capacidade de julgamento. Deveria ser possível amar alguma coisa, uma inclinação positiva para com alguma coisa, sem se deixar dominar por ela a ponto de perder o bom-senso e o discernimento. Jung diz ser esse o ponto essencial, pois não se trata da sensualidade e da sedução estética, mas também do paganismo e sua ligação religiosa com a natureza; como os Deuses vivem nas criaturas, o homem sucumbe a elas e, com isso, deve se afastar delas por completo para não ser subjugado pelo seu poder (JUNG, 2019).

A independência da ideia que o homem adquiriu, conseguindo resistir à impressão estética, faz com que o pensamento não mais se acorrente ao efeito emocional da impressão, inicialmente, opondo-se a ele, para depois, ascender até a observação meditativa. Estabeleceram relacionamento novo e independente com a natureza, retomando a trabalhar sobre os alicerces lançados pelos espíritos antigos (JUNG, 2019).

Assim, um pouco da devoção religiosa entrou na atenção dedicada à natureza, e algo da ética religiosa na verdade e integridade científicas, embora, na época do Renascimento, o antigo interesse e sentimento pela natureza transparecesse nitidamente na arte e na filosofia da natureza. O que se vê são percepções profundas da animação da natureza nas pinturas e na poesia dos quais a ciência, em seus trabalhos mais sérios, dispensaria, já que trata do conhecimento e da experiência do mundo interior. Diante de tal racionalismo moderno que, de um modo geral, faz com que as pessoas se contentem com o conceito pouco inteligente de que o enunciado apresentado pelo dogma visa uma impossibilidade concreta, como se aquilo que não se sabe, não existe, em consequência disso, acreditam não existir uma realidade psíquica não consciente (JUNG, 2019).

Nessa primeira parte do livro **Símbolos da Transformação** (1911), Jung ocupou-se de grande material que reforça a presença de símbolos arcaicos e suas semelhanças tão presentes no material da psique humana:

O símbolo não é uma alegoria nem um semeion (sinal), mas a imagem de um conteúdo em sua maior parte transcendental ao consciente. É necessário descobrir que tais conteúdos são reais, são agentes com os quais um entendimento não só é possível, mas necessário, com este descobrimento compreender-se-á então do que trata o dogma, o que ele formula, e qual a razão de sua origem (JUNG, 2019, p.100).

A impressão profunda retratada pela poesia, arte, e etc., traduz um conteúdo anímico intenso. As expressões trazem um complexo de representações que se agrupam em torno de um sentimento forte, como descrito nos capítulos anteriores. A tonalidade afetiva é o fator característico e ativo do complexo, por isso, a energia psíquica utiliza-se de modelos arquetípicos sob o ponto de vista psicológico, que, a partir de um fenômeno real, tem seu início subjetivo (JUNG, 2019).

4.5 OS SONHOS NA VIDA PSÍQUICA DE JUNG

O historiador Henri F. Ellenberger (1905-1993), considerado o fundador da historiografia da psiquiatria, em seu livro **The Discovery of the Unconscious** (1994)²⁴ apresenta um estudo enciclopédico da história da psiquiatria dinâmica a partir dos trabalhos desenvolvidos pelos autores Janet, Freud, Adler e Jung, chamado por ele de grandes sistemas ou caminhos

²⁴ A publicação original é de 1970 e foi usada a edição de 1994.

psiquiátricos dinâmicos, fornecendo ao leitor um grande número de dados desconhecidos ou pouco conhecidos sobre os fatores que causaram e direcionaram a evolução da psiquiatria dinâmica, em diversos contextos e questões, tais como: socioeconômico; político; a sucessão de conflitos entre grandes tendências culturais; formação médica; da personalidade; situação familiar; eventos da vida e neuroses dos fundadores; do papel da classe social a partir da qual os fundadores iniciou o trabalho com seus pacientes; o papel do meio ambiente, colegas, discípulos, rivais, livros contemporâneos e eventos contemporâneos (ELLENBERGER, 1994).

Ellenberger, com o objetivo de retratar a história da psiquiatria dinâmica o mais exato possível, parte do princípio de uma metodologia bem delineada, comprometido com o objetivo de sua investigação, a de encontrar uma explicação das características paradoxais na evolução de psiquiatria dinâmica, lançando luz sobre a origem, fontes, e significado dos grandes sistemas psiquiátricos dinâmicos, bem como a história do nascimento, evolução e vicissitudes da psiquiatria dinâmica, utiliza como base, sustentar sua pesquisa em quatro princípios: “(1) Nunca tomar qualquer coisa como garantido. (2) Verifique tudo. (3) Substitua tudo em seu contexto. (4) Desenhar uma linha nítida de distinção entre os fatos e interpretação dos fatos” (ELLENBERGER, 1994, p. v).

Considerando a questão do trabalho de Freud sobre os sonhos como uma das formações nos estudos do inconsciente e os efeitos de sua obra **A Interpretação dos Sonhos** sobre a teoria de Jung, Ellenberger, apesar de recorrer a dados, segundo ele, inéditos para o conhecimento historiográfico dos autores em questão. Para tal fim a esse capítulo, utilizaremos da contribuição do historiador à vida de Carl Gustav Jung.

Ainda que, segundo Ellenberger, imperfeito em relatos biográficos esboçados com grandes lacunas, já que algumas memórias de sua infância e juventude foram relacionadas por seu amigo de longa data, Alfred Oeri, em razão de nenhum estudo documental da vida de Jung, semelhante aos dos Bernfelds e os Gicklhoms para Freud, e de Beckh-Widmanstetter para Adler, conduzido ainda, com a única exceção do estudo de Gustav Steiner sobre a atividade de Jung na associação de seus alunos com base nos arquivos dessa associação, a importância dos sonhos na autoanálise de Jung (ELLENBERGER, 1994).

Jung sempre recusou a sugestão de seus amigos para escrever a história de sua vida, no final de 1957, quando tinha 82 anos, Jung mudou sua mente e escreveu o que se tornou os primeiros capítulos de sua autobiografia, o restante ele narrou para sua secretária que mais tarde editou e publicou. No entanto, há também grandes interrupções e contradições entre certas afirmações de Jung e a versão dada por outras fontes. Pode-se também se perguntar como o

homem de 82 anos de idade poderia lembrar-se de suas primeiras memórias com tanta precisão. Uma pequena parte extensa da correspondência de Jung foi publicada, e muitos de seus escritos não estão disponíveis em forma impressa (ELLENBERGER, 1994).

Em concordância com Ellenberger, não se sabe muito sobre a infância de Jung, Albert Oeri meramente relata algumas brincadeiras que ele fez com outras crianças. Em sua autobiografia, Jung enfatiza fantasias, sonhos e ansiedade na infância. Ele foi para a escola da aldeia com os filhos de agricultores locais e sentiu que ele era diferente deles.

Jung, em sua autobiografia quase não conta nada sobre seus estudos e seus mestres, mas enfatiza os eventos de sua vida interior: “sonhos, devaneios, fantasias e intuições. Depois de ter visto uma velha carruagem do século XVIII, ele de repente sentiu que tinha vivido naqueles dias e começou a ter memórias desta vida anterior. Pareceu-lhe que ele tinha duas personalidades: a do menino nervoso e difícil como ele apareceu para o seu ambiente, e também desconhecido para todos, o de um proeminente homem do século XVIII” (ELLENBERGER, 1994, p. 664).

Após seu percurso de estudos e iniciação no trabalho da prática em psiquiatria no Burgholzli, em torno de 1908, Jung deixa o Hospital e se muda para sua casa, em Küsnacht, Suíça, onde estaria a passar o resto de sua vida, dedica-se então à sua crescente prática privada, desempenhando um papel eminente no movimento psicanalítico durante 1909 a 1913. Foi o primeiro presidente da Associação Psicanalítica Internacional e editor-chefe do *Jahrbuch*, o primeiro periódico psicanalítico. Começando em 1910, durante cada semestre do verão, um curso de palestras na Universidade de Zurique por Jung, intitulado "Introdução à Psicanálise." (ELLENBERGER, 1994, p.669).

A história da relação entre Freud e Jung por muito tempo só se sabia através dos relatos dados por Freud e seus discípulos. A versão de Jung da história foi apresentada por ele em 1925 em um seminário para um grupo limitado de estudantes, e em 1962 para um público maior em sua autobiografia. Jung nunca escondeu sua admiração por Freud e suas descobertas e também da forte figura de representatividade para ele (ELLENBERGER, 1994).

O caminho de Jung com Freud desde membro do movimento psicanalítico; suas palestras conferidas em favor da psicanálise a Congressos para além da Áustria e Suíça; seu cargo de presidente à Associação Psicanalítica e a editor-chefe do *Jahrbuch*; seu desenvolvimento nas discussões contrárias acerca das ideias de Freud, eventos e posteriormente seu desligamento aos compromissos e deveres para com a Psicanálise e divergência de opinião a determinados conceitos e teorias à Freud, marcaram para Jung o início de um período intermediário de seis

anos (do final de 1913 a 1919), considerado, segundo Jung, o mais obscuro de sua vida e cujo significado pleno foi revelado em sua autobiografia. Após sua ruptura com Freud e sua renúncia da Universidade de Zurique, dedicou-se à sua prática particular. Durante a Primeira Guerra Mundial, ele foi mobilizado intermitentemente por períodos que equivalem a alguns meses a cada ano e de 1914 a 1919 publicou muito pouco (ELLENBERGER, 1994).

Em um seminário que ocorreu em 1925, Jung expôs os estágios de seu confronto com o inconsciente que ele empreendeu durante esses anos, fatos que tinham sido conhecidos apenas por um pequeno círculo de adeptos e divulgados então naquele momento ao público através de sua autobiografia, dando a chave para a compreensão de sua doutrina e explicação de sua origem (ELLENBERGER, 1994).

Jung, ao trabalhar no Hospital Burgholzli com pacientes psicóticos grave, havia sido atingido pela ocorrência frequente de símbolos universais – dos quais mais tarde ele chamou de arquétipos- em suas ilusões e alucinações. Isso o levou a assumir que existia outro reino do inconsciente além de representações reprimidas, que foi objeto de investigação de Freud. Jung já tinha atingido a idade, que de acordo com suas próprias teorias marcam a "virada da vida", que é o período entre trinta e cinco e trinta e oito anos. Ele empreendeu um cruzeiro de quatro dias no Lago Zurique com Albert Oeri e três amigos mais novos. Albert Oeri iria ler em voz alta para os outros o episódio Nekyia da Odisseia de Homero (a Jornada de Ulisses para a Permanência dos Mortos) na tradução clássica alemã de Voss. Foi um prelúdio agradável para a jornada através do inconsciente que Jung foi para realizar e o que ele muitas vezes referiu como sua própria Nekyia. Parece que entre 1910 e 1913 Jung fez algumas tentativas de entender esse desconhecido reino permitindo que material inconsciente emergisse em sonhos e fantasias (ELLENBERGER, 1994, p. 670).

O momento decisivo para Jung foi quando se lançou para o empreendimento solitário e perigoso. Um novo experimento análogo à "autoanálise", de Freud, que foi provavelmente desconhecido para Jung, embora o método fosse bem diferente. Enquanto Freud tinha usado a livre associação, Jung recorreu à técnica de provocar o aumento de imagens inconscientes e seu transbordamento em consciência por dois meios: primeiro, escrevendo e desenhando seus sonhos todas as manhãs, e segundo, contava a si mesmo histórias e forçava-se a prolongá-las, escrevendo tudo o que sua livre imaginação poderia ditar. Foi, de acordo com Jung, em 12 de dezembro de 1913, que começara esses exercícios. No início, ele dirigiu seus devaneios, imaginando que estava cavando na terra e em galerias subterrâneas e cavernas, onde encontrou todos os tipos de figuras estranhas. Em 18 de dezembro, os arquétipos começaram a manifestar-

se mais diretamente, Jung sonhou que era um jovem selvagem em uma montanha deserta onde mataram o velho herói germânico, Siegfried. Jung interpretou este sonho como o significado de que ele tinha para matar uma identificação secreta em si mesmo com uma figura heroica que tinha que superar (ELLENBERGER, 1994)

No mundo subterrâneo onde suas fantasias o levaram a conhecer a figura de um velho, Elias com uma jovem mulher cega, Salomé, e mais tarde um homem sábio, Philemon. Conversando com Philemon, Jung aprendi que o homem pode ensinar a si mesmo coisas das quais ele não está ciente. Mas o mundo dos arquétipos ameaçou submergi-lo, e Jung foi ciente de que este tipo de exercício era muito perigoso, assim, impôs a si várias regras. Primeiro, ele tinha que manter um forte vínculo com a realidade, felizmente ele tinha uma casa, uma família, uma profissão, e uma clientela, e ele compeliu-se escrupulosamente a cumprir seus deveres para com todos os eles. Segundo, ele teve que examinar cuidadosamente cada imagem do inconsciente para traduzi-lo, na medida em que isso era possível para a linguagem da consciência. Terceiro, ele teve que verificar até onde as revelações do inconsciente seriam traduzidas em ações e incorporadas no cotidiano (ELLENBERGER, 1994).

Como resultado dessas regras, Jung diz ter sido capaz de alcançar essa descida em Hades e sair vitoriosamente de uma experiência perigosa. Jung assegurou que Nietzsche tinha tido uma experiência semelhante, sua Zaratustra foi uma erupção formidável de material arquetípico, mas Nietzsche havia ficado sobrecarregado porque ele não estava firmemente ancorado na realidade, vivendo sozinho sem família e sem ocupação (ELLENBERGER, 1994).

Um dos episódios mais singulares do experimento de Jung ocorreu quando um dia, enquanto escrevia sob o ditado do inconsciente, ele perguntou a si mesmo: "Isso é realmente ciência o que eu estou fazendo?" e ouviu como resposta na voz de uma mulher: "É arte!" Ele negou, mas a voz insistiu que era arte e eles conversaram por um tempo. Ele, assim percebeu que tinha em si uma subpersonalidade autônoma, feminina a quem ele chamou de sua anima. A anima falou com a voz de uma senhora que neste momento tinha certa influência sobre ele. Jung estava ciente de que o que a anima lhe disse não era verdade, e ele aprendeu depois de um longo confronto com a anima que essa influência podia ser benéfica ou prejudicial; o assunto era estabelecer com ela a relação apropriada (ELLENBERGER, 1994).

Outro passo foi dado quando Jung sentiu a necessidade de elaborar essas mensagens do inconsciente. De acordo com sua autobiografia, em certo domingo de 1916, ele ouviu o sino da porta principal do anel de casa, embora não houvesse ninguém para ser visto. Ele então teve a impressão de que uma multidão de fantasmas estava invadindo a casa. Jung exclamou dentro

de si mesmo: "Qual é o significado de tudo isso?" e foi como se um refrão respondesse: "Nós somos as almas dos mortos que voltaram de Jerusalém sem ter encontrado o que estavam procurando." Esta resposta forneceu a primeira frase para seu **Septem Sermones ad Mortuos** (Sete Sermões para o Morto), que ele escreveu em três noites e publicou em uma edição privada, atribuindo-os a Basilides de Alexandria. Posteriormente, ele escreveu duas outras obras, provavelmente na mesma veia neognóstica, o Livro Vermelho, que permaneceu inédito (ELLENBERGER, 1994).

Gradualmente Jung teve a impressão de que estava emergindo de uma longa noite, e fez outra descoberta notável: o processo em que ele tinha engajado tinha um objetivo; o de levar o indivíduo à descoberta do elemento mais íntimo de sua personalidade, o eu. Essa progressão do inconsciente para o consciente e do ego para si mesmo Jung nomeou de Individuação. Em direção ao final da Primeira Guerra Mundial, Jung descobriu que um avanço decisivo na individuação foi frequentemente marcado pela ocorrência de uma figura quadrática específica em seus sonhos, mais ou menos semelhante às mandalas da Índia e Tibet. No início de 1919, Jung encerrou sua experiência, da qual ele emergiu como um novo homem com um novo ensinamento, dedicando o resto de sua vida à aplicação e propagação de suas descobertas (ELLENBERGER, 1994).

Vemos assim que o período intermediário de 1913 a 1919 foi a de uma doença criativa. Ele tinha as mesmas características já vistas na doença de Freud. As doenças criativas de ambos esses homens sucederam um período de intensa preocupação com os mistérios da alma humana. Tanto Freud quanto Jung restringiram ao mínimo seus laços com a universidade e organizações profissionais ou científicas. Ambos sofreram sintomas de doença emocional: Freud falou de sua "neurastenia" ou sua "histeria"; Jung passou longos períodos meditando pelo lago, ou empilhando pedras em pequenos castelos. Ambos os homens foram submetidos a exercícios psíquicos autoimpostos, cada um de acordo com seu próprio método: Freud por livre associação, esforçando-se para recuperar as memórias perdidas de sua infância; Jung por imaginação forçada e desenhos de seus sonhos. Aos dois, esses exercícios funcionaram como uma autoterapia, embora de início, aumentassem seus sofrimentos, já que esses experimentos certamente não eram sem perigo. A amizade paradoxal de Freud com Fliess pode ser então melhor entendida como um meio de manter um laço com a realidade. Quanto a Jung, não sabemos que parte das relações humanas poderia ter desempenhado durante esses anos, mas ele deliberadamente agarrou-se a seus deveres para com sua família, profissão e país (ELLENBERGER, 1994, p. 657).

A jornada de Jung através do inconsciente é conhecida apenas pelas descrições dadas por ele em seus seminários de 1925, e mais tarde em sua autobiografia. Infelizmente não há documentos contemporâneos sobre isso comparáveis com as cartas de Freud para Fliess, e existem poucos relatos sobre sua atividade profissional durante esse período. Jung diz que durante este tempo ele ficou completamente isolado e abandonado por todos os seus amigos. Talvez fosse exagerado, uma vez que ele tinha mantido alguns discípulos, e um pequeno grupo junguiano fundado em 1916 em Zurique sob o nome de Clube Psicologista (ELLENBERGER, 1994).

O término de uma doença criativa geralmente ocorre rapidamente e é seguido por uma fase curta de euforia, um sentimento de alegria, e uma necessidade para atividade. Em seus seminários Jung às vezes referia-se aos sentimentos do indivíduo que superou a introversão extrema e progrediu para extroversão, e para a "sensação de alívio e liberdade", do homem que não mais sente o fardo das convenções sociais (ELLENBERGER, 1994).

Quando o resultado de tal experimento é bem-sucedido, ele se manifesta em uma mudança permanente de personalidade. Jung, como Freud, agora era capaz de ser o fundador e líder de sua própria escola. Mas ao contrário de Freud, Jung também emergiu de sua doença criativa com uma propensão aumentada para intuições, experiências psíquicas e sonhos significativos. Essa é outra característica daqueles que viveram através de tal aventura espiritual para atribuir um valor universal à sua própria experiência pessoal. Aqueles que têm conhecimento de Jung lembram do tom de convicção absoluta com que ele falou do anima, do eu, dos arquétipos, e do inconsciente coletivo. Para ele eram realidades psicológicas que existiam tão certamente quanto o mundo material ao seu redor (ELLENBERGER, 1994).

No período seguinte à Primeira Guerra Mundial Jung emergiu de sua psicológica experiência como um homem que tinha sofrido uma metamorfose interior de alcance profundo. Ele era agora o chefe de uma escola psicológica e um psicoterapeuta muito procurado que atraiu muitos pacientes da Inglaterra e da América. Ele viveu em sua bela casa patricia de Kiisnacht com sua família, esposa e cinco filhos. De sua "Jornada pelo Inconsciente" Jung tinha trazido de volta tal abundância de arquétipos e símbolos que ele poderia agora passar cerca de vinte anos elaborando este material, usando-o na terapia e em toda uma série de seminários datilografados e volumes impressos (ELLENBERGER, 1994).

Alguns dos discípulos de Jung descrevem sua vida durante os vinte anos que se seguiu como sendo exclusivamente dedicado à psicoterapia, ensino, e escrita de seus livros. Jung se assegurou que sua vida tinha sido "singularmente pobre em acontecimentos externos." Em

1921, surge uma das obras mais conhecidas de Jung, **Os Tipos Psicológicos**, um livro substancial de 700 páginas, contendo não apenas sua teoria de introversão, extroversão e o sistema tipológico, mas também uma visão geral de suas novas teorias do inconsciente. Muitos de seus trabalhos adicionais são elaborações dos pensamentos que ele tinha delineado neste livro (ELLENBERGER, 1994).

No início da década de 1920, Jung conheceu o renomado sinólogo, Richard Wilhelm. Em 1923, Jung o convidou para dar palestras no Clube Psicológico, em Zurique. Mas mesmo antes de Wilhelm publicar sua tradução alemã do **I Ching**, Jung estava apaixonadamente interessado no método chinês de oráculos e experimentado com ele, aparentemente com algum sucesso. Mas ele cuidadosamente se absteve de comentar sobre suas experiências para depois de muitos anos. Nos mesmos anos Jung participou de experimentos médiuns em Zurique com Eugen Bleuler e Von Schrenck-Notzing. Eles trabalharam com o então famoso médium austríaco, Rudi Schneider. Jung, no entanto, recusou-se a tirar quaisquer conclusões após esses experimentos sem sequer mencioná-los na época. Em 1923 Jung comprou um pedaço de propriedade em Bollingen, na costa, do outro lado do Lago Zurique, no qual ele posteriormente construiu uma torre, onde ele estava para passar seus fins de semana e feriados (ELLENBERGER, 1994).

Neste ponto parece que, a fim de aumentar seu conhecimento do inconsciente, Jung sentiu que seria mais rentável se ele experimentasse contato com homens de sociedades primitivas. Assim, quando ele foi para os Estados Unidos em 1924 e 1925 juntou-se a um grupo de amigos americanos e foi com eles visitar os índios Pueblo do Novo México. Jung ficou impressionado com a atmosfera de sigilo extremo que reinou entre os índios Pueblo, e pela imagem pouco lisonjeira dado a ele por um homem branco inteligente Taos. Um ano depois, Jung foi viver por vários meses entre uma tribo africana no Monte Elgon em Tanganica. Diziam que Jung vivia em uma pequena cabana fora da aldeia para que ele pudesse assistir a vida diária e falar com as pessoas sem intrometer em suas vidas. Ele teve conversas interessantes com alguns dos homens, especialmente com o curandeiro, e manteve um diário de suas observações (ELLENBERGER, 1994).

Na década de 1930, a fama de Jung estava crescendo. Em 1930 ele foi nomeado presidente honorário da Sociedade Alemã de Psicoterapia. Em 25 de novembro de 1932, o Conselho Municipal de Zurique decidiu conceder-lhe o prêmio para Literatura da Cidade de Zurique, totalizando 8.000 francos suíços. A cerimônia ocorreu na Câmara Municipal de Zurique em 18 de dezembro. Jung foi elogiado porque, graças a ele, a "psicologia sem alma" do século XIX tinha sido superada, bem como as concepções unilaterais de Freud, porque suas ideias tinham

exercido uma influência notável sobre a literatura, e ele próprio tinha comentado sobre obras literárias (ELLENBERGER, 1994).

Jung retomou seu interesse em experimentos mediúnicos durante a década de 1930, sentia-se convencido da realidade desses fenômenos, que parecia inexplicável para ele. Mas que, cuidadosamente absteve-se de se referir publicamente a eles. Ele também se interessou muito pelos escritos dos alquimistas, a quem ele viu como os precursores da psicologia do inconsciente (ELLENBERGER, 1994).

5 É APROXIMADO O FIM

Desde o início da aproximação entre Freud e Jung, fica claro que essa junção está embasada no fortalecimento de suas teorias para o desenvolvimento promissor de suas pesquisas e expansão da ciência, embora ao longo do caminho, outros interesses pessoais e teóricos vão surgindo. Ainda que os dois pensadores, preocupados com a questão do psiquismo, dialoguem inicialmente em direção a um objetivo comum – os estudos dos processos inconscientes –, essa direção, ao longo do caminho, tende a se desviar. É justamente sobre esse ponto de rompimento que a direção dessa interlocução trocada entre eles será tratada neste capítulo.

5.1 DA APROXIMAÇÃO DO FORTE LAÇO TEÓRICO E PESSOAL ENTRE S. FREUD E C.G. JUNG, O CAMINHO DE UM ROMPIMENTO DEFINITIVO ESTÁ POR VIR

Desde 1902, sobre a publicação do artigo de sua tese de doutorado **Psicologia e Patologia dos Chamados Fenômenos Ocultos**, até em 1905, Jung, ao ler **Fragmento de um caso de histeria**, de Freud, faz vinculação ao seu estudo **Psychoanalysis and Association Experiments**, publicado em 1906 e apresenta um caso de neurose obsessiva, tomando a defesa do austríaco em um congresso em Munique a um orador que se pôs a questionar sobre as neuroses obsessivas. Nessa situação, Jung pôde afirmar que, sujeitando uma paciente ao teste de associações declarou a psicanálise de Freud útil (MCGUIRE, 1993, p.16-17).

Em 1906, Jung conclui seu trabalho experimental **Estudos de Diagnóstico de Associação** e o envia a Freud, iniciando uma correspondência entre eles. Em 1908, Jung viaja para Viena e se encontra pela primeira vez com Freud. Ao retornar, relata na carta (17J) ter produzido nele um certo tumulto dos complexos despertados em Viena, sendo o item mais difícil a questão da ampla concepção sobre a sexualidade abordada e os insistentes questionamentos e resistências de Bleuler quanto ao autoerotismo na essência da demência precoce e também da expressão libido levada para a concepção mais ampla da sexualidade, incompreendidos ou sem valor didático. Jung considera um aprofundamento importante para o conhecimento, mas também um caminho de grandes dificuldades (MCGUIRE, 1993).

No prefácio da obra **Psychogenesis of Mental Disease** (1907), Jung relata:

[...] as leituras das obras de Freud levaram-me a dar-lhe a devida atenção: de início, casualmente, ao ler **A Interpretação dos sonhos**; a partir desta obra, estudei seus demais escritos. Posso assegurar que desde o princípio fiz, naturalmente, as objeções aduzidas geralmente contra Freud na literatura. Contudo, achava que Freud apenas poderia ser refutado por alguém que tivesse utilizado amplamente o método psicanalítico e realmente tivesse investigado como Freud investiga, isto é, empreendendo uma longa e minuciosa análise da vida diária, da histeria e do sonho a partir de seu ponto de vista. Quem não procede assim ou não pode proceder assim, também não pode julgar Freud, pois se comporta como os famosos cientistas que por desprezo se recusaram a olhar pelo telescópio de Galileu. Correção para com Freud, como muito teme, não significa, no entanto, sujeição incondicional a um dogma, por exemplo, os mecanismos complexos da histeria e dos sonhos, não atribuo ao trauma sexual infantil a importância exclusiva aparentemente concedida por Freud. Minha posição indica ainda menos que eu coloque a sexualidade tão predominantemente em realce ou que a ela conceda a universalidade psicológica que Freud postula, ao que parece, tendo em vista o papel reconhecidamente importante desempenhado pela sexualidade na psique. Quanto à terapia de Freud, ela não é, na melhor das hipóteses, senão um dos vários métodos possíveis, e talvez nem sempre ofereça na prática o que dela se espera em teoria. Não obstante, tais pontos adquirem uma significação mínima quando comparados os princípios psicológicos cuja descoberta é o maior mérito de Freud e aos quais os críticos dão insuficiente atenção. Quem quiser ser honesto para com Freud devem ter em mente as palavras de Erasmo: mover cada pedra, experimentar tudo, não deixar de tentar nada (MCGUIRE, 1993, p.17).

Após a visita à casa de Freud, Jung permanece convicto que, apesar das dificuldades sobre o que Freud pretendia dizer sobre a libido, estava disposto adentrar-se nesse futuro que o acenava, buscando alcançar métodos capazes de desenvolver a divulgação da psicanálise da maneira mais exata possível. Para isso, lançaria mão de tarefas tais como propostas pelo próprio Jung de documentar os sonhos que exprimissem desejos na demência precoce, com uma quantidade maior possível de dados empíricos, acreditando chegar mais próximo da teoria da sexualidade: “faço votos de que meu trabalho pela sua causa lhe demonstre a extensão de minha gratidão e respeito” (MCGUIRE, 1993, p. 64).

Em resposta à carta de Jung, datada em 31 de março de 1907, um mês após a visita, Freud o responde em 07 de abril de 1907 (18F). Ainda que preocupado com a incerteza de sua relação frente aos questionamentos de Bleuler por considerar Jung merecedor de sua confiança, o faz uma proposta em relação aos escritos da demência precoce: que Jung as ignore, pois suas convicções eram fortes e não acreditava que a teoria da Demência precoce teria êxito. A cada inferência, voltava-se ao ponto do qual tentavam desviar a atenção da nomenclatura, e diz: “mesmo que chamemos o ics. de ‘psicoide’, ele continuará a ser o ics.; mesmo que não

chamemos de ‘libido’ a força impulsiva da concepção mais ampla de sexualidade, ela continuará a ser libido” (MCGUIRE, 1993, p. 66).

Freud não concordava que as colocações de Bleuler pudessem ser válidas a fim de se desfazer de suas convicções, mesmo sendo ele um dos grandes pioneiros da psiquiatria, professor de psiquiatria na Universidade de Zurique e diretor do Hospital Burgholzli (entre 1898 e 1927) ao qual Freud estimava e de sua persistência, na tentativa de proporcionar à psiquiatria uma base psicológica, não se contentando com a simples descrição dos sintomas das doenças mentais. Bleuler se mantinha convicto de que a esquizofrenia tivesse sua base orgânica e uma alteração orgânica viria a acarretar uma desordem psicológica. Jung não via da mesma maneira que Bleuler e sim o inverso dessa concepção em que o psicológico poderia afetar o organismo físico. O próprio teste de associação de palavras viria contradizer o argumento de Bleuler, já que a divisão do psiquismo, conforme apresentado por Freud, estaria presente nos estudos da esquizofrenia em sua dissociação psíquica (MCGUIRE, 1993, p.66).

Em resposta à carta (18 F), Jung teme que Freud esteja o superestimando e colocando a ele um “poder” que ele próprio não enxergava. Mesmo assim, Jung passa a olhar as pesquisas de Freud em profundidade, mas confessa ainda estar longe de ver com clareza, dizendo: “onde a escuridão é tão grande para nós, ainda estranhos a ela, só a fé pode ajudar; mas a melhor fé, e a mais positiva, é o conhecimento de sua personalidade. Minha visita a Viena, foi conseguinte, uma confirmação genuína”. Jung agradece a Freud suas colocações quanto à demência precoce e diz ter nelas a partir do teste de associações de palavras forte estímulo na teoria dos complexos, resistência e estímulos psicológicos nos estudos sobre os afetos (MCGUIRE, 1993, p. 67).

Ainda nessa mesma carta, Jung compartilha com Freud o convite que recebeu para falar sobre “Modernas Terapias da Histeria”, no Congresso daquele ano de 1907, em Amsterdam, afirmando que iria manter-se nos limites da teoria de Freud. Para Freud, a partir dessas trocas e aproximações, o relacionamento entre eles estava se generalizando pelo mundo. Via em Jung, seu sucessor. De acordo com alguns comentadores, Freud enxergou em Jung um ideal de pesquisador em relação ao progresso da ciência, tendo o suíço à disposição em aplicar a técnica psicanalítica em seus pacientes psicóticos e a divulgá-la no meio científico de Zurique (MCGUIRE, 1993).

Ao voltar de uma série de conferências que realizou nos Estados Unidos, Jung escreve a Freud entusiasmado com as modificações que fez na teoria psicanalítica, particularmente em relação à teoria da libido. Ele acreditava que a sua nova versão da psicanálise havia conquistado

a simpatia de muitas pessoas que até então estavam confusas com o problema da sexualidade na neurose, acreditando ter vencido as resistências de muitas pessoas que não queriam e desacreditavam da psicanálise (MCGUIRE, 1993).

A psicanálise estava nos Estados Unidos, porém, Freud se incomoda com a tomada de atitude de Jung e indica que “a batalha não seria decidida lá”, desaprovando o colega ao reduzir as resistências colocadas com suas modificações teóricas não deveria vangloriar-se disso. E o orienta: “quanto mais se afasta do que é novo em psicanálise, mais certeza se tem do aplauso e menos resistência se encontra”. O posicionamento de Jung em Kreuzlingen, na Suíça, provocou em Freud “uma ferida duradoura”. Para ele, sua teoria não era uma questão de capricho, mas de forte luta por aquilo que acreditava ser verdadeiro. E prossegue:

Proferi conferências em Chicago, Baltimore e na Academia de Medicina de Nova Iorque, com visível êxito. Dei também duas aulas clínicas sobre Demência precoce no Bellevue Hospital, em Nova Iorque, e outras em Ward’s Island, e em Washington [...]. Na volta parei em Amsterdam e reuni Van Renterghem, Van Emden e Van der Chijs para iniciar um grupo local (MCGUIRE, 1993, p. 521-522).

Freud faz questão de levantar que junto dele grandes nomes se fizeram como seus seguidores na Sociedade Psicanalítica de Viena, como Fliess, Adler, Reich, entre outros. Todos buscavam experiência clínica, um reconhecimento e expansão de sua descoberta com base nos campos ainda inexplorados da psique (SHAMDASANI, 2003).

5.2 DAS CORRESPONDÊNCIAS

A ilustração da relação entre Freud e Jung pôde ser lida nas correspondências trocadas entre eles, fornecidas em 1970 em Londres, por Franz Jung e Ernest Freud – seus filhos –, os quais autorizam a publicação das cartas exigindo serem tratadas como um documento histórico. Posteriormente, foram reunidas por William McGuire na obra **A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung** (originalmente publicada em 1974). O livro é um documento histórico de uma coletânea resultante no número de 359 cartas entre Freud e Jung, entre 1906 e 1914, reunidas por McGuire, editor anglo-americano, considerado “ponderado e cuidadoso por sua colaboração nas pesquisas sólidas sobre Jung” (JUNG, 1998, p.13).

Em 1977, um ano depois da publicação dita oficial, o psicanalista Leo Rangell comenta sobre as correspondências:

[...] enquanto lia este extraordinário documento, não somente de colaboração científica, mas de relação humana, a seguinte tese formou-se em minha mente: que as suas diferenças ideológicas não causaram sua separação, mas que uma cisão causou sua divergência ideológica. [...] O filho ao separar-se do pai separou-se também de sua herança. Ambos pagaram um alto preço (RANGELL *apud* BYINGTON, 2017, p. 87).

Após a carta de Jung de 20 de maio de 1914 (359J), renunciando à presidência da Associação Internacional, há um longo silêncio nessa história epistolar. Na pasta destinada às cartas de Jung para ele, arquivou também alguns dos programas dos Congressos, bem como várias cartas de Jung a Ferenczi. A correspondência de Freud era arquivada cronologicamente em armário em seu gabinete. Em 1938, aproximando-se o momento de sua família abandonar Viena, Anna Freud e Bonaparte vasculharam os papéis e correspondências de Freud, queimando alguns itens que seriam impraticáveis levá-los e “perigosos” se viessem a cair nas mãos nazistas, resgatando o quanto fosse possível para serem despachadas com os demais pertences familiares para Londres. Dentre as correspondências com vários autores, estavam as cartas de Jung recebidas por Freud (MCGUIRE, 1993, p. 20).

De igual modo, as cartas de Freud recebidas por Jung, trocadas confidenciosamente “esquecidas”, permaneceram intocadas por quase 40 anos. Somente em 1950, quando Jones iniciou o trabalho, no segundo volume da biografia de Freud, escreveu a Jung pedindo-lhe permissão para ver as cartas que ele lhe endereçava. Jung permitiu, não a Jones na contribuição à biografia de Freud, mas sim doando-as ao Instituto C. G. Jung, solicitando que lá ficassem, como um bem histórico e não posto para venda (MCGUIRE, 1993).

Em Nova Iorque, em 1951, constituíram-se os Sigmund Freud Archives, uma organização sem fins lucrativos com a finalidade de colecionar todos os documentos direta ou indiretamente relacionados à vida e obra de Freud. No entanto, não contribuíram para as publicações tanto para McGuire, quanto à época para Jones das cartas de Freud a Jung, sendo então, o Instituto Jung, na Suíça, a enviar as cópias fotostáticas à Nova Iorque, na condição de que fossem mantidas confidencialmente por 100 anos (MCGUIRE, 1993, p. 21).

Tempo depois, após Jung conceder uma entrevista para os Freud Archives, em 1953, mas vedado até o ano de 2010 para sua divulgação pública, a transcrição das cartas de Freud foi encaminhada ao Instituto Jung. Jones teve acesso às cartas de Freud a Jung, mas somente a uma parte. Em 1954, a filha de Freud, Anna, encontrou as demais cartas, já que os pacotes de

correspondências foram postos a salvo em sua casa e na de seu irmão Ernest, levando tempo para catalogar todo o material em segurança (MCGUIRE, 1993, p. 22).

C. A. Meier, diretor do Instituto Carl Gustav Jung, professor de psicologia em Zurique, durante uma visita a Nova Iorque ao secretário dos Archives, Dr. K. R. Eissler, recebera por empréstimo a transcrição das cartas de Freud a Jung. Meier, ao retornar a Zurique, escreve a Eissler:

A impressão inicial é, com efeito, a de uma tragédia em fragmentos. E é justamente por isso que me ponho, sem reservas, a favor da publicação de tudo. É verdade que Jung, ainda há pouco, achou melhor esperar até depois de sua morte; mas na realidade ele nem quis olhar as cartas. Minha opinião, assim, é que será possível, persuadi-lo a mudar de ideia. Acho que o mundo deve aprender alguma coisa com essa tragédia, como também acho que boa parte do nonsense corrente há de, enfim, ser sepultado pela publicação em pauta, o que apenas poderá ser benéfico para limpar a atmosfera. Mais difícil que a consideração por Freud e Jung, a meu ver, é a consideração por outros colegas que aparecem frequentemente nas cartas e são, de certo modo, brindados com expressões pesadas e nada lisonjeiras. De minha parte, creio que devemos dar ao mundo uma bela amostra de objetividade científica, para o bem comum (MCGUIRE, 1993, p. 23).

Após buscas dos correspondentes, transcrições e demais dificuldades para que mantivessem as cartas como documento histórico e não para publicação, Jung, em 1956, posiciona-se permitindo suas publicações desde que respeitassem sua solicitação de publicá-las, no mínimo, vinte anos após a sua morte. Morrem antes de Jung os organizadores das correspondências, Kris e Jones, ficando as cartas depositadas com a seguinte etiqueta: “Confidencial, só poderá ser aberto vinte anos após a morte de Carl Jung, com permissão dos Archives Jung, Küsnacht, Zurique”, acarretando posteriormente diversos comentários e solicitações de amigos e diretores de editoras que consideravam as correspondências de valor importante, literário e psicológico. Ainda que algumas seletas cartas organizadas e resumidas comesçassem a dar “luz”, até o falecimento de Jung, em 06 de maio de 1961, sua vontade de que a publicação fosse adiada foi respeitada (MCGUIRE, 1993, p. 24).

Em 1970, Ernest Freud e Franz Jung-Merker, ao se encontrarem e de comum acordo, uniram-se para dar às cartas sua publicação “enquanto ainda estava em vida pessoas que conheceram a personalidade dos dois homens”; “traçamos planos e sem qualquer dificuldade, para a rápida publicação da correspondência” (MCGUIRE, 1993, p.31).

A vida do intelectual Freud foi marcada por frustrações; como ele mesmo chegou a definir, se achava em um estado de “isolamento esplêndido”, não se tornara um pesquisador científico como chegou a desejar, nem um professor universitário. Duas obras de muita importância se deram no início de sua carreira com a colaboração de Josef Breuer os **Estudos sobre a Histeria** (1893-1895) que após isso se separaram e a publicação de **A Interpretação dos Sonhos** (1900) após em 1896 usar o termo psicanálise dedicando-se desde então a técnica psicanalítica (MCGUIRE, 1993, p. 13).

5.3 JUNG VAI SE DESPEDINDO

A questão colocada, e que se confirmou ao longo da relação ocasionando no rompimento de Jung com Freud, se dera, sobretudo, em especial, no sentido da teoria da libido, em especial, a teoria da sexualidade infantil. Para Jung, certas conclusões de Freud poderiam não ter sido mantidas, ainda que as bases empíricas contidas nos estudos de Freud, os conceitos, as técnicas, os exemplos, etc., fossem devidamente asseguradas por outros autores que também em outras escolas comprovavam o êxito de seu desenvolvimento (JUNG, 1989).

Para Jung, as passagens das obras de Freud consideravam certas ações correlacionando-as ao sexual, das quais Jung rejeitava, embora, alguns atos que são causadores de prazeres, como o ato de nutrição, mas não de função sexual, devesse ter o manejo aos limites dos conceitos. Mas ao mesmo tempo Jung reconhecia a importância de haver pessoas com a coragem do exagero e da unilateralidade e a estas pessoas devemos as descobertas científicas. Mas o suíço ressaltava a importância – como dito por William James (1842-1910) – de que as teorias científicas eram apenas sugestões de como se poderiam considerar as coisas (JUNG, 1989).

Segundo Jung, havia vários motivos prementes para explicar de maneira adequada a troca de cenário, não como mudanças, mas de teorias com hipóteses dinâmica, mas a forma de Freud foi enérgico demais como o conceito de libido, apesar dele ter feito substituições mais na prática do que na teoria. A contradição de Jung à teoria de Freud da sexualidade e suas transformações é sobre a descoberta de uma atividade de fantasia sexual na infância, já que tudo indica que sua sexualidade não parece estar centralizada na função genital e no outro sexo, mas se ocupa com o próprio corpo e, por isso, a criança foi considerada autoerótica. Em vez da inexistente função sexual localizada, há toda uma série dos assim chamados maus hábitos que, considerados sob este ponto de vista, parecem perversidades, porque possuem uma semelhança muito grande com as perversões posteriores (JUNG, 1989).

Do ponto de vista de Jung, a explicação de Freud era reducionista na explicação da palavra libido quanto às necessidades sexuais do homem e dos animais, fazendo uma comparação em que a biologia, ao supor de uma existência de um “instinto sexual” por analogia com o instinto de nutrição, que é a fome, na linguagem popular, pela falta de uma correspondente para designar a palavra “fome”; a ciência usa, para isso, a palavra “libido”. Para Freud, o termo libido significava, exclusivamente, a necessidade sexual ou apetite sexual, a linguagem médica usa esse termo para este significado. Mas, entre os clássicos, libido não tinha esse sentido unilateral e era usado também no sentido geral de desejo apaixonado (JUNG, 1989, p. 117). Contudo, com a introdução do conceito de libido, a fonte e a origem da sexualidade normal perderam seu significado e foram reduzidas a meras possibilidades de aplicação, não mais considerada como seu princípio natural, mas como força vital. Segundo Freud, a definição sexual ligada à libido estaria ligada ao sentido de “necessidade sexual” (JUNG, 1989, p. 123).

Jung diz que seu novo ponto de vista sobre a teoria da neurose não afeta o procedimento psicanalítico, a técnica continua a mesma, ainda que não se tenha mais a pretensão de estar cavando a última raiz da doença. Tem-se de colocar a descoberto as fantasias sexuais porque a energia que o paciente precisa para alcançar a saúde, ou seja, a adaptação, está ligada a elas. Por meio da psicanálise, é restabelecida a conexão entre a consciência e a libido inconsciente. No entendimento de Jung, a libido inconsciente é trazida para o controle da vontade. Só dessa forma, pode a energia voltar a ser disponível para o cumprimento das tarefas vitais necessárias. Desse modo, a psicanálise não mais parecerá simples redução do indivíduo a seus desejos sexuais mais primitivos, mas, se corretamente entendida, será uma tarefa altamente moral e de imenso valor educativo (JUNG, 1989, p. 242). A essa pretensão, seria de longe a intenção da psicanálise. Talvez por isso, os adversários e/ou os não entendedores da teoria freudiana a chamassem de subversiva.

Mesmo em oposição à teoria da sexualidade de Freud, Jung, em 1910, continuou afirmando que o austríaco trouxe valiosos impulsos em diversas direções em defesa da verdade científica, mesmo frente às críticas que se faziam à psicanálise, desde as mais diversas pessoas, cultas, sábios, comerciantes, jornalistas, artistas ou professores. As pessoas compreendiam que a psicanálise não se apresentava de forma objetiva como um teorema matemático e que uma demonstração no campo da psicologia teria de ser diferente de uma demonstração no campo da física, por exemplo, já que toda matéria científica possui uma evidência demonstrativa exclusivamente própria (JUNG, 1989, p. 85).

Não se deve culpar a psicanálise pelas fealdades sexuais que infelizmente ocupam, por necessidade, amplo espaço em muitos trabalhos psicanalíticos, pois nossa atividade médica, quando exercida com empenho e responsabilidade, só põe a descoberto as fantasias pouco bonitas; a culpa pela existência destas coisas mais ou menos indecorosas e repugnantes fica por conta da mentira de nossa moral sexual. Não é preciso reiterar para uma pessoa inteligente que o método psicanalítico de educação não consiste apenas de discussões sobre a psicologia sexual, mas abrange todas as esferas da existência (JUNG, 1989, p. 92).

Apesar das análises de Freud sobre o conceito de libido, ele era também usado em sentido genérico, como sentido de conservação da espécie, e os adversários à teoria de Freud produziam suas próprias concepções à maneira de seus entendimentos, ou seja, “grosseiramente sexual”, o que na terminologia psicanalítica não significava absolutamente “excitação sexual localizada”. O sentido era usado como qualquer tendência e desejo que ultrapassassem a esfera da autoconservação (JUNG, 1989, p. 92).

Jung lamentou-se de que um mal-entendido, “onde se confunde a noite com o dia, tenha impedido muitas pessoas de beneficiar-se das extraordinárias descobertas da psicanálise, com grande proveito para seu próprio desenvolvimento ético”. Muitos acabam perdendo a oportunidade de terem uma impressionante visão da profundidade e da beleza da alma humana, por passarem desatentos diante da psicanálise (JUNG, 1989, p. 93).

Em 1912, Jung escreve ao jornal **Wissen und Leben**, título primitivo de **Neue Schweizer Rundschau**, com o objetivo de esclarecer os mal-entendidos e preconceitos sobre a psicologia moderna no seio público. Do editorial, pedem a ele que tecesse alguns comentários e esclarecimentos a respeito da psicanálise, que contribuísse sobre ela, considerando uma polêmica que mais confunde do que esclarece as opiniões (JUNG, 1989, p. 92). Jung diz que a Freud nunca foi negado o mérito do qual **A Interpretação dos Sonhos**(1900) abriu novas possibilidades no interesse e estímulos às pesquisas de Jung no Hospital Burghölzli, encontrando nas investigações oníricas relevância para suas próprias descobertas e seguimento nos estudos experimentais (MCGUIRE, 1993, p.16-17).

Em 1912, quando Jung vai a público através de Conferências na Universidade de Fordham, em Nova Iorque, em sua tomada de posição, uma vez que seu nome esteve ligado à psicanálise. Esclarece que é de se esperar que um método inventado em proveito da humanidade esteja sujeito a erros e imperfeições na aplicação de seus métodos, visto ter trabalhado durante vários anos para se inteirar do conhecimento antes de levantar qualquer crítica que se baseie na

experiência de dez anos que esteve dentro do movimento psicanalítico, “jamais comparados à experiência e conhecimentos de Freud” (JUNG, 1989, p. 93).

Segundo Jung, o rompimento não foi na psicanálise e adota como diretriz a regra pragmática da obra de William James, **Pragmatism** (1907) para uma melhor explicação:

Você deve admitir o valor prático de cada palavra e colocá-lo em ação dentro da corrente de sua experiência. Isto parece menos, então, uma solução do que um programa de mais trabalho e mais, sobretudo, uma indicação dos meios pelos quais se podem mudar realidades existentes. As teorias tornam-se, portanto, instrumentos e não respostas a enigmas, em que possamos nos apoiar. Não nos detemos nelas. Nós avançamos e, por vezes, mudamos a natureza com sua ajuda (JUNG, 1989, p. 93).

Jung já vinha sinalizando, em diversos escritos anteriores de seu interesse, em olhar a psicologia de forma mais ampla e não fixar em uma realidade absoluta, já que Freud sustentava de forma precisa que a mistura de um elemento sexual no trauma é uma característica concomitante à atividade patológica, como se a experiência patogênica fosse uma experiência sexual (JUNG, 1989, p. 111).

O grande problema do conceito de sexualidade e seu sentido para Jung deveria ser compreendido como uma função plenamente desenvolvida, restringindo-a então ao período da maturidade, não tendo razão para antecipá-la e falar de uma sexualidade infantil. Freud, em consequência de seu ponto de vista, aponta a sexualidade concebida como unitária, se dissolvendo numa multiplicidade de instintos singulares, por assim dizer no genital, a admitir a existência de zonas erógenas que, no seu entender, seriam a boca, a pele, o ânus, etc., de onde flui a sexualidade em geral (JUNG, 1989, p. 92).

Jung reconhece e descreve como genialidade e grande mérito de Freud os problemas por ele levantados em seus trabalhos de observação empírica sobre a natureza psicosexual da histeria e elevadas contribuições nos estudos da neurose. Nem mesmo um adversário incondicional de Freud poderia negar este mérito. Somente a psicologia empírica seria insuficiente determinar que apenas um fator exclusivo de respostas determinantes frente a um componente tão amplo e tão importante como a psique humana (JUNG, 1989, p. 2).

O historiador Shamdasani (2003) relata que Jung, ao romper com a Psicanálise, usou a expressão *psicologia analítica* para designar sua psicologia. Na década de 1930, rebatizou com o nome de *psicologia complexa*, para se referir aos métodos práticos da análise psicológica e aos estudos das complexidades da psicologia. Porém, na comunidade inglesa, a expressão

utilizada foi a de *psicologia analítica*, que passou a ter forte influência na língua inglesa depois da Segunda Guerra Mundial.

Jung amplia suas ideias desde suas teorias sobre o complexo; dos tipos psicológicos; dos arquétipos do inconsciente coletivo às condições de possibilidades da Psicologia, o qual parece estar mais próximo das inquietações das quais James também se preocupava. Em 1929, Jung compara o estado vigente da Psicologia ao da Filosofia natural da Idade Média, na qual só existiam opiniões sobre fatos desconhecidos e escreve vinte anos depois, em 1951:

Nossa experiência psicológica ainda é muito jovem e pouco extensa para nos permitir teorias gerais. Por algum tempo ainda, o pesquisador precisará de uma quantidade de fatos capazes de esclarecer a essência da alma, antes de sequer sermos capazes de pensar em fazer propostas universalmente válidas (SHAMDASANI, 2003, p. 26).

As questões quanto à preocupação sobre o *status* científico da Psicologia, de modo que ela pudesse dialogar com outras ciências relevantes a seu progresso, são retomadas ao longo de toda a obra de Jung, criando assim uma operação combinatória. A essa preocupação acerca da interconexão da psicologia em diversos fatores, foi trazida em sua obra **Transformações e Símbolos da Libido** (1911-1912), um livro que muda e aprofunda muitas coisas sobre as raízes, dividida em dois contextos. Primeiramente, em 1911, do percurso histórico sobre a questão dos sonhos e dos símbolos, e, na segunda parte, a divergência teórica entre ele e Freud. Em decorrência, escreve, em 1913, uma carta aos editores da recém-fundada **Psychoanalytic Review**:

Está além dos poderes de uma pessoa, mais especialmente dos médicos, de dominar o conhecimento dos múltiplos domínios das ciências mentais que deveriam lançar alguma luz sobre a anatomia comparada da mente [...] precisamos não só do trabalho dos psicólogos médicos, mas também do esforço de filólogos, historiadores, arqueólogos, mitólogos, estudiosos do folclore, etnólogos, filósofos, teólogos, pedagogos e biólogos (SHAMDASANI, 2003, p. 30).

Jung dá importância às colaborações interdisciplinares e questiona a grande fragmentação das ciências à sua época, preocupado em discutir e criar veículos que dialogassem de fatos, conhecimentos e interesse geral disponíveis ao público instruído, e não ter de “esquadrinhar dezenas de periódicos que não tem condições de assinar, e folhear milhares de livros, desperdiçando uma vasta quantidade de tempo, até enfim chegar a algo que considere proveitoso” (SHAMDASANI, 2003, p. 35).

A enorme extensão do conhecimento excede a capacidade de um único cérebro que sozinho conseguisse compor uma síntese envolvendo inúmeras partes, provenientes de todos os departamentos. Até mesmo o maior dos gênios, equipado com uma memória poderosamente fabulosa, seria forçado a permanecer um diletante incompetente quanto a alguns aspectos importantes (SHAMDASANI, 2003, p. 33).

Ao escrever a obra **Tipos Psicológicos**, em 1921, Jung tenta desenvolver uma psicologia crítica na forma de uma tipologia psicológica, predominando ainda as abordagens positivista e experimental. Suas reflexões sobre as questões relativas ao *status* científico da Psicologia tiveram um papel fundamental no modo como ele elaborou e reformulou sua psicologia, dando a ela o nome de Psicologia complexa, a partir de uma ciência superordenada (SHAMDASANI, 2003). As inquietações de Jung eram as mesmas de James, já que conceitos como sensibilidade, sentimento, razão, entendimento, deixava-os impotentes. Por isso, a psicologia deveria se organizar de maneira sistemática como qualquer outra ciência e estabelecer uma definição exata dos conceitos (SHAMDASANI, 2003).

A essa forma sistemática e também de unificar o saber e seus procedimentos, Jung retoma um importante recurso utilizado pela psicanálise, foi a de que todo analista deveria passar por uma análise didática, uma prática que se diferenciava das formas rivais de psicoterapia, garantindo também, em última instância, sua continuidade. Essa análise didática compreende-se na tríade da formação técnica de um analista pela psicanálise: a análise individual, a supervisão dos casos clínicos e sua posição vinculada à Escola na transmissão da psicanálise. Nos trabalhos de Jung, no Burghölzli, os integrantes das pesquisas experimentais com o teste associações de palavras, autossubmetiam-se aos testes e, quando queriam analisar os sonhos de outra pessoa, era de costume pedir para fazerem isso com quem já fosse experiente na análise de sonhos, analisados por Jung, Bleuer, e mais tarde por Freud e Firenczi.

Jung relata que após o primeiro e único contato inicial entre ele e James, em 1909, quando se encontram pela primeira vez na Conferência realizada na Universidade de Clark, nos Estados Unidos, quando Freud também estivera, marcou para ele uma percepção quanto à extensa e abrangente significação e possibilidades da pesquisa psíquica que ele se interessava e questionava. Essa inquietação era como um meio de ter acesso à psicologia do inconsciente, já que para ele, James era capaz de aceitar as coisas e deixá-las se desenrolar naturalmente, sem submeter sua correlação com este ou aquele viés teórico (SHAMDASANI, 2003).

Interessando-se pela filosofia pragmática de James, como grande importância à psicologia, Jung afirma ter sido James, a única mente notável com quem pôde manter uma conversa descomplicada, compreendendo a essência dos distúrbios psíquicos no âmbito da alma humana como um todo. Na referida conferência, os dois autores conversaram sobre assuntos que não estavam na pauta das palestras, como parapsicologia, espiritualismo e curas pela fé, assuntos de interesse do psiquiatra suíço que não encontravam ressonância junto a Sigmund Freud. Jung encontrou em James o que buscava, ver as coisas de forma correta e não apenas em um determinado viés (SHAMDASANI, 2003).

James reforçava o ponto de vista universalista de Jung, evidenciando o cuidado para não entrar de maneira direta com o objeto de estudo, estreitando seu horizonte intelectual. Contudo, a relação entre eles não teve oportunidade de se desenvolver, estando juntos apenas em duas conversas, visto que James já estava doente e morreu no ano seguinte, em 26 de agosto de 1910 (SHAMDASANI, 2003).

James, ao retomar o método de estudo **Pragmatismo**, apresentado em Conferências, aponta, na história da filosofia, há um choque de temperamentos humanos e discute as atitudes dos filósofos que buscavam compreender as disposições do aparelho psíquico e formar conceitos à atividade pensante através dos pontos de vista do empirismo e ideologismo ao modelo teórico de verdades a ser seguido, em que o filosofar é algo vinculado à condição do filósofo e sua posição frente às suas questões internas e pessoais, caracterizadas por seu tipo próprio de temperamento. Isso afetaria pontos de vista diferentes à maneira de se estudar o objeto. Ainda ressalta a importância “de se buscar na filosofia os resultados que trazem em si, as minúsculas fendas para as mais amplas vistas para um trabalho, sejam elas de conflito, divergências e explicações” (JAMES, 1907, p. 6).

Há quem diga que Jung, ao se aprofundar nas teorias de James, viu àquele momento uma forte relação quanto da teoria do choque de temperamentos e suas questões internas e pessoais serem fatores dificultadores na escrita da história filosófica, no essencial para o entendimento da história da psicologia, remetendo, supõe-se, às questões com Freud. Para tanto, frente à pluralidade e abordagens metodológico-científica na definição de práticas de verdades na compreensão da complexidade psíquica, retomar o método filosófico do **Pragmatismo** seria uma importante possibilidade de entendimento e unificação de verdades.

5.4 FREUD SE DESPEDE DE JUNG E SINALIZA NOS TEXTOS “A HISTÓRIA DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO” (1914) E “SOBRE O NARCISISMO: UMA INTRODUÇÃO” (1914), QUE SE SEGUE SÓ

A obra de Freud de 1914-1916, com os artigos “A história do movimento psicanalítico” e “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), trata da situação das fortes discordâncias, a princípio por Adler, em 1910, e com Jung, em 1913-1914. Embora por muitos anos a opinião popular continuasse a insistir que havia “três escolas de psicanálise”, já que ambos persistiram em descrever suas teorias como “psicanálise”, o argumento de Freud finalmente prevaleceu. Adler escolhera a designação de “Psicologia Individual” para suas teorias e, logo depois, Jung adotou para as suas “Psicologia Analítica” (FREUD, 1996).

Tanto Freud quanto Jung expressaram o rompimento da relação em suas escritas: Freud, com “A História do Movimento Psicanalítico” (1914), e Jung, em “Símbolos da transformação” (1911). Ambos definem uma nova abertura de seus trabalhos com algumas reformulações no desenvolvimento futuro de suas teorias. Em Freud, ele reporta em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), ao lançar bases para uma futura dualidade pulsional na forma de duas libidos, a do eu e do objeto, cada qual implicando uma escolha de objeto segundo o tipo narcísico ou o tipo de ligação. Mais tarde, faz reelaboração total de sua concepção dualista das pulsões, em que sobressai a pulsão de morte. Aprofunda-se mais ainda, em **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905) e, em 1920, no **Além do princípio do prazer** com algumas formulações de que existe na satisfação libidinal um caráter paradoxal.

Em 1914, Freud publica o artigo “Sobre o Narcisismo”, um texto que, segundo Jones, Freud já vinha escrevendo desde 1909, importante na evolução e introdução de novos conceitos, traçando novas distinções e penetrando nos problemas mais profundos das relações entre o ego e os objetos externos, traçando a nova distinção entre “libido do ego” e “libido objetal”. Na realidade, um dos motivos de Freud para escrever esse artigo foi, sem dúvida, demonstrar que o conceito de narcisismo²⁵ oferece uma alternativa à “libido” não-sexual de Jung. Para Freud, o “Narcisismo” teve um parto difícil e trouxe todas as marcas de uma deformação correspondente (FREUD, 1914/1916, p. 78).

²⁵ O termo narcisismo deriva da descrição clínica escolhido por Havelock Ellis (1898) e Paul Näcke (1899) para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado, que o contempla até obter satisfação completa dessas atividades.

No segundo texto ao manifesto de Freud quanto à teoria da libido, traz em seu texto “O Narcisismo”, assegurou-se ser provável que uma localização da libido merecesse ser descrita como narcisismo. Ao ocupar-se com a concepção de narcisismo primário e normal de quando Kraepelin fez sua tentativa de reconhecê-lo na demência precoce ou na esquizofrenia por Bleuler, estariam nelas, a teoria da libido quando aos desvios de seu interesse no mundo externo de pessoas e coisas sem substituí-las por outras na fantasia dirigida para o ego, dando margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo. A esses tipos de pacientes Freud usa o termo parafrênicos, podendo ser aplicado apenas nesse o termo “introversão” da libido, empregado por Jung (FREUD, 1996, p. 82).

No caminho de Freud à concepção da teoria da psicanálise, tenta manter a psicologia isenta de tudo que lhe seja diferente em natureza, inclusive as linhas biológicas. Por isso, a hipótese de instintos do ego e instintos sexuais separados, tendo para tanto, a teoria da libido, já que as demais linhas estão longe de repousar numa base psicológica, extraindo seu principal apoio da biologia, estando disposto a abandonar essa hipótese se o próprio trabalho psicanalítico vier a produzir alguma outra hipótese mais útil sobre os instintos, com mais fundamento. Decerto, a energia sexual (a libido) seria apenas o produto de uma diferenciação na energia que atua generalizadamente na mente, especulações que outra ciência ainda não apresentou as conclusões finais.

“A História do Movimento (...)” é marcada por três períodos: o primeiro de 1902, quando Freud foi o único interessado sobre a teoria da psicanálise; 1910, quando os pontos de vista psicanalíticos começaram a se estender a círculos mais amplos; e, por fim, quando Adler e Jung se afastam das descobertas da psicanálise (FREUD, 1996). Freud escreve em carta a Fliess sobre o símbolo visto numa foto de um navio e traduzido por ele: “as ondas o abalam, mas não o afundam”, comparado ao seu próprio estado de espírito, declarando que a psicanálise é criação sua, sendo ele a única pessoa em dez anos a se interessar por ela, e todo o desagradado que o novo fenômeno despertou em seus contemporâneos havia caído sobre ele em formas de críticas (FREUD, 1996).

Desde as descobertas em conjunto com Breuer, descritas de maneira mais detalhada no primeiro capítulo desta pesquisa, o fundamental delas era o fato de que os sintomas de pacientes histéricos se baseavam em cenas do seu passado, causando-lhes grande impressão, mas esquecidas – traumas. Utilizava-se da terapêutica hipnose (catarse) que fazia vir à tona lembranças reproduzindo as experiências, segundo o qual os sintomas representavam um emprego anormal de doses de excitação que não haviam sido descarregadas (conversão)

(FREUD, 1996). Freud relata que sua primeira divergência com Breuer surge de uma questão relativa ao mecanismo psíquico mais apurado da histeria, já que Breuer dava preferência a teorias ainda fisiológicas:

Tentava explicar a divisão mental nos pacientes histéricos pela ausência de comunicação entre vários estados mentais (“estados de consciência”, como os chamávamos naquela época), e construiu então a teoria dos “estados hipnoides” cujos produtos se supunham penetrar na “consciência desperta” como corpos estranhos não assimilados. Eu via a questão de forma menos científica; parecia discernir por toda parte tendências e motivos análogos aos anos da vida cotidiana, e encarava a própria divisão psíquica como o efeito de um processo de repulsão que naquela época denominei de “defesa”, e depois de “repressão”. [...] dentro de pouco tempo minha teoria da “defesa” passou a se opor à teoria “hipnoide” de Breuer (FREUD, 1996, p. 21).

Para Freud, o rompimento entre eles se passava por causas mais profundas em que Breuer se ocupara da posição de um dos primeiros a se desconfortar com a teoria da sexualidade, que estava se construindo. Apesar de Freud relatar uma passagem em que Breuer afirmara que, sobre o caso clínico de Anna O., observara: “o elemento de sexualidade estava surpreendentemente não desenvolvido nela”, não foram suficientes para ele. Quanto a esta afirmação de Breuer, de nada os críticos levantaram atenção para isso, já que sobre a história do caso clínico percebe de imediato o simbolismo nele existente. Mas Breuer interrompe qualquer investigação subsequente sobre essa questão e, quando Freud começa cada vez mais a chamar a atenção para a significação da sexualidade na etiologia das neuroses, Breuer é o primeiro a manifestar repúdio, “quando fez sua descoberta indesejável” (FREUD, 1996, p. 27).

Freud deixa claro que apresentou provas irrefutáveis de que a origem das forças impulsionadoras da neurose estava na vida sexual e comenta:

O consolo que tive em face da reação negativa provocada, mesmo no meu círculo de amigos mais íntimos, pelo meu ponto de vista de uma etiologia sexual das neuroses – pois formou-se rapidamente um vácuo em torno de mim –, foi o pensamento de que estava assumindo a luta por uma ideia nova e original. Mas, um belo dia, vieram-me à mente certas lembranças que perturbaram esta ideia agradável, mas que, por outro lado, me proporcionaram uma percepção (*insight*) valiosa dos processos da atividade criativa humana e da natureza dos acontecimentos humanos. A ideia pela qual eu estava me tornando responsável de modo algum se originou em mim. Fora-me comunicada por três pessoas cujos pontos de vista tinham merecido meu mais profundo respeito – próprio Breuer, Charcot e Chrobak, o ginecologista da universidade, talvez o mais eminente de todos os nossos médicos de Viena (FREUD, 1996, p.23).

As teorias de Freud, iniciadas pela teoria da repressão e da resistência, o reconhecimento da sexualidade infantil e a interpretação e exploração dos sonhos são fontes de principal interesse a Freud em torno do inconsciente. Ele sempre acenou, desde seu ingresso na Universidade, de início, pela anatomia do cérebro e sobre a indução experimental de paralisias históricas, dando anúncios, em 1882, sobre seu estudo da **Elektrotherapie de Erb**, quando adotou a fisioterapia para estudar os resultados desapontadores deste estudo chegando à época, por conta própria, aos mesmos resultados que mais tarde comprovara à conclusão de August Moebius (1790-1868) de que os êxitos do tratamento elétrico em doentes nervosos são efeitos de sugestão (FREUD, 1996).

À sexualidade infantil, na qual se fundamenta a primeira parte da história da psicanálise, muito antes dela se tornar um dos pilares de sua teoria, Freud relata não ter pensado nisso, observando apenas que os efeitos das experiências presentes tinham de ser remontados a algo no passado. Encontrou mais que o procurado, pensando parar na puberdade, já que é um período ao qual se atribui o despertar dos impulsos sexuais. Foi puxado ainda mais para trás, à infância e aos seus primeiros anos, o que conjuntamente veio também quanto à origem traumática da histeria as tais cenas da fantasia, o que não se trata aprofundar de tais conceitos como os de trauma e fantasia – demandaria outra pesquisa. A questão trata-se aqui apenas de levantar que “essas fantasias destinavam-se a encobrir a atividade auto-erótica dos primeiros anos de infância, embelezá-la e elevá-la a um plano mais alto. E agora, detrás das fantasias, toda a gama da vida sexual da criança vinha à luz” (FREUD, 1996, p. 27).

A atividade sexual infantil seria uma constituição herdada do indivíduo. Questões como a disposição, que exagera impressões e que de outra forma teriam sido inteiramente comuns e sem efeito algum de modo a transformá-las em traumas e da experiência que despertam fatores na disposição, que sem elas poderiam ter ficados adormecidos por muito tempo e talvez nunca se desenvolvessem, estão ligadas de forma indissolúvel. Anos depois, após Freud ter analisado adultos, pôde ter êxito em sua tese ao confirmar suas deduções nas observações diretas e na análise de crianças muito pequenas “quanto mais se levassem adiante as observações em crianças, mais evidentes os fatos se tornavam; porém o mais surpreende de tudo era constatar que tivesse havido tanta preocupação em menosprezá-los” (FREUD, 1996, p. 28).

A convicção quanto à existência e importância da sexualidade infantil é obtida pelo método da análise clínica, partindo-se dos sintomas e peculiaridades dos neuróticos e acompanhando-os até suas últimas fontes, cuja descoberta explica o que há nelas de explicável

e permite que se modifique o que há de modificável. Os problemas tocantes à sexualidade e à sua relação com a vida total do indivíduo não podem ser eliminados pela especulação, ainda que sejam mediante a observações de outros campos de trabalhos (FREUD, 1996).

Com o relato da segunda parte da história da psicanálise, **A Interpretação dos Sonhos**, e agora sobre a teoria da sexualidade e a questão do conceito de libido, Freud diz ter aberto mão de sacrificar sua crescente popularidade como médico, restringindo o número de clientes em suas horas de consultas a fim de proceder a uma investigação sistemática dos fatores sexuais em jogo nas causas das neuroses de seus pacientes, levando-o a forte convicção quanto à importância do fator sexual:

Ingenuamente dirigi-me a uma reunião da Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena, presidida então por Krafft-Ebing²⁶ na esperança de que as perdas materiais que voluntariamente sofri fossem compensadas pelo interesse e reconhecimento dos meus colegas. Considerava minhas descobertas contribuições normais à ciência e esperava que fossem recebidas com esse mesmo espírito. Mas o silêncio provocado pelas minhas comunicações, o vazio que se formou em torno de mim, as insinuações que me foram dirigidas, pouco a pouco me fizeram compreender que as afirmações sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses não podem contar com o mesmo tipo de tratamento dado ao comum das comunicações. Compreendi que daquele momento em diante eu passara a fazer parte do grupo daqueles que “perturbaram o sono do mundo”, como diz Hebbel e que não poderia contar com a objetividade e tolerância. Entretanto, desde que minha convicção quanto à exatidão geral de minhas observações e conclusões era cada vez maior, e que a confiança no meu próprio julgamento e minha coragem moral não era exatamente o que se pode chamar de pequena, o resultado da situação não poderia ser posto em dúvida. Dispus-me a acreditar que tinha tido a sorte de descobrir fatos e ligações particularmente importantes, e resolvi aceitar o destino que às vezes acompanha essas descobertas (FREUD, 1996, p. 31).

Freud reconheceu os grandes méritos da Escola de Zurique na difusão da psicanálise com gratidão, em especial, a Bleuler e Jung, embora Freud afirmasse que o período de latência sobre suas pesquisas e sua difusão tinham terminado e por toda a parte a psicanálise se tornava objeto de interesse cada vez maior. Embora as circunstâncias tenham mudado entre Freud, Bleuler e Jung, a psicanálise despertava tanto a atenção do mundo científico quanto tornara objeto de repúdio. Em relação à Europa ocidental, Viena ocupara uma posição marginal, tendo os representantes das nações mais importantes reunidos na Suíça, onde a atividade intelectual era tão vívida. Segundo Freud, o foco de infecção ali estava destinado a ser de grande

²⁶ R. von Krafft-Ebing (1840-1903) foi professor de Psiquiatria em Estrasburgo 1872-2, em Graz 1873-1889, onde também dirigiu o hospital de alienados daquela província, e em Viena (1889-1902). Distinguiu-se também pelos seus trabalhos no campo da criminalogia, neurologia e psicopatia sexual (FREUD, 1996, p.31).

importância para a difusão da “epidemia psíquica”, como Alfred Hoche (1865-1943) de Freiburg a denominou, um professor alemão de psiquiatra que manifestava de forma veemente e injuriosa seus ataques à psicanálise, em 1901, como “Uma Epidemia Psíquica entre os Médicos” (FREUD, 1996, p. 37).

Em decorrência de sua presença e de Jung para palestrarem na Clark University, em Massachusetts, em 1909, em comemoração ao aniversário de 20 anos da instituição onde foi debatido de forma livre e cientificamente as concepções que na vida comum é censurável, a psicanálise passa a ser discutida também nos Estados Unidos, Inglaterra, Índia, Canadá e Austrália e ainda há informações na América do Sul, em que um médico no Chile falou a favor da existência da sexualidade infantil no Congresso Internacional de Buenos Aires, em 1910. França, Itália, Madri, Inglaterra e Estados Unidos mantêm vivo o interesse pela psicanálise, cada qual à sua maneira, seja em círculos literários, centros de estudos, academias, etc. A expansão da psicanálise estendeu-se desde o campo das neuroses e psiquiatra a outros campos no espaço processou-se uma expansão no seu conteúdo (FREUD, 1996, p. 43).

Também a partir de **A Interpretação dos Sonhos** com a expansão da psicanálise no espaço, processou-se uma expansão no seu conteúdo e Freud não se opunha a supor que a existência de condições psicológicas haveria de ultrapassar a área do conhecimento na qual tinham sido descobertos. A análise também revelou sua conexão com a vida mental normal e desvendou relações insuspeitadas entre a psiquiatria e as demais ciências que lidam com a atividade da mente. Como certos sonhos típicos que oferecem explicações míticas e contos de fada dos quais Franz Riklin (1908) e Abraham (1909) seguiram nessa pista iniciando pesquisas dos mitos, atendendo as mesmas exigências de padrões técnicos nas obras de Otto Rank (1884-1939) sobre mitologia (FREUD, 1996).

Investigações posteriores sobre o simbolismo dos sonhos levaram ao âmago dos problemas da mitologia, do folclore, o que Jung demonstrou em um dos Congressos psicanalíticos a relação correspondente entre as fantasias esquizofrênicas e as cosmogonias dos tempos e raças primitivos, com elaboração interessante por parte de Jung, em obras que tentavam correlacionar as neuroses com fantasias religiosas e mitológicas. **A Interpretação dos Sonhos** abriu ainda outras pistas à Freud quanto à análise de obras de imaginação e, por fim, à análise de seus criadores – os escritores e artistas, como descritos por ele no artigo de 1913, “A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de contos de fada” (FREUD, 1996).

Apesar das grandes contribuições de Jung à teoria da psicanálise, era como se nesse desfecho entre eles, Jung combatesse o que antes defendia. Para Freud, as afirmações de Jung

e dos suíços não eram reconhecidas por ele como legítimas, já que o desenvolvimento delas se originou na psicanálise. Era como se os suíços pensassem que a ética e a religião viessem a ser tomadas como sexualizadas. Para Freud, haveria de se considerar que o material das ideias sexuais pertencentes ao complexo de família e à escolha de objetos incestuosos, utilizado na representação dos interesses éticos e religiosos como elevação do homem, seria um importante questionamento de sublimação das forças eróticas instintivas e de sua transformação em tendências que não poderiam mais ser chamadas de eróticas à rejeição da teoria freudiana dos instintos. Para Freud, Jung não tinha condição de enfrentar essa tormenta de indignação, ainda que estivesse presente no íntimo dele, que, talvez, por questões herdadas de sua cultura e os de eliminar o lado reprovável dos complexos familiares para não voltar a encontrá-lo na religião e na ética, tinha de ser algo de origem mais “elevada” (FREUD, 1996).

Para Freud, não é difícil, refutar com os argumentos concretos as concepções errôneas de Jung sobre a psicanálise e os desvios dela. Toda análise conduzida de maneira adequada e, em particular, toda análise de criança fortalece as convicções sobre as quais se fundamenta a teoria da psicanálise. A observação e técnica da psicanálise são materiais que por certo podem ser submetidas a reinterpretações semelhantes no decorrer do tempo (FREUD, 1914, 1916).

A teoria do Complexo de Édipo representa apenas um tópico com os quais as forças mentais do indivíduo têm de lidar, e não é em si próprio, como Jung encontra de ser ele uma força como a “inércia psíquica”, um mito que representa de maneira simbólica algumas renúncias a fim de tornar-se independentes. Quanto à teoria sexual da neurose, outras partes do material das ideias sexuais serão, por certo, submetidas a reinterpretações semelhantes no decorrer do tempo, “em lugar de um conflito entre as tendências eróticas ego-distônicas e as autopreservadoras, surge um conflito entre as ‘tarefas da vida’ e a ‘inércia psíquica’; o sentimento de culpa do neurótico corresponde a sua autorrecriminação por não cumprir adequadamente seu ‘trabalho de viver’ em que o conflito de um neurótico torna-se compreensível e admite solução somente quando é remontado à sua pré-história, quando uma pessoa volta atrás ao longo do caminho que sua libido seguiu quando ela adoeceu (FREUD, 1996).

Freud confessa ter tido dificuldades de escrever sobre a análise do caso clínico Schreber, em 1911, baseado na biografia do mesmo, avançando no entendimento da paranoia. Ele estende o conceito de libido desistindo de seu conteúdo sexual, identificando a libido com o interesse psíquico em geral como ao argumento de Jung. Mas Freud não se sentiu seguro se a retirada da libido seria em si mesma suficiente para acarretar a perda da função normal da realidade. Freud

acredita que Jung, no comentário sobre esse caso, tenha se desviado inteiramente seu interesse sexual dos seres humanos. Contudo, pode tê-lo sublimado num interesse elevado pelo divino, pela natureza, ou pelo reino animal, sem que sua libido tenha sofrido introversão até suas fantasias ou retorno a seu ego. Pode-se, então, repudiar a asserção de Jung, segundo a qual a teoria da libido não só provocou danos na tentativa de explicar a demência precoce, como também, é eliminada em relação às outras neuroses.

Freud reconhece que a teoria do conhecimento psicológico sobre os instintos é de difícil compreensão e de uma região obscura, aparecendo num ponto relativamente tardio da sequência de seus escritos, não sendo encontrado nas obras do período de Breuer, ou na correspondência com Fliess, ou mesmo em **A Interpretação dos Sonhos** (1900), mas somente a partir dos **Três Ensaios** (1905). Contudo, Freud já o utilizava sob outro nome, expressões como: excitações, ideias afetivas, impulsos anelantes, estímulos endógenos e assim por diante. Mas o conceito era o de uma manifestação de “tensão sexual somática”, o que, na introdução do conceito de “narcisismo”, originou uma complicação ainda maior (FREUD, 1996).

O ponto crucial da classificação dos instintos e melhor esclarecimentos foi feita por Freud e alcançado em **Além do princípio do prazer** (1920), considerando que a “libido narcisista era, sem dúvida, uma manifestação da força do instinto sexual” e que “tinha de ser identificada com os ‘instintos autopreservativos’”. A partir do novo terreno que suas teorias vão avançando, regressivamente também vão se conectando. Um exemplo é quando se vê por demais inclinados a pensar que o conflito subjacente a uma neurose chega ao fim quando se forma o sintoma, que, na verdade, depois disso a luta pode continuar de diversas maneiras, de todos os lados surgem novos componentes instintuais que a prolongam. O próprio sintoma se torna um objeto dessa luta, entra em conflito com outras que se esforçam por removê-la e restabelecer o *status quo ante* (FREUD, 1996, p. 50).

A carta de Freud a Jung, do ano de 1913, contém a proposta de que abandonassem, por completo, suas relações pessoais, quando de fato, em 1914, a relação se rompe definitivamente. Freud diz, nessa carta, que “um homem deve subordinar os seus sentimentos pessoais aos interesses gerais do seu ramo de empreendimentos”. É visível também o esforço de Freud em separar a teoria da amizade, elogiando por diversas vezes o livro de Jung. Portanto, essa radical tomada de posição de Freud distingue a psicanálise, definitivamente, da teoria que Jung desenvolvia, a que Freud chamou de mística (MCGUIRE, 1993, p. 545-546).

Para Freud, essa extensão da teoria da libido, em sua opinião, é legítima, recebendo reforço de suas observações e conceitos sobre a vida mental das crianças e dos povos primitivos.

Tudo que se observou foram emanções da libido às catexias objetais que podem ser transmitidas e retiradas novamente – um investir e desinvestir –, uma antítese entre a libido do ego e a libido objetal. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. Somente quando há catexia objetal é que é possível discriminar uma energia sexual – a libido – de uma energia dos instintos do ego (FREUD, /1996).

O indivíduo que leva de fato uma existência dupla é complexo para Freud, já que tenta em geral manter a psicologia isenta de tudo que lhe seja diferente em natureza, inclusive das linhas biológicas de pensamento. No entanto, têm-se ainda encontrado dificuldades para tal sustentação, admitindo que instintos do ego e instintos sexuais separados (a teoria da libido) está longe de repousar inteiramente numa base psicológica, ainda que grandes esforços a acompanhem e coloquem-se em coerência ao seu abandono se o trabalho psicanalítico vier a produzir alguma outra hipótese mais útil sobre os instintos:

Uma para servir suas próprias finalidades e a outra como um elo numa corrente, que ele serve contra sua vontade ou pelo menos involuntariamente. O indivíduo considera a sexualidade como um dos seus próprios fins, ao passo que, de outro ponto de vista, ele é um apêndice de seu germoplasma, a cuja distinção põe suas energias em troca de uma retribuição de prazer. Ele é o veículo mortal de uma substância (possivelmente) imortal – como o herdeiro de uma propriedade inalienável, que é o único dono temporário de um patrimônio que lhe sobrevive. A separação dos instintos sexuais dos instintos do ego simplesmente refletiria essa função dúplice do indivíduo. Em terceiro lugar, devemos recordar que todas as nossas ideias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa estrutura orgânica. Isso torna provável que as substâncias especiais e os processos químicos sejam os responsáveis pela realização das operações da sexualidade, garantindo a extensão da vida individual na espécie. Estamos levando essa probabilidade em conta ao substituímos as nossas substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais (FREUD, 1996, p. 86).

Freud acredita que, com maior fundamento, a energia sexual (libido) seja apenas o produto de uma diferenciação na energia que atua de forma generalizada na mente, mas tão assertiva não tem relevância, relacionando-se com assuntos que se acham ainda muito afastados dos problemas dessas observações e a respeito dos quais se conhecem tão pouco, portanto, não devendo contestá-lo ou afirmá-lo. Todas essas especulações não chegaram a parte alguma. Não se pode então esperar que outra ciência nos apresente as conclusões finais sobre a teoria dos instintos. Vê-se muito mais objetivo buscar que luz pode ser lançada sobre esse problema básico da biologia por uma síntese de fenômenos psicológicos (FREUD, 1996).

Nessa fase final da separação já consumada, Freud diz que gostaria de ter sido poupado dos efeitos argumentativos de Jung em relação à teoria da libido, já que poderiam ter sido provados de forma natural se Jung, em 1912, tivesse seguindo até o fim o caminho trilhado no caso Schreber. Para Freud, sem qualquer discussão de suas premissas e dificuldades de análise deste caso, Jung não reconheceu a estender o conceito de libido –“que a introversão da *libido sexualis* conduz a uma catexia do ego e, que possivelmente é isso que produz o resultado de uma perda da realidade” –, como uma realidade tentadora de explicar a psicologia da perda da realidade. Contudo, Jung utilizou da afirmação categórica e prematura, erradicando todos os traços de interesse sexual à genitália, podendo ter desviado o seu interesse dos seres humanos, sublimado no interesse elevado pelo divino, pela natureza ou pelo reino animal, sem que tenha a sua libido sofrido introversão até suas fantasias ou retorno ao seu ego (FREUD, 1996, p. 88). Em fevereiro de 1914, conclui:

A psicanálise sobreviverá a essa perda e a compensará com a conquista de novos partidários. Para concluir, quero expressar o desejo de que a sorte proporcione um caminho de elevação muito agradável a todos aqueles que acharam a estrada no submundo da psicanálise desagradável demais para se gosto. E possamos nós, os que ficamos, desenvolver até o fim, sem atropelos, nosso trabalho nas profundezas (FREUD, 1996, p.74).

Nessa despedida, a relação entre Freud e Jung se encerra definitivamente, marcado entre eles no fundamental da continuidade de suas pesquisas, o interesse comum: o inconsciente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, procuramos demonstrar a importância da obra de Sigmund Freud, em **A Interpretação dos Sonhos** (1900), e sua influência nas primeiras publicações de Jung sobre a **Psicogênese das doenças mentais**, em especial no artigo “A Psicologia da demência precoce” (1907), estabelecendo um diálogo. O ponto de referência foram seus interesses nos estudos da realidade psíquica, compreendendo esse campo como uma forma de existência especial em que não deveria ser confundida com a realidade da matéria. A constatação que se impôs a esta pesquisa é a de que os afetos desempenham um papel etiológicamente determinante no aparecimento dos sintomas e complexos de representações calcados no afeto, postos à prova nos trabalhos da livre associação em Freud e no teste de associação de palavras de Jung.

O aperfeiçoamento da técnica psicanalítica trouxe a expressão verbal como um dos componentes mais importantes de nosso pensamento, o duplo sentido da linguagem como uma das pontes preferidas para o truncamento e a expressão inadequada das vivências do afeto. Para Jung, com base em sua experiência pessoal, é impossível entender satisfatoriamente o sentido das primeiras obras de Freud sem um exato conhecimento de **A Interpretação dos sonhos** (JUNG, 1989, p. 11).

Segundo o médico suíço, não existe caso algum que não esteja ligado de perto a outro caso típico, como os casos de afinidade entre a epilepsia e a histeria, que não se diferem, sendo considerados por alguns autores a mesma causa patológica, diferindo-se apenas sob forma, intensidade e duração, fenômenos que se apresentam por proximidades. Não existe a histeria ou a psicose pura. A aproximação entre Freud e Jung se deu justamente por essas proximidades, como nos quadros com a histeria, em que se encontram o delírio e a alucinação e também na verificação de como a consciência vem à tona em estágios profundos do sonho.

A aproximação entre as teorias de S. Freud e C. G. Jung, a partir da obra **A Interpretação dos Sonhos**, permaneceu nos períodos entre 1902 e 1912, quando Jung praticava a psicanálise e estava estreitamente ligado à Freud, deixando de lado os anos de 1913 a 1916, época em que as relações de críticas pessoais entre os dois começaram a surgir e, conseqüentemente, as divergências e separação. A questão revolucionária levantada por Freud e Jung foi constituir estudos que lidam com as diferenças e particularidades individuais, quando, tradicionalmente, a ciência era concebida como exclusivamente voltada para os aspectos universais.

Ambos contribuíram muito para um aumento e aprofundamento do conhecimento na busca de uma compreensão da psique, proporcionando em seus estudos a acreditar que as memórias dolorosas e muito emocionantes da consciência requerem um mecanismo ativo de repressão, em que, no desviar da atenção como no sonho, o inconsciente se coloca. Os dois definiram a existência de uma perseveração da carga emocional que merece ser considerada, pois tem papel importante na patologia do processo associativo.

De fato, S. Freud e C. G. Jung produziram um material histórico que contraria a ordem da racionalidade de ser a consciência o todo do mental, mas apresentaram a experiência daquilo que até então era irrepresentável. Apresentaram, a partir de seus resultados irrefutáveis, os fenômenos inconscientes, de que a consciência se faz como uma pequena parte do mental, da impossibilidade de um domínio puramente racional, na qual, o eu, segundo Freud, não é o senhor de sua própria morada (FREUD, 1917).

Há aqui a complexidade de expor uma teoria em que o próprio autor nunca a formulou de maneira definitiva, pronta ou acabada, tendo Freud, de tempos em tempos, formulado os resultados teóricos obtidos em suas experiências, como um processo em evolução. A despeito da forte expansão que a psicanálise passou a alcançar, Freud dizia que a psicanálise jamais pretendeu oferecer uma teoria completa da atividade mental humana em geral.

De acordo com o historiador Ellenberger, Carl Gustav Jung, e sua psicologia analítica, não deve ser medido pelo parâmetro da psicanálise freudiana mais do que a psicanálise deve ser medida com o parâmetro da psicologia analítica. Ambos devem ser entendidos em termos de sua própria filosofia. As diferenças fundamentais entre os sistemas de Jung e Freud podem ser resumidas da seguinte forma: primeiro, a base filosófica é outra. A análise da psicologia de Jung, como a psicanálise de Freud, é um desdobramento tardio do romantismo, mas a psicanálise também é herdeira do positivismo, do cientificismo e do darwinismo, que a psicologia analítica rejeita como herança regressando às fontes imaculadas do romantismo psiquiátrico e da filosofia da natureza. Segundo, enquanto o objetivo de Freud é explorar parte da mente humana que era conhecido intuitivamente pelos grandes escritores, Jung afirma ter abordado objetivamente e anexado à ciência um reino da alma humana intermediário entre religião e psicologia (ELLENBERGER, 1994).

Para além da troca teórica, os dois pensadores, preocupados com a questão do psiquismo, dialogaram em direção a um objetivo comum: os estudos dos processos inconscientes, com suas importantes inovações no forte enriquecimento do desenvolvimento da ciência.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. F. **Psicologia e Neurociência**: uma avaliação da perspectiva materialista no estudo dos fenômenos mentais. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2003.

BAIR, D. **Jung**: uma biografia. Volume I. São Paulo: Globo, 2003.

BYINGTON, C. A. B. Freud e Jung: Dois Opostos que Formam um Todo. **Jung na Prática**, 2017. Disponível em: <https://www.jungnapratica.com.br/freud-e-jung-dois-opostos-que-formam-um-todo/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. T. Uma reconstituição da estratégia freudiana para a justificação do inconsciente. **Revista Ágora**, v. 11, n. 1, p. 31-51, jan./jun. 2008.

ELLENBERGER, Henri F. **The Discovery of the unconscious**. The history and evolution of dynamic psychiatry. Londres: Fontana Press, 1994.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 6. ed. rev. atualiz. Curitiba: Positivo, 2005.

FREUD, S. **Correspondência de amor e outras cartas (1873-1939)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). *In*: FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. Volume XIV (1914-16). Rio de Janeiro: Imago, 1996r. p. 29.

FREUD, S. Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim (1956[1886]). *In*: FREUD, S. **Publicações Pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Volume I (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 39-59.

FREUD, S. Prefácio à tradução das Conferências sobre as doenças do sistema nervoso, de Charcot (1886). *In*: FREUD, S. **Publicações Pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Volume I (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p.53-59.

FREUD, S. Duas breves resenhas (1887). *In*: FREUD, S. **Publicações Pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Volume I (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p.71-72.

FREUD, S. Histeria (1886). *In*: FREUD, S. **Publicações Pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Volume I (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p.71-94.

FREUD, S. Artigos sobre hipnotismo e sugestão (188-1892). *In*: FREUD, S. **Publicações Pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Volume I (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 101-102.

FREUD, S. Prefácio à tradução de La Suggestion, de Bernheim (1888-9). *In*: FREUD, S. **Publicações Pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Volume I (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996e. p. 111-121.

FREUD, S. Resenha de hipnotismo, de August Forel (1889). *In*: FREUD, S. **Publicações Pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Volume I (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996f. p.135-140.

FREUD, S. Um caso de cura pelo hipnotismo (1892-93). *In*: FREUD, S. **Publicações Pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Volume I (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996g. p.159-164.

FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]). *In*: FREUD, S. **Publicações Pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Volume I (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996h. p. 221-338.

FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica (1950 [1895]). *In*: FREUD, S. **Publicações Pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Volume I (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996i. p. 339-465.

FREUD, S. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (1893). (Breuer e Freud). *In*: FREUD, S. **Estudos sobre a Histeria**. Volume II (1893-1895). Rio de Janeiro: Imago, 1996j. p. 47-51.

FREUD, S. Conversão Histérica. *In*: FREUD, S. **Estudos sobre a Histeria**. Volume II (1893-1895). Rio de Janeiro: Imago, 1996k. p. 231.

FREUD, S. Casos clínicos. *In*: FREUD, S. **Estudos sobre a Histeria**. Volume II (1893-1895). Rio de Janeiro: Imago, 1996l. p. 117.

FREUD, S. Considerações teóricas (Breuer). *In*: FREUD, S. **Estudos sobre a Histeria**. Volume II (1893-1895). Rio de Janeiro: Imago, 1996m. p. 216-217.

FREUD, S. Charcot (1893). *In*: FREUD, S. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Volume III (1893-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996n. p.19-38.

FREUD, S. As neuropsicoses de defesa (1894). *In*: FREUD, S. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Volume III (1893-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996o. p.53-55.

FREUD, S. Lapsos da fala (1901). *In*: FREUD, S. **Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana**. Volume VII (1901). Rio de Janeiro: Imago, 1996p. p.110.

FREUD, S. Equívocos na ação (1901).*In*: FREUD, S. **Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana**. Volume VII (1901). Rio de Janeiro: Imago, 1996q. p. 192.

FREUD, S. A história do movimento psicanalítico (1914). *In*: FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. Volume XIV (1914-16). Rio de Janeiro: Imago, 1996r. p. 29.

FREUD, S. Sobre o narcisismo (1914). *In*: FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. Volume XIV (1914-16). Rio de Janeiro: Imago, 1996s.p. 20-88.

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). *In*: FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. Volume XIV (1914-16). Rio de Janeiro: Imago, 1996t.p. 120-121.

FREUD, S. Parte II. Sonhos (1916[1915-16]). *In*: FREUD, S. **Conferências introdutórias sobre Psicanálise (Partes I e II)**. Volume XV (1915-16). Rio de Janeiro: Imago, 1996u.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Volume IV. (1900). 1. ed. São Paulo:Companhia das Letras, 2019a. p.17.

FREUD, S. A literatura científica sobre os problemas do sonho.*In*: FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Volume IV (1900). 1. ed. São Paulo:Companhia das Letras, 2019b. p.55-115.

FREUD, S. O material e as fontes do sonho.*In*: FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Volume IV (1900). 1. ed. São Paulo:Companhia das Letras, 2019c.p.245.

FREUD, S. O trabalho do sonho.*In*: FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Volume IV (1900). 1. ed. São Paulo:Companhia das Letras, 2019d. p.347-533.

FREUD, S. Psicologia dos processos oníricos.*In*: FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Volume IV (1900). 1. ed. São Paulo:Companhia das Letras, 2019e.p.564-674.

FULGÊNCIO, L. As especulações metapsicológicas de Freud. **Natureza humana**, v. 5, n. 1, p. 129-73, 2003.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente** (1988). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

HALL, C. S.; NORDBY, V. J. **Introdução à psicologia junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1980.

JAMES, W. O que é uma emoção? (1884). Tradução Raphael Silva Nascimento. **Clínica & Cultura**, v. 2, n. 1, p. 95-113, jan./ jun. 2013.

JAMES, W. **Pragmatismo** (1907). Rio de Janeiro: Lidador, 1974.

JAMES, W. **Pragmatismo** (1907). São Paulo: Martin Claret, 2006.

JONES, E. Metapsicologia. *In*: JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Última fase. Volume III (1919-1939). Rio de Janeiro: Imago, 1989.

JUNG, C. G. Psicogênese das doenças mentais. *In*: JUNG, C. G. **Sobre a psicologia da demência precoce**. Volume III (1906-1907). Petrópolis: Editora Vozes, 1960. p. 3-234.

JUNG, C. G. **Freud e a Psicanálise**. Volume IV (1913). Petrópolis: Editora Vozes, 1989. p. 2-55.

JUNG, C. G. Do prefácio de E. A. Bennet. *In*: JUNG, C. G. **A vida simbólica**. Volume 18/1 (1901-1961). Obra completa. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p. 13-19.

JUNG, C. G. Sobre a psicologia dos fenômenos chamados ocultos (Dissertação 1902). *In*: JUNG, C. G. **Estudos psiquiátricos**. Volume I (1902). Obras completas. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011a. p. 10-15.

JUNG, C. G. Os automatismos. *In*: JUNG, C. G. **Estudos psiquiátricos**. Volume I (1902). Obras completas. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011b. p.69.

JUNG, C. G. A mudança de caráter. *In*: JUNG, C. G. **Estudos psiquiátricos**. Volume I (1902). Obras completas. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011c. p.76-81.

JUNG, C. G. Transcurso. *In*: JUNG, C. G. **Estudos psiquiátricos**. Volume I (1902). Obras completas. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011d. p. 92.

JUNG, C. G. Sobre a simulação de distúrbio mental. *In*: JUNG, C. G. **Estudos psiquiátricos**. Volume I (1902). Obras completas. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011e. p. 178.

JUNG, C. G. Estudos diagnósticos de associações. *In*: JUNG, C. G. **Estudos experimentais**. Volume II (1904-1910). Obras completas. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011f. p. 7-568.

JUNG, C. G. **Símbolos da Transformação**. Volume V (1911-1912). Parte I. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Volume VI (1921). Índice analítico. Obras completas. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MCGUIRE, W. (org.). **A Correspondência Completa de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung** (1974-76). Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PONTALIS, J.B. **Entre le rêve et la douleur**. Paris, Gallimard, 1977.

SHAMDASANI, S. **Jung e a construção da Psicologia Moderna: o sonho de uma ciência**. São Paulo: Ideias & Letras, 2003.

SILVEIRA, N. da. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1968.

STAATS, A. W. Unified Positivism and Unification Psychology. **American Psychologist**, v. 46, n. 9, p. 899-912, 1991.